



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

João Filipe Pereira de Sousa

A HISTÓRIA LOCAL E A SUA RELEVÂNCIA PEDAGÓGICO-DIDÁTICA

Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário orientado pela Professora Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro e coorientada pela Professora Doutora Clara Isabel Calheiros da Silva de Melo Serrano, apresentado ao Conselho de Formação de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

17 de outubro de 2023

FACULDADE DE LETRAS

A HISTÓRIA LOCAL E A SUA RELEVÂNCIA PEDAGÓGICO-DIDÁTICA

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	A História Local e a sua relevância pedagógico-didática
Autor	João Filipe Pereira de Sousa
Orientadoras	Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro Clara Isabel Calheiros da Silva de Melo Serrano
Júri	Presidente: Doutor Alexandre Guilherme Barroso de Matos Franco de Sá Vogais: 1. Doutor João Paulo Cabral de Almeida Avelãs Nunes 2. Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro
Identificação do Curso	2º Ciclo em Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
Área científica	Formação de Professores
Especialidade/Ramo	Ensino de História
Data da defesa	17-outubro-2023
Classificação do Relatório	17 valores
Classificação do Estágio e Relatório	18 valores



AGRADECIMENTOS

Ao longo do trabalho realizado, algumas foram as forças externas que o auxiliaram a chegar a bom porto. Cabe nesta secção nomear, nos limites do possível, as individualidades que acrescentaram algo de si a este relatório, seja diretamente ou indiretamente.

Começo por agradecer à Professora Doutora Ana Isabel Ribeiro e à Professora Doutora Clara Isabel Serrano, por orientar e coorientar, respetivamente, este trabalho. Demonstraram-se sempre disponíveis, ajudando para que o trabalho aqui presente estivesse o melhor possível, nomeadamente durante a produção do relatório final presente, com as correções sempre pertinentes, bem com as suas sugestões.

De seguida, gostaria de agradecer à Professora Lília Carvalho, que orientou de forma belíssima o Núcleo de Estágio que lhe foi entregue, permitindo aos docentes estagiários evoluírem, com os seus conselhos. De facto, a carga positiva do Estágio Pedagógico deveu-se à sua presença, enriquecida com os ensinamentos que alguém tão experiente no meio docente tem para oferecer. Ainda dentro deste contexto, agradeço ao meu colega de estágio, Francisco Fontes, por ter sido um companheiro, na verdadeira aceção do termo, durante todo este período em que trabalhamos juntos. Agradeço ainda aos restantes colegas do mestrado, em especial ao Gustavo Gonçalves pela ajuda que foi disponibilizando.

De um modo mais especial, gostaria de reconhecer a importância de alguns elementos da minha família. Antes de mais, gostaria de agradecer à minha mãe Dília e à minha irmã Sandra, pelo apoio que me foram dando ao longo das diferentes etapas da minha vida. De seguida, ao meu querido padrinho Miguel, agradeço imenso pela sua ajuda, especialmente por me ter permitido avançar nos estudos, através da sua presença e dedicação, durante a minha vida académica.

Para terminar, e nunca menos importante, agradeço com muito apreço à Matilde, minha querida companheira, que acompanhou todo este processo de um ângulo mais próximo, ajudando sempre que fosse preciso. Por toda a tranquilidade e luz diária, entrego-lhe o maior obrigado que o coração e a alma podem dar.

RESUMO

A História Local e a sua relevância pedagógico-didática

O trabalho aqui presente é fruto de uma reflexão sobre a pertinência da História Local, no contexto de sala de aula. O estudo insere-se no Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, focando-se, num primeiro momento, na descrição das atividades desenvolvidas no período da Prática de Ensino Supervisionada. O segundo momento deste estudo centra-se na apresentação da investigação levada a cabo no ano letivo de 2022/2023, estando esta baseada na aplicação pedagógico-didática da História e do Património Local a uma turma do 12.º ano do curso de Línguas e Humanidades.

A História Local tem uma demarcada importância no contexto da *Nouvelle Histoire*, sendo transportada para o contexto português posteriormente. Com o objetivo de apresentar a História numa escala geográfica mais reduzida, é uma peça importante para compreender o “puzzle” complexo da História de escalas maiores, como é o caso da História Nacional e da História Internacional. Porém, ao contrário do distanciamento que estas últimas escalas podem causar, a História Local retrata uma realidade próxima aos seus locais, aproximando-os do Património Cultural envolvente.

A partir deste ponto, pretendeu-se perceber quais seriam as virtudes da História Local para o contexto letivo, observando até que ponto poderia auxiliar os alunos no contexto da disciplina de História e das suas Aprendizagens Essenciais-. Desta forma, foram realizadas três aulas específicas de História Local, acrescentando-se a estas duas visitas de estudo e, ainda, uma atividade centrada na memória local, realizada em cooperação com familiares dos alunos. O objetivo passou por entender qual a efetividade da abordagem da História Local, no quadro da disciplina.

O desfecho da investigação apresentada demonstra que a História Local teve um papel relevante num conjunto de pontos observados, podendo colaborar para uma melhor aquisição dos conhecimentos programáticos, aproximando as temáticas históricas, nacionais e internacionais, da realidade dos alunos.

Palavras-chave: História Local; Património Local; Ensino da História; Estratégias pedagógico-didáticas; Ensino Secundário

ABSTRACT

Local History and its didactic-pedagogical relevance

This paper is the result of a reflection on the relevance of local history in a classroom context. The study is integrated into the master's in teaching history (7-12), being presented first by focusing on the description of the activities incremented in the period of the Supervised Teaching Practice. The second moment of this study is based on the presentation of the investigation being carried out throughout the academic year of 2022/2023, being based on the didactic-pedagogical application of Local History and Heritage in a 12th-grade Languages and Humanities class.

Local History has a marked relevance in *Nouvelle Histoire*, being transported subsequently to the Portuguese context. Intending to present History at a more reduced geographical scale, it is important to understand the complex “puzzle” of larger scale History, as is the case of National History and International History. However, contrary to the distance these previous scales may cause, Local History depicts a close reality to its places, bringing them closer to the surrounding Cultural Heritage.

From this point onwards, the goal was to understand what the virtues of Local History in the academic/teaching context would be, observing at what point it could benefit the students within the context of the subject of History and its contents. This way, three specific Local History lessons were delivered, as well as two field trips and an activity centred on local memory, held with the cooperation of the student's family members. The objective was to understand the effectiveness of the Local History approach within the framework of the subject.

The outcome of the present investigation shows that Local History had a relevant role in a group of observed topics, aiding in better programmatic knowledge acquisition, bringing national and international historical themes closer to the students' realities.

Keywords: Local History; Local Heritage; Teaching History; Pedagogical Strategies; High School

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - O ESTÁGIO PEDAGÓGICO	5
1.1 - Turmas.....	6
1.2 - Atividades	8
1.3 - Reflexão sobre a prática pedagógica e formativa	11
CAPÍTULO II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	15
2.1 - História Local – historiografia e o seu desenvolvimento.....	15
2.2 - História Local e a sua aplicação didático-pedagógica	18
CAPÍTULO III – AS EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS	24
3.1 - Apresentação das atividades realizadas	24
3.1.1 - Aulas de História-Local	25
3.1.2 - Visitas de Estudo.....	29
3.1.3 - A memória do Estado-Novo ao 25 de Abril.....	36
3.2 - Análise dos Resultados	42
3.2.1 - Inquérito I.....	43
3.2.2 - Inquérito II	48
3.2.3 - Inquérito III	51
3.4 - Reflexão sobre as atividades	56
CONCLUSÃO.....	58
BIBLIOGRAFIA	63
ANEXOS	66

INTRODUÇÃO

A História encontra-se numa posição pré-concebida nas mentes da sociedade portuguesa, sendo considerada uma disciplina de finalidade enciclopédica, que se resume à memorização¹. Neste contexto, cabe ao docente introduzir alternativas ao regime tradicionalista, numa tentativa de demonstração das demais competências passíveis de serem desenvolvidas. É importante a defesa da premissa de que a História é a “pedagogia central do cidadão”², apresentando a disciplina como um meio de desenvolvimento crítico para uma melhor cidadania. Desta forma, encontrou-se na História-Local um potencial de desenvolvimento desses pontos, criando uma rutura do ensino tradicionalista³. Apresentando elementos que dinamizam elos de aproximação entre os alunos e a matéria a abordar, nomeadamente pela geografia próxima, as aprendizagens poderão ser adquiridas de maneira mais eficaz⁴.

Partindo desta premissa, onde se reconhece a importância da História Local, o trabalho levado a cabo visou observar a influência da mesma, na instituição acolhedora de realização de estágio. Qual a relevância pedagógico-didática da História Local? Será efetivamente pertinente a utilização de dados relativos à realidade local, onde a escola e o seu corpo discente se inserem? Estas serão as questões orientadoras da investigação da temática, sendo que, para além de possíveis resultados sumativos, será importante observar a influência da abordagem desta temática no desenvolvimento da cidadania dos alunos. Para tal, considerou-se que o método mais pertinente para a concretização do trabalho passaria pelo estudo de caso.

Trata-se de um método experimental, onde o conhecimento retirado da “realidade natural ou social é estável e quantificável”, criando um distanciamento entre o investigador e a realidade alvo de estudo⁵. Assim, pretende-se compreender as complexas inter-relações presentes no contexto de sala de aula. O estudo de caso requer ainda que se realize trabalho de campo, no qual o investigador está presente, onde observa e analisa os dados, existindo um foco centrado na lógica de construção do conhecimento. Considera-se central o contacto contínuo do desenvolvimento do caso, exigindo ao investigador uma presença assídua no “campo”. A investigação qualitativa,

¹ Luís Alberto Alves, «A História local como estratégia para o ensino da História», *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques 3* (2006): 65–72, pp. 65-66.

² Carmen Margarida Alveal, José Envagelista Fagundes, e Raimundo Nonato Araújo da Rocha, *Reflexões sobre História Local e produção de material didático* (Natal: EDUFERN, 2017), p. 28.

³ Maria Aparecida Leopoldino Tursi Toledo, «História local, historiografia e ensino: sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de história», *Antíteses 3*, n.º 6 (dezembro de 2010): 743–58, p. 745.

⁴ Maria Schmidt e Marlene Cainelli, *Ensinar História* (São Paulo: Scioptione, 2004), p. 113.

⁵ Manuel Meirinhos e António Osório, «O estudo de caso como estratégia de investigação em educação», *EDUSER: revista de educação 2* (2010), p. 50.

associada ao estudo de caso, conduz os pontos da investigação para fenómenos ou casos, em que o contexto é desconhecido e/ou incontrolável⁶.

A pertinência da aplicação da História Local na disciplina de História encontra-se apresentada nas linhas orientadoras das Aprendizagens Essenciais, documento central e organizador do currículo escolar. No caso específico da disciplina de História, a articulação com a História Local é apresentada no documento, para os diferentes anos de escolaridade, seja no Ensino Básico com a disciplina de História (7.º, 8.º, e 9.º anos), seja no contexto do Ensino Secundário. Neste segundo, a presença relativamente à relação da matéria com a realidade local é comum às diferentes disciplinas relacionadas com a História, ou seja, nas disciplinas de História A (10.º, 11.º e 12.º anos), História B (10.º e 11.º anos) e História e Cultura das Artes (10.º e 11.º anos). É possível observar-se, no documento referente ao 12.º ano de História A, a menção à História Local como um dos quatro eixos organizadores:

*Opção por uma pedagogia que envolve os alunos na construção do conhecimento, permitindo o aprofundamento de determinados temas, a mobilização de componentes locais para a construção do currículo e as explorações interdisciplinares.*⁷

Para a generalidade dos níveis e disciplinas aqui apresentados, é apontada uma clara relevância à História Local, podendo observar a sugestão de relação com o conteúdo curricular programático. Para o Ensino Básico, é possível ler-se:

*Relacionar, sempre que possível, as aprendizagens com a História regional e local, valorizando o património histórico e cultural existente na região/local onde habita/estuda.*⁸

No caso do Ensino Secundário, considerando-se as diferentes disciplinas diretamente ligadas ao ensino da História, tais como História A, História B e História e Cultura das Artes. Ambas têm como ponto comum a referência à História Local, nomeadamente, enquanto objeto de comparação com a História nacional e mundial. Para além da História Local, a História Regional é igualmente mencionada, criando uma diferenciação entre o local e regional, à imagem do que foi observado nas Aprendizagens Essenciais relativas ao Ensino Básico. O documento das Aprendizagens Essenciais de História A é possível ler-se em dois momentos, linhas que direcionam para a História Local:

⁶ Robert E. Stake, *Investigación con estudio de casos* (Madrid: Morata, 1999).

⁷ República Portuguesa, «Aprendizagens Essenciais: História A 12.º Ano», Revisão 2022 de 2018, p.3.

⁸ República Portuguesa, «Aprendizagens Essenciais: História 7.º Ano», Revisão 2022 de 2018, p. 3 - Esta mesma citação encontra-se presente nas Aprendizagens Essenciais referentes aos 8.º e 9.º anos do Ensino Básico.

*Relacionar a história de Portugal com a história europeia e mundial, distinguindo articulações dinâmicas e analogias/especificidades, quer de natureza temática quer de âmbito cronológico, regional ou local.*⁹

*Valorizar o património histórico e natural, local, regional e europeu, este último numa perspectiva de construção da cidadania europeia.*¹⁰

As citações presentes, apesar de priorizarem uma valorização do local e regional, apresentam uma linha lógica diferenciada. Se num primeiro caso, existe uma leitura que conjuga a matéria programática abordada no currículo de História A, com a realidade geográfica específica do local de ensino, seja local ou regionalmente centrada, num segundo momento temos uma ideia centrada na valorização do património, das diferentes escalas (local, regional e europeu). Existe uma clara noção da necessidade de construção de uma cidadania europeia, a partir da dinamização da História Local. A ideia que relaciona a História Local com a Cidadania é algo defendido e observado por alguns autores, sendo o caso de Luís Alberto Alves¹¹.

No caso das disciplinas de História B e História e Cultura das Artes, os seus documentos orientadores referentes às Aprendizagens Essenciais referem-se à História Local seguindo uma linha de reflexão semelhante ao observado nos casos anteriores. Deste modo, observamos um ideal presente, onde é clara a presença da ligação das diferentes escalas. A ligação entre a História Local e Regional, com as escalas mais abrangentes, torna-se fulcral para o desenvolvimento da cidadania, permitindo reforçar a importância do património histórico e a relevância de estudos que incluam estas temáticas. Assim, é possível afirmar que a História Local é claramente sugerida pelas *Aprendizagens Essenciais*, tornando pertinente a aplicação da mesma no contexto de sala de aula.

O presente trabalho tem como objetivo principal a apresentação dos dados recolhidos no âmbito do estágio pedagógico bem como a sua análise. O estudo em causa é relativo à História Local e à sua relevância pedagógico-didática e pretende verificar e analisar a ligação entre o objeto de estudo com a produtividade intelectual dos alunos, mas também aferir sobre o seu impacto no desenvolvimento da cidadania e valores de intervenção cívica. Deste modo, será analisada a sensibilidade dos alunos, perante a História Local, verificando qual a importância que lhe

⁹ República Portuguesa, «Aprendizagens Essenciais: História A 12.º Ano», Revisão 2022 de 2018, p. 4. – Texto igualmente presente nos documentos relativos ao 10.º e 11.º anos da disciplina de História A.

¹⁰ República Portuguesa, p. 8. - Texto igualmente presente nos documentos relativos ao 10.º e 11.º anos da disciplina de História A.

¹¹ Alves, «A História local como estratégia para o ensino da História».

atribuem. Como será aprofundado *a posteriori*, este estudo teve como base de trabalho a turma do 12.º Y, com a realização de aulas centradas em matéria de História Local, visitas de estudo e a realização de alguns inquéritos.

CAPÍTULO I - O ESTÁGIO PEDAGÓGICO

O estágio pedagógico foi realizado numa escola do concelho de Coimbra, durante o ano letivo de 2022/2023, com o acompanhamento assíduo da Professora Orientadora. Sob a sua orientação, foi possível seguir um percurso de evolução positiva, melhorando os pontos frágeis detetados. O decorrer do estágio fez-se acompanhar pela possibilidade de seguir diferentes turmas, participando como observador em aulas com outros docentes além da orientadora de estágio, demonstrando uma disponibilidade clara da generalidade do corpo docente, nomeadamente do grupo de História. Desta maneira, foi possível assistir e lecionar aulas na disciplina de História, no 3.º Ciclo do Ensino Básico, e História A, no Ensino Secundário. Para além disto, foram realizadas algumas atividades, nas quais o Núcleo de Estágio de História participou, auxiliando no processo da sua planificação. No capítulo presente, serão aprofundados aspetos relativos às aulas lecionadas, às estratégias e metodologias adotadas e, ainda, às atividades dinamizadas.

A comunidade escolar encontra-se num contexto particular, no qual foi possível verificar e sentir a realidade social expressa nas dificuldades diárias que os desafios de uma sociedade desequilibrada proporcionam na caminhada das crianças e jovens discentes da instituição em causa. A escola integra um quadro específico no Programa Integrado de Educação e Formação, entregando uma certa autonomia à instituição, permitindo adaptar-se à realidade da comunidade em que está inserida. Existe uma integração positiva entre a escola e as restantes organizações presentes na geografia em que esta se localiza, bem como a comunidade próxima. Por esta mesma razão, é possível observar um espírito de presença diferenciado, que permite uma integração completa no contexto escolar, pois existe a inserção naquela que é a realidade da sala de aula, mas também, uma inserção na vida dinâmica que a escola oferece, para além das paredes das salas. Este ponto é deveras importante, pois assegura que os alunos se sentem completamente integrados na instituição escolar, e providencia um sentimento de pertença próximo do familiar, bem como a noção de uma herança imaterial e uma cultura escolar *suis generis*.

Este trabalho de inserção acabou por ser uma verdadeira bandeira escolar, hasteada pelas comunidades discente e docente, em sintonia, fazendo uma demonstração categórica do papel fundamental que a escola ocupa na vida dos seus alunos. Esta dinâmica é espelhada em qualquer atividade em que a instituição se apresente. É possível observá-la no projeto *Erasmus +*, um projeto que visa colocar um conjunto de alunos na rede parceira de escolas internacionais, com o intuito de tecerem experiências culturais diferenciadas. Deste modo, foi possível proporcionar à comunidade uma experiência além-fronteiras, que para muito destes alunos não se configurava como uma possibilidade, pois a realidade socioeconómica dos mesmos não permitia tais objetivos,

pelo menos a curto prazo. Uma segunda experiência na qual os alunos participam é o evento das *Escolíadas*. Este evento cultural une a escola em torno de uma tradição existente desde a década de 1990, reunindo um conjunto de escolas da zona centro, dividido em três polos. Nesta celebração da cultura, observamos uma verdadeira defesa da herança cultural, produzida por vários anos, pela escola, criando laços fortíssimos entre toda a comunidade.

Esta realidade presente na escola comprova que a vida na comunidade ultrapassa o que ocorre nos limites de uma sala de aula, e ainda, ultrapassa a componente letiva. Mais do que nunca, a escola é um espaço onde as diferentes realidades sociais necessitam de convergir, com a finalidade de unir as diferenças, criando pontes entre estas, evitando a discriminação. Com a realização destas atividades, a comunidade escolar une-se em torno do património que vai sendo construído ao longo dos anos. Esta realidade demonstrou que, de facto, uma criança é, em parte, fruto da vivência familiar que testemunha, socorrendo-se no ambiente escolar para encontrar algum apoio para lidar com as suas dificuldades. A escola, para os alunos que vêm de contextos mais desafiadores, serve como elo positivo para a construção dos jovens.

1.1 - Turmas

A *Prática de Ensino Supervisionada* do núcleo de estágio, onde se inseriu o Estágio Pedagógico aqui descrito, centrou-se na distribuição de uma turma “principal” por cada elemento pertencente a este mesmo núcleo. Num primeiro tempo, foi-nos possibilitada a observação do conjunto de turmas pertencentes à esfera de ensino da professora orientadora, tornando possível uma primeira leitura do corpo discente. Foram então disponibilizadas as turmas do 9.º Y do Ensino Básico, e as turmas do 11.º Y e 12.º Y do Ensino Secundário, na especialização de Línguas e Humanidades, inserido no percurso regular Científico-Humanístico. Para além das turmas citadas, foi possível assistir a outras duas, sendo estas as turmas do 7.º W e 10.º Z, sendo possível devido à convergência existente entre os demais docentes do grupo disciplinar de História.

Como foi mencionado, foi decidido desde cedo a atribuição de uma turma “prioridade” a cada um dos estagiários presentes. Neste caso particular, foi atribuída a turma do 12.º, onde a temática de estudo se centra no século XX. Contudo, esta atribuição não significou um “aprisionamento” total à turma, pois foi possível lecionar algumas aulas à turma do 11.º Y e ao 9.º Y, possibilitando assim uma noção diferenciada de realidades diferentes. A estas duas turmas foram lecionadas um total de 10 aulas, sendo metade da quantidade apresentada dividida para cada turma. A partir destes momentos foi possível experienciar, no caso do 11.º Y, uma realidade da disciplina de História A diferente, com uma matéria situada num período cronológico diferente do existente no currículo do 12.º ano. No caso do 9.º Y, a experiência era mais díspar, uma vez que o

grupo discente não tinha uma posição unânime quanto à disciplina. Neste caso, a relação com a disciplina pode estar numa fase final, visto que alguns destes alunos poderão seguir caminhos onde a disciplina não estará presente. O menor tempo dedicado à disciplina também não abona a favor de uma ligação mais forte com a mesma, pois os 100 minutos totais, distribuídos em dois momentos semanais, acabam por obrigar ao docente uma estratégia de sintetização.

Neste momento foi possível concluir uma das primeiras reflexões: nem sempre o que por nós é acarinhado e fonte de interesse será visto da mesma forma pelo outro, pois vivemos numa sociedade diversa, tornando completamente normal a diferenciação dos interesses. Deste modo, é possível rematar com a seguinte observação: nem tudo o que nos interessa é bom, e por sua vez, nem tudo que desconhecemos ou simplesmente não gostamos é inferior. Seguindo esta linha de raciocínio, foi possível criar um conjunto de pontes de empatia, que auxiliaram a ligação com os alunos, mesmo os que se desinteressam pela temática, ou pela disciplina na sua generalidade.

A turma do 12.º Y, turma central e na qual foi realizada a investigação do estágio, contou com 21 alunos inscritos à disciplina de História A, dos quais fazem parte quatro alunos do sexo masculino e 17 do sexo feminino. A turma demonstrou-se, desde início, bastante participativa e colaboradora, relevando um alto nível de educação. O contexto social de cada aluno era único, sendo possível observar um conjunto de alunos que, sendo maiores de idade, detinham algum tipo de atividade profissional. Apesar de realidades diferenciadas, e de questões de sensibilidade maior, a turma demonstrou-se disposta desde o início do processo a colaborar da melhor maneira possível. Provaram ser excelentes anfitriões, tornando o conjunto de 152 aulas¹² algo fluído, tornando o progresso do estágio bastante positivo, num caminho ascendente. Foi possível dinamizar momentos de diálogo construtivo, com uma troca de ideias entre o conjunto discente e o docente. Esta dinâmica de espírito crítico foi observada ao longo do ano letivo, tornando-se mais natural no seu decorrer, apresentando o conforto que fora criado para assegurar o já referido diálogo construtivo.

No que toca ao percurso da turma no quesito avaliativo, demonstraram uma evolução igualmente bastante positiva, culminando no final do ano letivo com um aproveitamento total da turma, com todos os alunos a terminarem com nota positiva. Todos os alunos conseguiram concluir a disciplina de História A, permitindo a conclusão do ensino secundário. No ano letivo vigente, foi possível observar uma evolução dos resultados individuais, expressos pela média da turma. O primeiro semestre apresentou resultados positivos, com a presença de algumas notas negativas, contabilizado mais precisamente cinco alunos nessa situação. Deste modo, os resultados da turma

¹² As aulas contabilizadas correspondem a tempos letivos de 50 minutos cada uma.

situaram-se numa média coletiva de 12 valores, com uma taxa de sucesso fixada nos 77%. Os períodos seguintes simbolizaram uma evolução favorável, com a subida da taxa de sucesso e da média da turma, em simultâneo.

No segundo período, apenas dois alunos apresentaram notas finais negativas à disciplina de História A, colocando a taxa de sucesso nos 90,05 %, taxa esta que superava as previsões mínimas apontadas pela direção de turma à disciplina¹³. A média geral da turma subiu novamente, para 12,6 valores, sendo que no terceiro período a média final fixou-se nos 13,6 valores. Assim, é possível observar um aumento de 1,6 valores do primeiro para o último período do ano, sustentando a boa prestação coletiva da turma, sendo esta realidade cimentada pelo valor da taxa de aproveitamento, que se situou no final do ano nos 100%.

1.2 - Atividades

Durante o ano letivo foram organizadas atividades no contexto escolar. Para além de atividades relacionadas com as turmas com as quais se trabalhou diretamente, houve igualmente um conjunto de momentos realizados para a comunidade escolar. Como as atividades curriculares relativas ao estudo elaborado para esta investigação serão abordadas no capítulo III, nesta secção serão mencionadas as atividades que não se enquadram no tema do relatório. A escola pauta-se por uma dinamização de atividades bastante vasta, seja para celebrar alguma data em específico, seja a realização de palestras, entre outras mais atividades. Esta preocupação por parte da instituição em elevar a vivência dos alunos, para além das aulas, demonstra uma preocupação da mesma na criação de uma escola como local positivo, dinâmico e inclusivo. Para além das atividades que serão elencadas, foram realizadas outras, mas serão abordadas apenas as que foram projetadas pelo núcleo de estágio de História.

A primeira atividade, realizada pelo núcleo de estágio no dia 14 de outubro de 2022, centrou-se numa aula lecionada por uma investigadora colaboradora do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A aula foi dirigida para a turma do 11.º Y, sendo intitulada “As mulheres no Antigo Regime e a sua influência na economia rural”. Este momento teve como base a caracterização e a importância das mulheres no período do Antigo Regime, sensibilizando para o papel das mesmas durante a história, mudando inclusivamente uma perspetiva pré-concebida, presente na turma em questão. A aula realizou-se num bloco de 100 minutos, utilizando a primeira parte para a exposição da temática selecionada, e no tempo seguinte, disponibilizou-se para responder algumas questões, clarificando dúvidas existentes.

¹³ No início do ano letivo 2023/2024, a professora orientadora estipulou a taxa de sucesso nos 87%.

A atividade seguinte teve como objetivo celebrar o feriado do 5 de Outubro, data relativa à implementação da República em 1910, com uma explicação breve das diferenças entre as bandeiras monárquica e republicana. Esta ação teve uma dimensão reduzida, sendo realizada para alunos da turma do 9.º Y. Desta forma, surge a ponte para a realização de uma outra atividade relativa a uma outra efeméride, 01 de Dezembro, feriado referente à restauração da independência em 1640, que levou à comunidade a questão “o que é ser português?”. Esta atividade englobou toda a comunidade escolar, alunos, docentes e funcionários. Todos apresentaram a sua visão do que significaria “ser português”, ou ainda, para os alunos estrangeiros, o que significava Portugal. Se para os alunos nacionais as repostas baseavam-se muito na gastronomia e no futebol, para os alunos internacionais foi possível observar um padrão, mencionando o sentimento de segurança por diversos momentos. Das respostas recolhidas, foi feita uma seleção para posteriormente ser exposta no bloco A da escola.

Chegando perto da data relativa à memória das vítimas do Holocausto, considerou-se oportuna a realização de uma palestra que abordasse os perigos do totalitarismo. Realizada no auditório, teve como público-alvo os alunos do 12.º ano dos cursos científico-humanísticos, e como a lotação não estava completa permitiu-se que as turmas dos 11.º e 10.º anos assistissem, caso desejassem. A palestra, intitulada “Os Totalitarismos: Passado e Presente”, ocorreu no dia 20 de janeiro de 2023, tendo uma duração de pouco mais de 100 minutos, dividida em duas partes com uma pausa intermédia. O palestrante desta atividade foi um investigador integrado do Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra. A apresentação, na primeira parte, focou-se na importância do historiador, apresentando um pouco o trabalho do mesmo e de que forma este utiliza as diversas ferramentas disponibilizadas e os diferentes documentos para conseguir construir uma narrativa histórica. O convidado focou bastante a importância da imagem como uma possível fonte de interpretação histórica, mostrando um conjunto de exemplos, que inclusivamente, puseram em causa a noção temporal e a sua perceção, deixando os alunos “confusos”.

Num segundo momento, o investigador focou-se na questão dos Totalitarismos, lançando a questão “o que é o totalitarismo?”. Focou-se principalmente na restrição dos direitos políticos, dos direitos civis, da perseguição, desenhando um exemplo tipo do que se observara durante os presságios da Segunda Guerra mundial. Com isto, sensibilizou para o perigo da retórica falaciosa atual da tolerância dos pensamentos ditatoriais e extremistas, pois caem no paradoxo da intolerância, uma reflexão teórica do filósofo Karl Popper. Para finalizar, foi sublinhada a ideia da não repetição da História. Podem existir pontos comuns entre várias ocorrências, mas nunca serão cem por cento iguais, quebrando a teoria de uma História cíclica.

A sensibilização para o passado ditatorial foi fortalecida com esta atividade relativa aos totalitarismos, deixando um caminho aberto para a realidade ocorrida no espaço nacional. Uma reflexão centrada no 25 de Abril era necessária, bem como a celebração da efeméride com a comunidade. Foram programadas atividades, estas dinamizadas pelo núcleo de estágio de História, em conjunto com outros grupos.

Uma exposição foi inaugurada, no bloco A da escola. A exposição tinha desde representações artísticas, elementos fotográficos cedidos por familiares de alunos, professores da escola e funcionários, retratando bem a realidade precedente ao 25 de Abril e, ainda, testemunhos de familiares dos alunos que quiseram fazer parte de uma atividade desenvolvida diretamente pelo docente estagiário, em conjunto com a professora orientadora. Esta última atividade terá alguns dos elementos recolhidos expostos *a posteriori*, no capítulo III. Esta atividade relativa à celebração do 25 de Abril aproximou a escola da sua comunidade, pois permitiu a inclusão da família dos elementos integrantes da instituição, criando laços, fomentando uma partilha da memória local disponibilizada. Para finalizar, foi pintado um mural referente à data, na primeira parede logo após a entrada da escola, ficando em destaque. Esta atividade, realizada em conjunto com a professora de Educação Visual, seria para ser realizada apenas pelas turmas do 9.º ano, acabou por englobar alunos de outros anos.

Já fora dos momentos de celebração da Revolução dos Cravos, foi realizada uma atividade com a turma do 12.º Y já no final do ano, que exigiu algum trabalho manual por parte dos alunos. O desafio lançado pela professora orientadora foi rapidamente aceite e concretizado. Os alunos pegaram nas tintas e nas trinchas e lançaram-se ao trabalho, culminando em alguns trabalhos bastante interessantes. Desta forma foram recuperados os bancos e alguns caixotes do lixo, deixando o ambiente escolar mais colorido.

Por fim, após o término do calendário escolar, deu-se início à preparação do exame de História A, com o conjunto de alunos que se inscreveram para o mesmo. Realizou-se um total de sete horas de acompanhamento, ou seja, o equivalente ao tempo disponibilizado semanalmente para a turma do 12.º Y, em História A.

1.3 - Reflexão sobre a prática pedagógica e formativa

O papel dos professores demonstra-se importantíssimo para a construção de uma sociedade, sendo estes os preparadores de cidadãos que dinamizarão o mundo. Neste caminho para futuros docentes, cabe-nos uma reflexão sobre a profissão que iremos exercer. Desta forma, após a exposição geral do contexto da Prática de Ensino Supervisionada, avançar-se-á para uma consideração sobre os aspetos principais e reflexões sobre a aprendizagem, adquirida durante este ano letivo.

A realização do estágio pedagógico comprovou-se essencial para a criação de uma base preparatória que só é possível com uma atuação “de campo”. Abre desde logo um longo e profundo questionamento e reflexão sobre todo o percurso precedente. É irrefutável a importância de uma preparação teórica, pois o conhecimento permite uma reflexão mais bem sustentada, permitindo compreender as escolhas tomadas. Contudo, a prática docente depende de uma experiência rotineira impraticável através da segregação da nossa atividade na componente teórica. Possivelmente, devido a este facto, o início do percurso da Prática de Ensino Supervisionada é um lançamento a um mundo novo. Existe uma sensação de aparente despreparo, muito movida pelo contexto de uma nova experiência, uma nova realidade. Existe um passo seguinte que fora dado, onde o que foi lido e absorvido em literatura académica passou para uma experiência em primeira pessoa. A esta realidade junta-se a pressão aliada ao desejo de aplicar a teoria no contexto prático, sob o receio de se ser incapaz de o fazer.

Esta sensação é efémera, pois o acompanhamento assíduo a uma turma auxilia na superação de nervosismos e medos, sustentando a premissa da necessidade de realização do estágio pedagógico. Tal controlo das emoções é conseguido através da experiência direta no contexto de lecionação. Desde cedo se concluiu de que, quanto mais tempos letivos fossem lecionados, mais tranquilo seria, tornando-se simultaneamente mais proveitoso. Por outro lado, a constante presença de um docente estagiário permite uma aproximação diferenciada com a turma que leciona. Como foi mencionado *a priori*, apesar de ter sido lecionado um conjunto de dez tempos letivos, distribuídos pela metade entre o 9.º Y e o 11.º Y, a turma do 12.º Y foi o centro do trabalho, tendo sido lecionados 156 tempos letivos de 50 minutos. Esta decisão, tomada em total concordância entre a docente orientadora e o docente estagiário, tornou todo o período da Prática de Ensino Supervisionada mais exigente, mas mais satisfatória e mais próxima de uma realidade docente. Seguindo este método, toda a preparação das aulas seguia uma linha de raciocínio ligada aos conteúdos a serem lecionados, ao longo do ano letivo, não se resumindo a uma planificação pontual. Contudo, esta realidade tem um impacto mais rigoroso na organização e planificação dos momentos de aula. A realização dos momentos de avaliação sumativa, bem como a sua correção,

ficaram ao cargo do docente estagiário, o que permitiu constatar as dificuldades inerentes à elaboração e correção das fichas e testes de avaliação e o desafio que os mesmos apresentam. Apesar de tudo, o processo foi sempre seguido pela professora orientadora, auxiliando em todas as fases de elaboração dos materiais, estando sempre pronta para ajudar.

O acompanhamento de uma turma de modo quase exclusivo permite uma ligação mais profunda com a mesma. A jornada com o 12.º Y permitiu uma experiência onde existia um claro respeito mútuo, onde os alunos olhavam para o docente estagiário como “se fosse outro professor qualquer”, afirmação várias vezes repetida pela docente orientadora e pelos próprios alunos. Esta barreira era importante ser quebrada, pois observa-se desta forma um comportamento mais genuíno, entregando mais certezas que os resultados obtidos correspondem a um contexto mais próximo da realidade. Para além desta questão, existia igualmente um receio centrado na proximidade etária existente entre o conjunto discente e docente estagiário. Esta proximidade, que variava entre sete e oito anos de diferença, tornou-se um ponto positivo. Observou-se que a turma se adaptou bastante bem à realidade, demonstrando estarem à vontade para colocarem as dúvidas existentes, sem qualquer receio. Foi possível verificar igualmente uma participação natural, com o epicentro das questões ter origem num grupo de alunos mais específico, na maioria das vezes. Contudo, esta dinâmica proporcionava discussões interessantes, que incluíam alunos mais inibidos. Desta forma, o grupo mais participativo conseguia trazer para o diálogo os restantes alunos, que de outra maneira não estariam tão confortáveis em fazê-lo.

Esta existência de múltiplas personalidades dinamiza um ambiente produtivo e que produz um conjunto de debates, sobre diversos temas, com pontos de vista diversos. A turma do 12.º Y sempre se demonstrou animada para a realização de debates, muitos deles iniciados pela matéria abordada no momento, ligando com factos mais atuais. Nesta situação, com uma turma bastante participativa e curiosa, existe uma visão criada de que o docente possui uma mente enciclopédica, e esse é o primeiro desafio. Nem sempre um professor terá a resposta devida, e sempre e que isso acontece é necessário notificar o aluno, mas nunca deixando o aluno no vácuo. Nestas situações, era tomada uma das duas opções: ou o docente estagiário se comprometia em procurar a informação, ou então, delegava essa tarefa ao aluno que colocou a questão. Esta segunda opção leva a que o aluno se preocupe em procurar a informação, para apresentar na aula seguinte, fomentando o seu interesse pela disciplina. Ainda assim, a ideia mencionada anteriormente manteve-se, podendo observar tal facto a partir da afirmação muitas vezes repetida: “o professor que sabe tudo”.

Desta forma, com a apresentação desta ideia eternizada pelos alunos, servimos como ponte para o seguinte ponto, a preparação científica. De facto, trata-se de um ponto essencial, deter uma

base científica robusta para o exercício eficiente da docência. É necessário aplicar conteúdo científico atualizado, pois caso contrário, limitaremos os alunos, impedindo deste compreenderem a complexidade da História, como um a ciência fluída. Este fator acaba por ser bloqueado pela estagnação científica observável nos manuais escolares, estes que mantêm conteúdos desatualizados. No caso do 12.º ano, os manuais utilizados não se encontravam alinhados com as *Aprendizagens Essenciais*, algo que se deve ao facto de estes terem sido lançados após a promulgação das mesmas. Esse problema acaba-se por estender no tempo, pois, um manual após ser selecionado mantém-se no mercado por seis anos, impedindo atualizações profundas. Por não se atualizar durante esse período, existe conteúdo historiográfico desatualizado. Esta falha científica cria uma lacuna enorme para os alunos, que, em muitos dos casos, utilizam o manual como recurso quase exclusivo para o seu estudo, a par dos apontamentos que poderão ir escrevendo.

Ora, no caso dos outros anos de escolaridade, que já se encontram atualizados com as *Aprendizagens Essenciais*, existe um outro problema. Existe um enfoque desproporcional sobre as mesmas, havendo uma predisposição por parte das editoras em diminuir os conteúdos da disciplina, apresentando-os em linhas bastante rasas. Esta redução do conteúdo, numa tentativa de descomplicar a matéria de História, acreditando ser muito complexa para os jovens alunos, é totalmente contraproducente. No fundo, reduzir as temáticas e as fontes apresentadas a um mínimo acaba por nivelar por baixo a exigência suposta da disciplina. Juntar este facto, à distribuição horária existente para História, estaremos a perpetuar a desvalorização à disciplina, realidade que observamos na atualidade. Se no caso de outras disciplinas a dificuldade não é impedimento para tentar explicar a matéria ao aluno, deveria ser com a mesma lógica que se devia pôr em prática na disciplina de História, ao invés de reduzir a mesma a factos solitários, um conjunto limitado de datas nomes e alguns conceitos, sendo estes memorizados com o intuito último de aplicar numa prova e depois esquecer.

O trabalho levado a cabo pelo Núcleo de Estágio de História da instituição recetora foi positivo, tendo havido um ambiente sempre propício ao desenvolvimento profissional, com um auxílio mútuo entre os docentes estagiários presentes. Como foi mencionado, o acompanhamento por parte da docente orientadora foi impecável, demonstrando-se incansável e sempre pronta para ajudar os seus orientandos. A caminhada realizada foi consideravelmente mais fácil devido ao ambiente vivido, com uma alegria patente nos professores ali presentes, de pertencerem a uma comunidade tão afável, tão familiar. Um respeito enorme entre professores e funcionários, tendo aceitado muito bem todos os estagiários existentes, para além dos dois referentes ao Núcleo de Estágio de História, sendo olhados como iguais aos restantes colegas.

Esta alegria é a marca que influencia diretamente o pensamento para o futuro. A felicidade de fazer o que se gosta genuinamente permite olhar para uma profissão como uma extensão e um ser, sem se tornar num peso diário. O futuro passará pela tentativa de passar o gosto pela História às próximas gerações de alunos e, aos que não gostarem da disciplina, pelo menos que reconheçam a importância da mesma para a construção de um cidadão mais sensível e com pensamento crítico. Tornar a disciplina o mais atrativa possível, com pontes para atualidade, sendo o docente capaz de adaptar a sua retórica e a sua postura mediante o “público” alvo. O objetivo passará igualmente por apresentar a complexidade da História, de forma progressiva, permitindo aos discentes absorver corretamente a matéria, sem comprometer o conteúdo científico.

Por fim, o olhar para o futuro deve passar por uma postura de empatia, compreendendo as fragilidades existente em diferentes turmas, olhando para a dificuldade não como uma barreira, mas como um desafio. Aproximar a história às realidades locais, culturais e sociais, permitindo uma ligação próxima a disciplina. O professor como um mensageiro, adaptando-se aos tempos, adaptando-se às pessoas.

CAPÍTULO II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O ensino no contexto nacional encontra-se atualmente fixado num contexto de História Nacional e Internacional, orientado pelas Aprendizagens Essenciais. Esta realidade força o docente a um ensino centrado sobre uma retórica limitada e focada em eventos chave, num contexto geográfico centrado numa escala alargada. A História Geral, presente nos conteúdos programáticos das disciplinas de História (3.º Ciclo do Ensino Básico) e História A (Ensino Secundário), são propostos de uma maneira cada vez mais sintetizada, com uma visão generalista e distantes dos eventos. Neste contexto, a História Local pode surgir para ajudar a aproximar os alunos da disciplina, incluindo conteúdos históricos próximos, espacialmente, do grupo discente. A História Local e História Regional foram aprofundadas e analisadas por um conjunto de académicos, e posteriormente, foi questionada a sua pertinência no contexto letivo.

Na investigação aqui presente, analisamos a pertinência pedagógico-didática da História Local, correlacionando com a questão do Património Local, este último inevitavelmente ligado. Deste modo, iniciamos o percurso por analisar a História Local e Regional, na esfera da historiografia, seguindo-se de uma curta análise da situação presente do ensino da História em Portugal.

2.1 - História Local – historiografia e o seu desenvolvimento

A História Local está presente na historiografia de modo a completar o vácuo deixado por uma História Geral, incapaz de responder de um modo tão eficaz a um conjunto de especificidades, muito devido à sua larga escala. Deste modo, é necessário recuar até aos anos setenta do século XX, para observar um levantamento científico sobre a História Local, apresentando a sua importância no campo historiográfico. Na obra dirigida por Jacques Le Goff, *La Nouvelle Histoire*, a História Local apresenta-se como importante, no contexto desta “Nova História”. *L'école des Annales*, na qual fazem parte os fundadores Marc Bloch e Lucien Febvre (onde se verificam os nomes Fernand Braudel e o já citado Jacques Le Goff), fomentou este interesse, abrindo espaço para o estudo do mesmo¹⁴.

Nesta linha, Marc Bloch apresentou a História Local como sendo uma problemática da História, onde se colocam “testemunhos que proporcionam um campo de experiência restrito”¹⁵. Foi neste pensamento que a argumentação de Elenice Ferreira se situou, afirmando a importância

¹⁴ Elenice Silva Ferreira, «La Nouvelle Histoire e o ressurgimento da História Local: contribuições para a pesquisa em História da Educação», *Cadernos de História da Educação* 21 (2022): 1–20, pp. 4-5.

¹⁵ Marc Bloch, *La Historia rural francesa* (Barcelona: Editorial Crítica, 1978), p. 48. In Margarida Sobral Neto e Mário Simões Rodrigues, *Informações paroquiais e história local. A diocese de Coimbra* (Coimbra: CHSC/Palimage, 2012), <http://hdl.handle.net/10316/86336>, p. 24.

da *Nouvelle Histoire* para o avanço do estudo da História Local. O artigo da autora é deveras importante para entender de que modo o local tem importância na conceção da História, realizando a ponte necessária com o ensino da disciplina nos Ensinos Básico e Secundário¹⁶. A autora utiliza, inclusivamente, a História Local para o estudo da História da Educação, na dimensão local específica de Vitória¹⁷.

Entrando na dimensão do que foi produzido sobre História Local no território português, foi possível chegar a Luís Reis Torgal, mais precisamente a um artigo publicado na *Revista de História das Ideias*, em 1987¹⁸. Segundo o autor, o aparecimento do interesse sobre a História Local, em Portugal, tem influência direta do pós-25 de Abril, pois, de uma maneira geral, foi disponibilizada uma oportunidade das diferentes geografias lusas poderem investir e aprofundar a sua realidade local, a sua própria História. O autor liga a História Local a um trabalho de “memória coletiva”, passando as memórias existentes das realidades locais para o contexto “científico” da História. A História Local em Portugal passa a ter um lugar firme na ciência histórica, sendo produzida com o mesmo rigor que a restante¹⁹. Nesta linha, a memória surge como um elemento crucial da identidade, seja coletiva ou individual, apresentando-se como essencial na sociedade atual. Segundo Ana Filipa Mesquita, “defender o Património implica uma postura de preservação de uma memória (...)”²⁰, o que aponta desde logo para uma postura de dinamização partilha do Património Local, a partir da História Local.

Segundo Margarida Neto, as primeiras cedências da historiografia portuguesa, à influência da *Nouvelle Histoire* no campo da História Local, foram a publicação de trabalho referentes às cidades do Porto e Coimbra, das regiões do Algarve, Entre Douro e Minho, Aveiro e Baixo-Mondego, e ainda, “concelhos em que se articulou a história da população, a economia e a sociedade”²¹. Neste ponto verificamos que existe a diferenciação em duas classificações, uma vez que, segundo José Mendes, a História Local poderá ser entendida como “História de escala”, onde se observam limites geográficos dinâmicos, e a História Local, definida como História de uma

¹⁶ Ferreira, «La Nouvelle Histoire e o ressurgimento da História Local: contribuições para a pesquisa em História da Educação».

¹⁷ Município brasileiro pertencente ao estado da Bahia.

¹⁸ Luís Reis Torgal, «História... Que História?: Algumas reflexões introdutórias à temática da História Local e Regional», *Revista de História das Ideias* O Sagrado e o Profano, n.º 9 (1987).

¹⁹ Torgal, pp. 845-846.

Ana Filipa Mesquita, «Lugares de Memória no ensino da História Contemporânea. Alunos e familiares redescobrimo património(s)» (Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2013), <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/70735/2/28540.pdf>, p. 16.²⁰

²¹ Neto e Rodrigues, *Informações paroquiais e história local. A diocese de Coimbra*, p. 23.

localidade, ou região. Nesta segunda opção, o enquadramento espacial é definido e aceite previamente, sendo fixados os limites do mesmo²².

Porém, esta segunda opção levanta a questão sobre a escala do espaço, assim dizendo “a região” ou “o local”. Segundo Marc Bloch, existe um questionamento sobre os conceitos, sustentando a ideia de que os mesmos seriam mutáveis mediante as diferentes variáveis²³. Para além disso, defende que os dois conceitos não são sinónimos, representando diferentes realidades²⁴. Segundo Carvalhão Santos, “o local” ou “a região” não deverão ser definidos a partir de um olhar geográfico ou político-administrativo, mas por sua vez a partir de uma “expressão espacial de relações sociais”²⁵. A demarcação dos limites dependerá dos pontos considerados relevantes, devendo o historiador determiná-los. Elenice Ferreira avança que a História Geral acaba por ser a soma das diversas Histórias Locais²⁶.

A utilização da História Local e Regional permite que seja explicado aos alunos que “o nacional e o global não são um todo homogéneo”, pois é possível constatar uma pluralidade de realidades que coexistiram, em diferentes locais, com características distintas. Segundo Ana Filipa Mesquita, a explicação desta realidade auxiliará os alunos a compreenderem melhor a atualidade, mas ainda, acrescenta a autora, ajuda também “a respeitarem outras culturas e modos de vida (...), compreendendo melhor a singularidade da sua”²⁷. Maria Toledo surge como aparente defensora da aplicação de História Local, onde serviria para demonstrar as diferentes dinâmicas (económicas, sociais, ...) existentes no contexto da “cidade”. A autora, a partir da bibliografia que apresenta e do contexto espacial em que se encontra (Brasil), apresenta uma História Local quase exclusiva ao estudo da Urbe²⁸. Contudo, apesar da aparente limitação geográfica, a autora classifica a História Local como uma rutura ao tradicionalismo historiográfico.

A esta questão acrescenta-se a visão de Luís Reis Torgal, de que a História Local e Regional será aproximadamente tão antiga quanto a historiografia nacional, afirmando categoricamente de que não existe uma História Geral sem a História Local²⁹. A circunstância em que é possível

²² José Amado Mendes, «História local e memórias: do Estado-Nação à época da globalização», *Revista Portuguesa de História*, n.º 34 (2000): 349–68, p. 351.

²³ Neto e Rodrigues, *Informações paroquiais e história local. A diocese de Coimbra*, p. 24.

²⁴ Couto, «A História Local e o Património Histórico-Cultural no Ensino da História», p. 16.

²⁵ J. J. Carvalhão Santos, «Do Local ao Global: uma reflexão sobre conceitos e práticas», *Revista Portuguesa de História*, n.º 39 (2007): 121–52, pp. 143-146.

²⁶ Ferreira, «La Nouvelle Histoire e o ressurgimento da História Local: contribuições para a pesquisa em História da Educação», p.16.

²⁷ Mesquita, «Lugares de Memória no ensino da História Contemporânea. Alunos e familiares redescobrimo património(s)», p. 29.

²⁸ Toledo, «História local, historiografia e ensino: sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de história».

²⁹ Torgal, «História... Que História?: Algumas reflexões introdutórias à temática da História Local e Regional», p. 857.

detetar a evolução da História Local seriam precisamente as respetivas mutações na historiografia. Atualmente, quando se aborda História Local, estamos de facto presente ao que se intitula de “Nova História Local”, sendo que Joaquim Carvalhão Santos salienta a sua relevância e contributo para a historiografia.

No contexto europeu, devido a um movimento generalizado pelo desejo de mudança das Ciências Sociais, a História embarca por consequência num período de reflexão e de reforma. Uma “História Nova” surge no pensamento dos jovens historiadores, que declaram urgentemente uma reforma para esse caminho, onde se destacam novamente as escalas regional e local da historiografia³⁰. Contudo, é possível recorrer ao século XIX para verificar um surgimento cimentado dos estudos de História Local. Esta ascensão, segundo alguns autores como José Mendes³¹, Margarida Neto³² e Reis Torgal³³, é assinalável devido ao cruzamento entre um período de influência da escola metódica, juntamente com a afirmação dos Estados.

Qualquer progresso historiográfico aliado à História Local acabou por ser interrompido pela chegada de António de Oliveira Salazar às esferas do poder, já no segundo lustro da década de 1920. Existe desde logo uma alteração das prioridades de investigação, dando primazia para uma História político-institucional, dos grandes acontecimentos e figuras nacionais³⁴. A História Local seguirá a ser consumada fora das academias, tendo de esperar até à chegada da década de 1960 para que esta vá ganhando novamente o seu espaço. Só a partir da década de 1970 é que efetivamente ocorrerá uma mudança significativa na historiografia nacional, reanimando a História Local, que voltará a integrar o mundo académico mais claramente³⁵.

2.2 - História Local e a sua aplicação didático-pedagógica

Como foi observado, existe um percurso que caracteriza a História Local na historiografia académica, tomando a passo um lugar relevante, com o reconhecimento da sua importância na elaboração de um retrato mais preciso dos contornos nacionais e internacionais. Deste modo, são irrefutáveis os benefícios que esta área promove para a comunidade, e mais importante, que pode dinamizar num contexto letivo. José Mendes afirma que existe de facto um serviço prestado à comunidade a partir da dinamização da História Local e do seu Património³⁶. Assim, procurou-se

³⁰ Neto e Rodrigues, *Informações paroquiais e história local. A diocese de Coimbra*, p. 19.

³¹ Mendes, «História local e memórias: do Estado-Nação à época da globalização».

³² Neto e Rodrigues, *Informações paroquiais e história local. A diocese de Coimbra*.

³³ Torgal, «História... Que História? : Algumas reflexões introdutórias à temática da História Local e Regional».

³⁴ Neto e Rodrigues, *Informações paroquiais e história local. A diocese de Coimbra*, p. 20.

³⁵ Mendes, «História local e memórias: do Estado-Nação à época da globalização», p. 361.

³⁶ Mendes, p. 366.

encontrar o caminho da investigação já realizada sobre o tema pelo mundo académico, incluído trabalho presente em relatórios finais.

No documento *Perfil do aluno à saída do ensino obrigatório* a questão da História Local acaba por não ser mencionada. Muito possivelmente devido ao seu cariz generalista, pois trata-se de uma base documental para todas as disciplinas, a questão relativa à História Local e Regional acabou por não se enquadrar. Existe um objetivo orientador para a elaboração de princípios humanistas. O documento orienta o docente para um trabalho descentrado da formação escolar estática, dinamizando igualmente uma formação preparatória para cidadãos ativos socialmente, culturalmente e politicamente.

Já no caso seguinte, existe desde logo uma importância à História Local, presente nas Aprendizagens Essenciais, um dos documentos centrais do ensino português. Tal como inclusivamente foi observado *a priori*, existe um conjunto de linhas estratégicas apontadas nos documentos referentes ao ensino da História no Ensino Básico, e em História A, História B e História e Cultura das Artes, no Ensino Secundário. As estratégias resumem-se, essencialmente, a uma sugestão da utilização da História Local e Regional, apontando para uma valorização do património “da região em que habita”, especificando que poderá ser de cariz “material e imaterial”³⁷. Podemos igualmente observar uma ligação propositada entre diferentes escalas da História, nomeadamente o local, o regional e o europeu, apresentando um intuito de interligar as diferentes realidades entre si ³⁸. Ainda nas Aprendizagens Essenciais, na secção das “Ações estratégicas orientadas para o Perfil dos alunos”, reforça-se as linhas já mencionadas sobre a História Local, voltando a frisar os pontos analisados. Desta maneira, é possível concluir, num primeiro momento, que existe uma relação de cooperação entre a História Local e Regional com a História Geral, destacando uma valorização do património presente.

Podemos desta forma admitir que, por parte do ministério responsável pela pasta da educação, existe uma preocupação para que se valorize e se aplique a História Local, onde se inclui o estudo do seu património, como um meio para preparar civicamente o conjunto discente. Deste modo, observa-se que a História Local contabiliza um conjunto de aplicações variadas. O aprofundamento da mesma, enquanto temática específica no âmbito da historiografia é amplamente justificado, como se observou pelos documentos basilares do ensino português, que a sua utilização no contexto letivo é profundamente pertinente. Joaquim Carvalhão Santos defende a sua utilização, permitindo um trabalho com fontes locais mais próximas aos alunos e de

³⁷ República Portuguesa, «Aprendizagens Essenciais: História 7.º Ano».

³⁸ República Portuguesa, «Aprendizagens Essenciais: História 9.º Ano», Revisão 2022 de 2018.

acessibilidade mais facilitada³⁹, partindo da premissa de que estes deveriam ter um melhor conhecimento e sensibilidade sobre as fontes documentais. Sílvia Araújo avança de que os docentes poderiam recorrer aos arquivos para dinamizar no contexto de sala de aula uma análise das fontes históricas⁴⁰. O objetivo por trás deste tipo de atividades passaria principalmente por uma demonstração à escala, do que seria o trabalho do historiador e os processos que são basilares para a História.

Este trabalho com os alunos que os autores propõem visa igualmente o desenvolvimento autónomo dos discentes. Existe mesmo uma ideia defendida por Joaquim Carvalhão Santos, onde o mesmo declara que a realização do trabalho prático acaba por ser mais vantajosa que uma demonstração de um “saber feito”⁴¹. Esta visão, partilhada por Luís Alberto Alves, defende a aplicação da História Local como método de adaptar e aplicar conteúdos para “alimentarem as habilidades e capacidades pois são estas que podem facilitar ou inibir o exercício da competência”⁴².

Desta maneira, a História pode ser apresentada como uma “pedagogia central do cidadão”⁴³, onde então poderemos colocar a História Local na pedagogia e didática? Qual o peso na cidadania?

Helder de Macedo encontra-se livre de dúvidas sobre a relevância da História Local, declarando firmemente ser um dos “pré-requisitos para se compreender melhor os processos históricos em nível regional, nacional e global”⁴⁴. Acrescenta ainda, que a introdução da temática contribui para firmar a identidade da população com o lugar onde nasceram ou habitam. Utilizar a História Local como uma abordagem, significa que se considera como metodologia, sendo possível minimizar “a aversão ou apatia frente às aulas de História”, estabelecendo ainda ligações lógicas com a História Nacional e internacional⁴⁵.

Existe uma apresentação da aplicação da História Local como um recurso metodológico nas aulas de História, que pode constituir um desafio tanto para o docente como para os seus discentes, “pois exige tempo e dedicação para a sua execução”⁴⁶. Nilson Ferreira e António Mota apresentam a História Local como uma estratégia didática de valor pedagógico claro. Desta forma,

³⁹ Santos, «Do Local ao Global: uma reflexão sobre conceitos e práticas», p. 127.

⁴⁰ Sílvia Isabel Araújo, «“Só se ama o que se conhece ...”: Contributos da História local no Ensino da História» (Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017), <https://hdl.handle.net/10216/108721>, p. 46.

⁴¹ Santos, «Do Local ao Global: uma reflexão sobre conceitos e práticas», p. 127.

⁴² Alves, «A História local como estratégia para o ensino da História», p. 68.

⁴³ Alveal, Fagundes, e Rocha, *Reflexões sobre História Local e produção de material didático*, p. 28.

⁴⁴ Alveal, Fagundes, e Rocha, p. 61.

⁴⁵ Alveal, Fagundes, e Rocha, pp. 63-77.

⁴⁶ Nilson Gomes Ferreira e Antonia da Silva Mota, «Educação patrimonial: a história local como recurso metodológico nas aulas de história», *Conjecturas* 22, n.º 10 (2022): 392-404, p. 402.

concordando com a importância da mesma, os autores do artigo “Políticas para o ensino de História Local”, consideram importante lançar políticas de valorização da História Local, construindo um plano de ensino dedicado, que viabilize aos docentes possuir, na sua prática pedagógica, “situações de pesquisa, investigação e criação de estratégias didáticas, visando uma formação integral e primando pelos direitos de aprendizagem do educando”⁴⁷.

Para a realização deste trabalho, optou-se por eleger publicações consideradas pertinentes para o aprofundamento teórico. Primeiramente, realizou-se uma análise inicial de um conjunto de relatórios de estágio referentes ao Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. De antemão, procurou-se que a temática dos relatórios fosse relativa à História Local. Desta forma, foram realizadas duas ações: em primeiro lugar, foi observada e selecionada bibliografia, a fim de abrir o leque de leituras referente à História Local; em segundo lugar, examinar o conteúdo dessas mesmas leituras, conhecendo os dados que os colegas recolheram e apresentaram nos seus relatórios, tornando possível a comparação de resultados obtidos, com trabalhos já apresentados⁴⁸.

O relatório de estágio realizado por Sílvia Brochado Araújo, intitulado “«Só se ama o que se conhece...»: Contributos da História Local no Ensino da História”⁴⁹, realizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tem como foco Vila Meã, freguesia integrante do concelho de Amarante. A autora afirma no seu trabalho, que o professor deveria dinamizar momentos didático-pedagógicos, para que a aprendizagem fosse interiorizada, fomentando o interesse do aluno pela disciplina. Acrescenta ainda que “a disciplina de História propicia esta situação porque são inúmeros os conteúdos, contextos e épocas históricas que são passíveis de ser utilizados em prol da História local”⁵⁰.

Para além do relatório apresentado, existe um conjunto de trabalhos levados a cabo no seio da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que podem ser referenciados. Esses trabalhos complementam bem o estudo da História Local, no contexto didático. Entre os anos de 2017 e 2022 podemos apresentar alguns relatórios que encontraram na História Local uma pertinência clara na sua utilização. Sérgio Couto e Paula Fenta debruçaram-se sobre a importância estratégica da História Local e o Património, no contexto das aulas de História. O estudo de Paula Fenta foi realizado com turmas de 8.º ano do 3.º Ciclo e no 11.º do Ensino Secundário, aplicando a História

⁴⁷ José Antonio Nascimento, Erica Karnopp, e Bianca Tamara Siqueira, «Políticas para o ensino de História Local», *Revista Latino-Americana de História* 11, n.º 27 (2022), p. 290.

⁴⁸ Os relatórios apresentados são resultado de uma pesquisa levada a cabo nos repositórios das principais universidades.

⁴⁹ Araújo, ««Só se ama o que se conhece...»: Contributos da História local no Ensino da História».

⁵⁰ Araújo, p.11.

Local como elo motivador, principalmente a partir das visitas de estudo⁵¹. Sérgio Couto apresenta também a sua perspetiva sobre a importância da História Local, apresentando, à imagem do que já foi observado anteriormente, dados relativos à importância da visita de estudo, seja *in loco*, seja virtualmente⁵². O virtual, por sua vez, foi refletido por Ana Moniz, que trabalhou com a memória e História Local, no contexto tão atual como é o digital⁵³. Assim, utilizando as tecnologias é possível integrar História Local no momento da aula de História.

Seguindo com “Viagens pela minha terra: As visitas de estudo no contexto da História Local e Regional”, relatório de estágio de Valério Santos, é apresentada a importância das saídas programadas. É mencionado no decorrer do trabalho a realização de visitas de estudo tradicionais, assentes numa deslocação ao local de visita, mas também, a realização de uma visita de estudo virtual. Esta segunda opção apresentada recorre ao meios digitais para transportar os alunos ao património desejado. A experiência não sendo a mesma, acaba por dinamizar um olhar diferenciado do que poderá ser uma visita de estudo. Ponto interessante no trabalho realizado por Valério Santos, quando chegamos às conclusões obtidas, verificamos que os alunos vêm o professor, no contexto de visita de estudo, próximo de um Guia de visita. Isto acontece devido ao papel de elemento esclarecedor de dúvidas existentes⁵⁴.

Num contexto geral, os relatórios apontam uma relevância clara à História Local, conectando-a sempre com as saídas ao “terreno”, observando o Património Local, ligando com as matérias lecionadas. Nos relatórios anteriores, defendidos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, observamos um trabalho centrado na cidade, com as visitas de estudo ocorridas na mesma. Esta decisão por parte dos autores demonstra uma relevância de Coimbra, em alguns dos conteúdos estudados na disciplina de História. Vale ainda citar, por exemplo, o trabalho realizado por Ana Neves, onde para além da valorização da cidade, fê-lo ligando com o 25 de Abril, criando um roteiro de visita de estudo, em torno dos acontecimentos ocorridos⁵⁵.

Contudo, é relevante mencionar outros trabalhos, com geografias distintas, mas que são oportunos para observar a pertinência da História Local, noutras localizações. Deste modo, é possível mencionar os relatórios de João Liceia⁵⁶, que focou o seu trabalho no concelho da Figueira

⁵¹ Paula Fenta, «O Património Histórico como estratégia no ensino da História: Experiência Pedagógica no 8.º e 11.º ano» (Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2020), <https://eg.uc.pt/handle/10316/93775>.

⁵² Couto, «A História Local e o Património Histórico-Cultural no Ensino da História».

⁵³ Ana Moniz, «“Pedagogia da memória” no século digital: Tecnologias digitais para estudar História Local» (Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2020), <https://eg.uc.pt/handle/10316/93751>.

⁵⁴ Valério Santos, «Viagens pela minha terra: As visitas de estudo no contexto da História Local e Regional» (Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2019), <https://eg.uc.pt/handle/10316/93358>, p. 71.

⁵⁵ Ana Neves, «A História e o Património Cultural Local como estratégia no ensino-aprendizagem da História» (Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2022), <https://eg.uc.pt/handle/10316/104081>.

⁵⁶ João Liceia, «História e Património local enquanto ferramenta pedagógico-didática no ensino da História: O caso da Figueira da Foz» (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2021), <http://hdl.handle.net/10316/97031>.

da Foz, Inês Morais⁵⁷, que optou por escolher Aveiro, e ainda Tiago Ferreira⁵⁸, que trabalhou sobre o concelho de Condeixa. Nestes trabalhos, a aplicação de História Local como estratégia pedagógico-didática insere-se no contexto geográfico onde os mesmos realizaram o seu estágio pedagógico. Esta decisão é totalmente pertinente, pois tem como objetivo aproximar os seus alunos da disciplina, com a introdução dos elementos de História Local das suas geografias. Todavia, esta não foi a linha de raciocínio optada por todas as individualidades, sendo o exemplo de Leandro Correia⁵⁹, autor que utilizou a História Local para explicar o contexto da emigração portuguesa, no século XIX, utilizando o caso de São Vicente de Pereira, freguesia pertencente ao concelho de Ovar.

Neste caso, foi utilizada uma localidade afastada da realidade escolar na qual o estágio pedagógico teve lugar. O autor preferiu aproximar a geografia próxima ao mesmo, introduzindo-a ao corpo discente. Ainda assim, nunca colocando em causa a relevância da História da localidade, considera-se questionável a aplicação de elementos de História Local de geografias distantes ao local de estágio, pois perde-se desde logo o elemento vital de aproximação do aluno com a História. Em concreto, a distância entre o aluno e a disciplina mantém-se se abordarmos a História Nacional centrando-a em Lisboa, ou História Local situada a cerca de 90 quilómetros. Contudo, visto que o objetivo do autor não passou por incutir essa proximidade histórica, e sim, pôr em prática um conjunto de atividades ligadas ao efeito da emigração para o Brasil no século XIX, acabou por se demonstrar oportuno, dentro das linhas propostas no relatório em causa.

⁵⁷ Inês Morais, «Contributos da História Local e do Património Cultural para o ensino da História: O caso da Arte Nova em Aveiro» (Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2022), <https://eg.uc.pt/handle/10316/104072>.

⁵⁸ Tiago André Simões Ferreira, «A História Local e o Património como estratégia no ensino da História. Experiência Pedagógica no 8.º ano.» (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2021), <http://hdl.handle.net/10316/97036>.

⁵⁹ Leandro Correia, «Partir, Regressar e Investir: Uma abordagem didática sobre a emigração no século XIX português» (Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2017), <https://eg.uc.pt/handle/10316/85379>.

CAPÍTULO III – AS EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Nesta secção serão apresentados os dados recolhidos, sendo estes fruto de experiências realizadas no contexto escolar. Será esta secção dividida em três momentos, sendo uma primeira parte dedicada à descrição das atividades realizadas. A segunda parte será realizada a análise dos dados obtidos nas atividades apresentadas, interligando com elementos presentes nos inquéritos realizados. Por fim, esta secção será concluída com uma terceira parte, e última, onde serão comparadas as informações adquiridas neste estudo, com os resultados obtidos por outros autores.

3.1 - Apresentação das atividades realizadas

Durante o decorrer do ano letivo foram aplicados elementos entre as matérias abordadas e a História Local. Este trabalho, como foi dito *a priori*, foi realizado na turma de 12.º Y, onde está presente a matéria relativa ao século XX (História Contemporânea)⁶⁰. Desta maneira, foram organizados alguns momentos pedagógico-didáticos, aplicados progressivamente. Primeiramente, decidiu-se dinamizar um conjunto de aulas mais expositivas, apelando sempre à participação dos alunos. Nestas aulas o objetivo passou sempre pela aproximação dos alunos à matéria, no qual se inseria a temática de História Local abordada, bem como a apresentação de uma cidade, que todos tinham ligação, mas que desconheciam muito sobre a mesma.

Após a realização de três aulas dedicadas à História Local, realizaram-se duas visitas de estudo. Uma primeira realizada na Alta da cidade de Coimbra (sendo que o ponto de encontro foi na zona da Portagem), tendo como objetivo demonstrar os diferentes momentos históricos, pelos quais a cidade de Coimbra ficou marcada. Esta visita de estudo foi guiada pelo docente estagiário, tendo o objetivo de ser uma aula “a céu aberto”, com a participação dos alunos. A segunda visita de estudo teve como destino a *Exposição das Primaveras Estudantis*, um espaço museológico temporário, situado no Convento de São Francisco.

Por fim, uma última atividade foi realizada, tendo como base um trabalho mais autónomo dos alunos, já fora do contexto de aulas. Foi pedido que realizassem um levantamento junto dos seus familiares, das memórias desde o Estado Novo até ao período revolucionário. Neste contexto, o que seria inicialmente uma atividade exclusivamente dedicada à turma do 12.º Y, acabou por se alastrar a outras turmas⁶¹, pois ligou-se esta atividade a uma exposição realizada na escola, sobre

⁶⁰ Ministério da Educação, *Aprendizagens Essenciais de História – 12º ano, Ensino Secundário* (Lisboa, 2018).

⁶¹ Para além da turma do 12.º Y, no qual se centra o trabalho, o docente estagiário deu igualmente aulas a outras duas turmas pertencentes à professora orientadora do estágio, sendo estas o 11.º Y e o 9.º Y. No que toca à realização do levantamento de testemunhos familiares, a turma que se juntou à atividade está inserida no percurso de Línguas e Humanidades, sendo esta o 10.º Y.

o 25 de Abril⁶². Para este trabalho serão selecionados os testemunhos referentes ao 12.º Y, seguindo a lógica de acompanhamento específico desta turma.

3.1.1 - Aulas de História Local

O conjunto de aulas dedicadas à História Local começou ainda no primeiro período⁶³. O primeiro momento foi inserido na subunidade “Portugal: O Estado Novo”⁶⁴, mais precisamente no conteúdo temático referente às obras públicas dinamizadas pelo Regime salazarista. A aula teve como título “Coimbra do Estado Novo: Grandes obras públicas que marcaram a cidade”. Com esta aula, o objetivo passava por demonstrar a influência das políticas de construção dos gabinetes do Estado Novo, na cidade de Coimbra, deixando marcas claras na estética urbana, bem como na organização populacional da mesma.

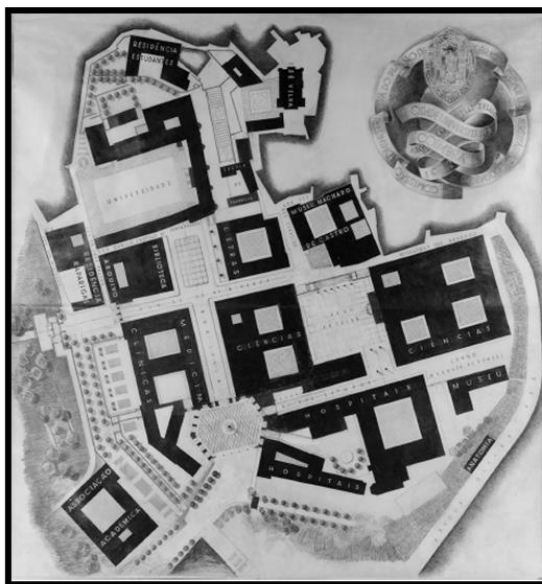


Figura 1- Plano Polo 1: 2ª versão preliminar - 1942⁶⁵

Foi apresentada a evolução da cidade, a partir da comparação de vários edifícios, sendo que algumas das estruturas apresentadas não existiram até à reforma realizada pelo Regime. Exemplo claro da reforma salazarista, é a reconstrução da Alta coimbrã. É o caso quase inabdicável para explicar as mudanças ocorridas. Nesse primeiro tempo, apresentou-se a Alta de Coimbra, antes da reforma, com o edificado típico da época, sem os edifícios que hoje caracterizam a Cidade

⁶² A escola dinamizou um conjunto de atividades ligadas ao 25 de Abril, sendo que o Núcleo de História auxiliou na realização das mesmas, e ainda procedeu igualmente à realização de outras. No relatório final serão expostos esses mesmo trabalhos, como por exemplo, a elaboração de um moral referente ao 25 de Abril, numa das paredes exteriores da Escola.

⁶³ As planificações das aulas específicas de História Local encontram-se disponibilizadas em anexo.

⁶⁴ Ministério da Educação, *Aprendizagens Essenciais de História – 12.º ano, Ensino Secundário*, p. 10.

⁶⁵ Susana Constantino, «Coimbra e o valor identitário da retórica do Estado Novo», *Dearq - Universidad de Los Andes*, n.º 21 (2017): 64–75, p. 67.

Universitária⁶⁶. Neste momento da aula, alguns alunos mostraram-se interessados, e questionaram o que aconteceu às pessoas que viviam na Alta conimbricense. Uma pergunta pertinente e importante, pois serviu de ponte para a explicação da construção dos novos bairros de Celas⁶⁷ e Marechal Óscar Carmona (atual Bairro Norton de Matos)⁶⁸. De ressaltar a identificação quase direta das linhas arquitetónicas dos edifícios universitários, conseguindo fazer uma comparação com a Universidade de Roma, ou seja, com linhas fascizantes, tal como Susana Constantino avança⁶⁹.

No cômputo geral, os cinquenta minutos da aula foram bem utilizados e distribuídos. Como será abordado em avanço, os primeiros cinco minutos foram utilizados para realizar um primeiro inquérito, de forma a saber a que ponto o docente estagiário iria confrontar.

A segunda aula teve sua ocorrência no segundo período, acompanhando a linha temática “Portugal, do autoritarismo à democracia”⁷⁰. O docente estagiário expôs a realidade conimbricense entre a Primavera Marcelista e o período revolucionário, intitulado a sua aula “Coimbra: do Marcelismo à Revolução”. À imagem da primeira aula dedicada à História Local, iniciou-se com a realização de um inquérito, o segundo desde o início do ano letivo. De seguida, avançou-se para a exposição do conteúdo. A estratégia de aula foi bastante próxima ao realizado na primeira oportunidade. Focou-se bastante na utilização do audiovisual, com a utilização de fotografias e vídeos, contemporâneos à matéria. O material utilizado foi retirado, no que diz respeito às fotografias, na totalidade da página online do projeto *25AprilPTLab*. No que diz respeito aos vídeos utilizados, esses foram observados a partir da página do Arquivo RTP⁷¹.

A estrutura da aula seguiu a ordem cronológica dos eventos a ser apresentados, sendo que relativamente ao período Marcelista, foram apresentadas imagens da realidade social vivida nas localidades da Conchada e da Relvinha, ambas em 1970. Desta maneira, foi possível mostrar aos alunos um paralelo com a realidade nacional vivida no período de estudo. Habitações com parcas condições, na sua generalidade, onde podemos observar uma clara mancha de pobreza, demonstrando as fragilidades reais da população portuguesa.

⁶⁶ Margarida Calmeiro, *Urbanismo antes dos planos: Coimbra 1834-1934* (Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, 2021), pp. 185-204.

⁶⁷ Para o caso do Bairro de Celas, sugere-se a leitura do seguinte trabalho: Maria Ferrão, «Identidade e memória: o bairro económico de Celas, Coimbra» (Porto, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2018), https://sigarra.up.pt/faup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=310883.

⁶⁸ Calmeiro, p. 195.

⁶⁹ Constantino, «Coimbra e o valor identitário da retórica do Estado Novo», p. 70.

⁷⁰ Ministério da Educação, *Aprendizagens Essenciais de História – 12.º ano, Ensino Secundário*, p. 12.

⁷¹ <https://arquivos.rtp.pt/> - último acesso realizado no dia 13 de maio de 2023.

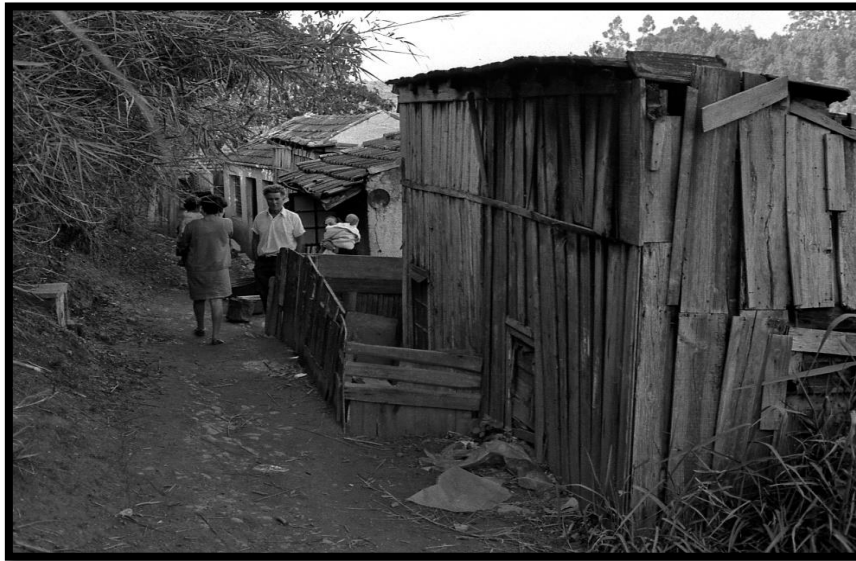


Figura 2- Bairro da Conchada em 1970⁷²

De seguida, avançou-se para o período revolucionário, tendo sido apresentados vários momentos-chave da História de Portugal. O primeiro momento escolhido, não podendo deixar passar, foi o 25 de Abril de 1974, onde se deu início ao período revolucionário e transição do Regime autoritário do Estado Novo, para um Regime democrático. Por Coimbra, apesar de não ter sido exatamente no dia da Revolução dos Cravos, mas entre os dias 26 a 28 do mês de abril desse ano, a sede da PIDE/DGS de Coimbra foi tomada pela população, o que demonstra uma clara posição da mesma de não esquecimento do papel opressor da instituição. Seguiram-se imagens da saída em massa da população conimbricense à rua, durante as manifestações do 1.º de Maio, o primeiro celebrado em liberdade. As fotografias demonstram claramente uma mobilização imensa nas ruas da cidade percorrendo a Avenida Sá da Bandeira até a oeste da margem do Rio Mondego.



Figura 3- O primeiro 1de Maio em liberdade - Coimbra 1974.⁷³

⁷² <https://25aprilptlab.ces.uc.pt/> - último acesso ao site no dia 9 de julho de 2023.

⁷³ <https://25aprilptlab.ces.uc.pt/> - último acesso ao site no dia 9 de julho de 2023.

Por fim, existiram mais dois momentos de apresentação audiovisual: um primeiro, onde são apresentadas imagens de populares a demonstrarem descontentamento, relacionado com a tentativa de Golpe do General Spínola a 11 de março de 1975. O segundo momento, foi constituído pela visualização de duas reportagens que acompanham as eleições constituintes em Coimbra, a 25 de Abril de 1975.

À imagem do que ocorreu na primeira aula de História Local (e que acontecerá igualmente na terceira), existiu um levantamento de ideias tácitas no início da aula, para observar os conhecimentos previamente adquirido pelos alunos sobre os temas. Num primeiro tempo questionou-se o que sabem sobre o tema na sua generalidade, e depois, sobre o mesmo tema, mas geograficamente restrito a Coimbra. Esta segunda aula serviu de ponte para o tema que seria abordado na aula seguinte, dedicada aos acontecimentos ligados à Crise Académica de 1969.

A terceira aula, e última, ocorreu no seguimento da anteriormente referida, mantendo assim uma linha lógica, tentando manter a atenção e compreensão dos alunos. Apesar de cronologicamente a temática em questão encontrar-se antes dos eventos revolucionários, considerou-se pertinente dedicar uma aula exclusiva para a questão da Crise Académica de 1969. Se essa razão não fosse considerada, o tema encaixaria na perfeição no momento anterior, na parte dedicada ao Regime de Marcelo Caetano.

Novamente, a aula teve uma característica expositiva e explicativa, apresentando os eventos ligados à Crise Académica a partir de imagens dos acontecimentos⁷⁴. O surgimento de uma crise académica em Coimbra, numa década onde a comunidade estudantil nacional já se tinha demonstrado desagradada com o regime⁷⁵. As universidades eram um campo dinamizador de estudantes opositores, influenciado por orientações marxistas⁷⁶. Esta realidade oposicionista no contexto universitário é importante para compreender a demonstração de desagrado que se irá despoletar na Academia conimbricense. As imagens apresentadas ao corpo discente apresentam todo o progresso da contestação realizada, sendo explicados os momentos que acompanham a evolução da Crise Académica de 1969. Para além do conteúdo fotográfico já mencionado, foi apresentando um vídeo relativo ao tema, presente no site *RTP Ensina*⁷⁷.

⁷⁴ Fotos obtidas a partir do artigo jornalístico publicado no site do *Observador*: <https://observador.pt/2016/03/24/crise-1969-as-imagens-luta-capas-negras-estudantes/> - último acesso realizado no dia 14 de maio de 2023.

⁷⁵ Miguel Cardina, «Memórias incómodas e rasura do tempo: Movimentos estudantis e praxe académica no declínio do Estado Novo», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 81 (2008): 111–31, p. 120.

⁷⁶ Cardina, «Movimentos estudantis na crise do Estado Novo: mitos e realidades», p. 68.

⁷⁷ <https://ensina.rtp.pt/artigo/a-crise-academica-de-1969-17-de-abril/> - último acesso realizado no dia 14 de maio de 2023.

Após a apresentação da temática, foram levantadas algumas questões pelos estudantes, sempre pertinentes e relativas ao tema, servindo de exemplo a seguinte:

O que aconteceu com os alunos que se recusaram a fazer parte da greve? Foram perseguidos pelos que fizeram? E, por exemplo, os professores que eram favoráveis ao movimento dos estudantes, o que lhes aconteceu?

A pergunta apresenta um nível considerável de interesse por parte do aluno e, até, de curiosidade. Compreendeu, a partir das informações apresentadas, que existiam estudantes, que por diversos motivos, não fizeram parte de toda a movimentação estudantil, o que levou a que o discente em questão se sensibilizasse para essa questão. Para além disso, ainda complementa a sua pergunta, questionando sobre as possíveis sanções sobre os docentes apoiantes da movimentação estudantil. No fundo, existe uma preocupação com as repercussões que as figuras históricas teriam sido vítimas.

No final, houve uma reflexão coletiva que levou automaticamente para um debate interessante sobre a Academia e a importância da mesma no contexto nacional, relativamente à data da Crise Académica. Afirmaram igualmente que desconheciam uma grande parte dos acontecimentos que ocorreram durante o acontecimento estudado, apesar da maioria dos alunos saber da existência do evento abordado. Desde logo observamos que muitos dos eventos os alunos conhecem, mas com uma ligeireza marcada pela inexistência que a História Local ocupa nas suas vidas.

3.1.2 - Visitas de Estudo

A aprendizagem de História Local poderá, potencialmente, trazer o interesse do aluno a uma possível aproximação à temática abordada, pois ao mesmo tempo que este se manifesta interessado pela “História das áreas longínquas, manifesta igualmente um grande interesse pela “História das regionalidades próximas”⁷⁸. Desta maneira, é importante aproveitar os recursos próximos, criando uma situação de aula no exterior. A visita de estudo torna-se nuclear neste sentido, trazendo o corpo discente para o espaço físico abordado em aula. Uma forma empírica de assimilação, sendo considerada uma “visita de estudo” uma saída, independentemente da distância, com objetivos educativos claros⁷⁹. Estas atividades que representam uma deslocação dos alunos, tendem a ser tentadoras para os mesmos. Contudo, deve ser bem cimentada a ideia do significado

⁷⁸ José Machado País, *Consciência Histórica e Identidade – Os Jovens Portugueses num contexto europeu* (Oeiras: Celta Editora, 1999), p. 186.

⁷⁹ António Almeida, *Visitas de estudo- Conceções e eficácia na aprendizagem* (Lisboa: Livros Horizonte, 1998), p. 51.

e implicações das saídas de estudo, no quadro das aprendizagens, distanciando inequivocamente de “meros passeios turísticos”⁸⁰.

As visitas de estudo *in loco* dependem de um conjunto linhas preparatórias, onde se devem filtrar os conteúdos a serem explorados e os materiais auxiliares necessários à sua realização. A burocratização das atividades exteriores ao espaço escolar exige uma preparação logística mais assídua, onde para além dos documentos e informações que devem ser fornecidos, devem ser contactadas as entidades devidas. Nos momentos anteriores à visita deve existir um planeamento atencioso, sendo aconselhado um conhecimento prévio sobre o local pretendido, facilitando especialmente a designação de objetivos e a elaboração de materiais a serem utilizados⁸¹. O momento seguinte é definido pela realização efetiva da visita, onde os alunos deverão estar atentos, retirando notas, que mais posteriormente poderão ser utilizadas como o docente achar melhor, seja no diálogo centrado num debate construtivo, ou por exemplo, na elaboração de trabalhos com, ou sem, apresentações orais.

Esta estratégia oferece um conjunto de pontos positivos que devem ser tidos em conta. As visitas de estudo são momentos em que a captação e assimilação de informação, reafirmando conhecimento obtido na realidade da sala de aula. Num campo socioeconómico, entrega aos alunos com uma realidade mais frágil, a possibilidade de experienciar o património de uma maneira que, de outro modo, lhes seria mais difícil, criando uma promoção da igualdade de oportunidades⁸².

Em ambos os exemplos que serão apresentados, as visitas de estudo foram devidamente planeadas, de modo a rentabilizar o máximo possível, potenciando a eficácia da atividade. Encontrando-se num contexto mais tranquilo, existe maior participação por parte dos alunos, de forma relativamente mais relaxada e aproximada dos mesmos, dinamizando um empenho claro por parte dos alunos, com o compromisso claro de participação⁸³. O contexto é propício a esta intervenção dinâmica dos alunos, pois os mesmos sentir-se-ão capazes de reconhecer o que fora lecionado no contexto de sala de aula. Criam desta forma, ligações claras entre a teoria e a prática, sendo por esta razão necessário aproveitar as “potencialidades pedagógicas do meio”⁸⁴.

Deste modo, considerou-se pertinente a realização de duas visitas de estudo. Uma primeira, realizada no espaço geográfico da Alta de Coimbra (dando o seu início ainda na Baixa da cidade),

⁸⁰ Araújo, «“Só se ama o que se conhece ...”: Contributos da História local no Ensino da História», p.71.

⁸¹ Couto, «A História Local e o Património Histórico-Cultural no Ensino da História», pp. 36 e 37.

⁸² Couto, p. 38.

⁸³ Hélder Oliveira, «As potencialidades didáticas das visitas de estudo: a perceção dos alunos sobre a aprendizagem desenvolvida» (XIII Coloquio Ibérico de Geografia., Santiago de Compostela, 2012), p.1682. *in* Araújo, «“Só se ama o que se conhece ...”: Contributos da História local no Ensino da História», p. 72.

⁸⁴ Almeida, *Visitas de estudo- Conceções e eficácia na aprendizagem*, p. 55.

e uma segunda saída, dirigida para a exposição “Primaveras Estudantis: da Crise de 1962 ao 25 de Abril”.

A primeira atividade, intitulada “Uma viagem pelo tempo na cidade de Coimbra” e realizada no dia 28 de março de 2023, teve como objetivo apresentar a presença do diferente património histórico, representante das mais diferentes épocas, pelas quais Coimbra vivenciou. O roteiro, planeado antecipadamente, previu o início no Largo da Portagem, onde se explicou o enquadramento histórico do mesmo, aproveitando para fazer uma alusão à evolução da Ponte de Santa Clara, apresentando as diferentes versões da mesma⁸⁵. Importa salientar que foi entregue aos alunos um desdobrável (realizado pelo docente estagiário), para que os mesmos fossem respondendo a perguntas presentes no mesmo, à medida que o a visita de estudo avançava e os discentes iam recebendo as informações. Os alunos não se fizeram acompanhar de informações ou materiais, para além do desdobrável e de um bloco de apontamentos que cada um utilizou para tirar notas sobre questões que eram abordadas. Esta foi igualmente a única atividade, realizada com a turma do 12.º Y com componente programática que não se centrava exclusivamente nas Aprendizagens Essenciais do nível mencionado. Pelo contrário, o objetivo da atividade tinha o princípio de incluir diferentes domínios das Aprendizagens Essenciais da disciplina de História A, dos diferentes níveis do Ensino Secundário. Desta maneira o roteiro tinha o objetivo de rever matéria abordada, entregando exemplos da História Local, tendo essas referências nas questões colocadas no documento desdobrável entregue pelo docente.

A turma, acompanhada pelo docente estagiário e o docente orientador, avançou pela Rua Ferreira Borges, que se interceta a meio com a Rua Visconde da Luz, em direção à Praça 8 de Maio. O objetivo deste primeiro caminho, sabendo que depois teríamos de voltar para trás, foi principalmente para observar o Mosteiro de Santa Cruz, considerado primeiro Panteão Real Nacional, analisando as diferentes evoluções arquitetónicas presentes na sua fachada⁸⁶. Durante o percurso a caminho da Praça 8 de Maio, foram observados alguns monumentos relevantes da Baixa coimbrã. De longe, foi possível visualizar a casa medieval, património num estado de conservação bastante positivo. Observou-se igualmente a Igreja de São Tiago, património bastante alterado da sua feição medieval original⁸⁷, e ainda a Igreja de São Bartolomeu. Mencionou-se de forma rápida

⁸⁵ É possível observar as diferentes variantes da Ponte de Santa Clara, desde do seu período medieval, até à construção do exemplar de 1875, na seguinte obra do século XIX: António Cardoso Borges de Figueiredo, *Coimbra antiga e moderna* (Lisboa: Livraria Ferreira, 1886), pp. 83-84.

⁸⁶ Fernando Daniel Couto, «Mosteiro Santa Cruz de Coimbra: análise e reconstituição» (Coimbra, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2014), <http://hdl.handle.net/10316/27231>, pp. 55-68.

⁸⁷ Isabel Carvalhos, «Da legitimidade da correção do restauro efetuado na Igreja de S. Tiago em Coimbra» (Seminário em Mestrado de História da Arte, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2006), <http://hdl.handle.net/10316/31091>, pp. 5-17.

a localização do Pátio da Inquisição, e apontou-se a importância central da construção da Rua da Sofia, um traço claro da época moderna⁸⁸.

Com a observação destes exemplos localizados na Baixa da cidade, deu-se início à subida em direção à Alta Coimbrã. A paragem seguinte marcou a passagem pela antiga Muralha da Cidade⁸⁹. Esta entrada foi assinalada pelo docente estagiário, pois tratava-se dos poucos sobras da fortificação da cidade. A passagem pela Porta de Barbacã, cupulada à Torre de Almedina, era a entrada mestre pela zona da Baixa para a zona muralhada da cidade. Os alunos demonstraram-se interessados na ideia de uma Coimbra entremuros, que lhe foi sugerido a visita do projeto *Coimbra Medieval*, um site onde é feita uma reconstituição daquela que seria a cidade no período da Idade Média⁹⁰.

Seguiu-se uma paragem ao Largo da Sé Velha, onde se realizou-se uma paragem de explicação do monumento. Analisou-se o mesmo, identificando o estilo arquitetónico e a importância da instituição no passado. Do espaço da Sé Velha a turma, juntamente com os docentes, dirigiu-se pela Rua Coutinho, identificando, ainda que à distância, o edifício pertencente à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. O objetivo da escolha deste caminho foi chegar, a partir da Rua Sobre Ripas, para a Torre de Anto, uma outra estrutura pertencente à Muralha de Coimbra. A visita continuou subindo pelo caminho utilizado até à Torre de Anto, mas subindo pela Rua João Jacinto, até a interceção com a Couraça dos Apóstolos. Chegando próximo da Rua Padre António Viera, o grupo de docentes e discentes subiu pela rua paralela ao Colégio de Jesus (Rua Inácio Duarte), chegando ao Largo Marquês de Pombal, entre esse mesmo edifício já citado, e o Laboratório *Chímico*. Quando a turma se situava nesta zona, houve uma troca de ideias sobre a intervenção de Marquês de Pombal, sendo que os alunos foram capazes de fazer uma ligação dos conhecimentos obtidos no passado⁹¹. Avançou-se desta forma em direção do Largo da Feira dos Estudantes, possibilitando assim a observação e análise da fachada da Sé Nova, fazendo, inclusivamente, algumas comparações com a Sé medieval. A linha arquitetónica aproximada a uma fortaleza distingue-se por completo da catedral moderna.

A visita tomou a direção do Museu Nacional Machado de Castro, centrando-se no edificado referente ao criptopórtico romano. Esta estrutura serviria para nivelar e suportar o fórum

⁸⁸ Walter Rossa, «A Sofia: Primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade portuguesa», *Monumentos*, n.º 25 (2006): 16–23.

⁸⁹ Leontina Ventura, «A Muralha Coimbrã na Documentação Medieval», em *Actas das I Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro* (Coimbra: Grupo de Arqueologia e Arte do Centro, 1980) (separata).

⁹⁰ <https://coimbramedieval.wixsite.com/coimbramedieval> - Último acesso realizado no dia 16 de maio de 2023.

⁹¹ República Portuguesa, «Aprendizagens Essenciais: História A 11.º Ano», Revisão 2022 de 2018, p. 9.

inicialmente construído por Augusto, mas reconstruído, mais tarde, pelo imperador Cláudio⁹². Esta estrutura representa fisicamente uma época sobre a qual muitos dos alunos desconheciam ter ocorrido pela cidade de Coimbra. Quando questionados, rapidamente apresentaram Conimbriga como legado clássico romano, contudo, não tinham qualquer ideia de que uma cidade romana ter-se-ia erguido em Coimbra (*Aeminium*). A entrada no criptopórtico acabou por demonstrar aos alunos de que a cidade de Coimbra, na verdade, passou por um conjunto de etapas, que a foram moldando até aos dias de hoje. Tal como um aluno declarou, “Coimbra, no final das contas, é o resultado de todos os povos que viveram aqui”⁹³.

A visita de estudo, já perto da sua reta final, foi dirigida para o Paço das Escolas, subindo pela Rua São João, e depois, entrando no Largo da Porta Férrea. Passando o largo, onde foi possível observar a Faculdade de Letras e a Biblioteca Geral, os alunos e os docentes entraram então pelo Paço das Escolas, passando pela Porta Férrea. No local, foi questionado aos alunos o que sabiam sobre o mesmo, sendo que estes se pronunciaram de forma correta. Apresentaram a data de fundação da Universidade com D. Dinis (1290), a data de fixação permanente em Coimbra, com D. João III (1537) e falaram da construção da Biblioteca Joanina no século XVIII. Foram capazes de fazer ligação à primeira aula de História Local, quando foram abordadas as grandes obras públicas da Alta de Coimbra, durante o período salazarista, relacionando com imagens previamente observadas.

Apesar de todas as informações corretas, o docente estagiário avançou com informações relativas ao período de domínio muçulmano em Coimbra, que terminou em 1064⁹⁴. Esta referência serviu para explicar que, no sítio onde os mesmos reconheceram como “Palácio Real”, já tendo sido pertencente do Rei D. Afonso Henriques, tratava-se de um alcácer⁹⁵. Desta forma, a premissa anteriormente citada sobre uma Coimbra construída em torno de várias influências ganha mais força, acrescentando mais uma realidade cultural ao argumento apresentado.

Terminada a paragem pelo Paço das Escolas, os alunos, em conjunto com os docentes presentes, dirigiram-se pela Rua Larga até à Estatua de D. Dinis, fazendo um ponto de conclusão, resumindo a viagem realizada durante o dia. Desta forma foi possível observar a que ponto a visita pela cidade tinha sido conseguida, pois os alunos mostraram-se bastante participativos. Foi neste ponto igualmente que se verificou as respostas dadas às perguntas entregues no início da viagem,

⁹² Jorge de Alarcão, Pedro Carvalho, e Ricardo Silva, «Los foros de Conimbriga y de Aeminium: comparación y síntesis del estado de la cuestión», *Zephyrus* 80 (2017): 131–46, <https://doi.org/10.14201/zephyrus201780131146>, p. 139.

⁹³ Declaração de um aluno da turma 12.º Y, durante a visita de estudo.

⁹⁴ Jorge de Alarcão, «Coimbra e sua região no tempo de D. Sesnando», *Portvgalia*, Nova Série, 42 (2021): 159–73, <https://doi-org/10.21747/09714290/port42a8>, p. 160.

⁹⁵ Alarcão, p. 163.

concluindo-se que os alunos teriam estado bastante atentos e presentes. Assim, o programa da visita dava-se por concluindo, tendo a turma que se dirigir em direção ao ponto de partida, o Largo da Portagem. O caminho selecionado passava pelo Jardim Botânico, entrando-se pela Porta do Arco da Traição. O objetivo foi simples: utilizar o jardim botânico como fase de relaxamento, onde os alunos aproveitariam apenas a tranquilidade do espaço, após uma longa manhã. Chegando à Rua da Alegria, os docentes orientaram os alunos até ao Largo da Portagem, dando-se por concluída a visita de estudo, sendo realizado tudo como programado.

A segunda saída, realizada no dia 27 de abril de 2023, teve lugar no Convento de S. Francisco. Neste espaço esteve presente a exposição “Primaveras Estudantis: da Crise de 1962 ao 25 de Abril”, já mencionada *a priori*, onde se encontrava um conjunto de elementos relativos ao tema abordado. A visita teve a presença de um guia residente, que acompanhou a turma ao longo da exposição, explicando todo o seu conteúdo, tornando a participação dos docentes presentes mais passiva. A exposição teve a sua devida pertinência, sustentada pela matéria estudada no contexto da disciplina de História A, estando diretamente ligada à temática do Estado Novo Salazarista, e ainda, à matéria relativa à Primavera Marcelista⁹⁶. Para além ligação entre a temática abordada na visita e a matéria relativa às Aprendizagens Essenciais previstas para o 12.º, o tema sobre a *Crise Académica de 1969* foi abordado de maneira mais aprofundada, do que previsto pelas Aprendizagens Essenciais. Como foi previamente abordado, o tema em causa foi selecionado para realizar uma aula inserida na temática pedagógica central deste estudo, tornando-se inevitável a ligação entre a visita em questão e a aula realizada *a priori*.⁹⁷

A exposição tinha como objetivo demonstrar a dinâmica democrática presente na academia portuguesa, entregando especial foco às universidades de Lisboa e Coimbra. No que toca à dinâmica coimbrã, foi referida e sublinhada a Crise Académica de 1969, tendo um peso importante na sociedade, demonstrando a necessidade de transformação da mesma⁹⁸. Toda a apresentação teve um papel de consolidação da matéria já abordada em aula, entregando detalhes e curiosidades não aprofundados em aula, desconhecidos dos alunos. Por exemplo, relativamente à crise de 1962, que apesar de ser abordada em contexto de sala de aula, acabou por não ser tão aprofundada e, naquele contexto, foi possível observar todo o conjunto de realidades que dinamizaram esta primeira insurreição académica. Outro ponto que suscitou o interesse dos alunos foi a aproximação a documentos históricos, como jornais, boletins e manuscritos, que por nunca terem observado tão

⁹⁶ República Portuguesa, «Aprendizagens Essenciais: História A 12.º Ano», Revisão 2022 de 2018, pp. 10 e 12.

⁹⁷ Plano de aula presente em Anexo.

⁹⁸ Cardina, «Memórias incómodas e rasura do tempo: Movimentos estudantis e praxe académica no declínio do Estado Novo».

de perto tais exemplares, ficaram agradados. Tiveram a oportunidade de observar documentação histórica relativa ao período, tomando conhecimento das fontes, tão mencionadas na disciplina. Por fim, o simples facto de dar nome às pessoas envolvidas, aos estudantes enviados para o Ultramar, aproximou todo o grupo da retórica ali apresentada. O quadro final, com as listas dos estudantes enviados para a Guerra Colonial sensibilizou bastante o conjunto discente. Um aluno afirmou inclusivamente que, “agora que vemos esta lista, e todos estes nomes, parece mais pessoal, podiam ser nossos familiares”.

A realização das duas visitas de estudo prendeu-se principalmente na dinamização de conteúdos relacionados com a História Local. Ambos os momentos visam apresentar a História centrada em acontecimentos relacionados ao global, ou nacional, observados na realidade local. Luís Reis Torgal, na sua reflexão em 1987, afirma se qualquer dúvida que sem a História Local e Regional não seria possível realizar a História Geral. Esta afirmação vai ao encontro da ideia de dependência entre as diferentes escalas da História, aqui apresentadas⁹⁹. André Machado afirma que nenhum acontecimento surge como História Regional ou Local, sendo a nossa visão de mundo elege e hierarquiza as circunstâncias, definindo o estado que estas terão no nosso entendimento sobre o passado. O autor declara, inclusivamente, que as ocorrências tidas como História Regional, normalmente receberam dois tratamentos. Por um lado, nas obras que têm como objetivo apresentar uma narrativa de História Nacional, eventos regionais e locais acabam por ser ignorados, a menos que os mesmos estejam contemplados numa categoria “superior”, como, por exemplo, a apresentação de tratados, que complementam a narrativa central¹⁰⁰.

Todavia, é possível contemplar uma importância efetiva na História Local e Regional, que para além de servir de simples adereço complementar, “contribui para a correção de teorias ou generalizações apressadas”¹⁰¹. O erro da generalização presente numa visão centrada numa grande escala ocorre devido à desvalorização das ocorrências descentralizadas, inclusivamente, na crença a que existe um percurso sincronizado por todo o território nacional. O que a História Local e a História Regional demonstram, ainda que em escalas diferentes, é a disponibilização de novas dimensões da História, demonstrando a complexidade dos eventos. Deste modo, são disponibilizados elementos para uma melhor assimilação do processo histórico, possibilitando uma “aproximação do vivido”, humanizando a História Geral, contrapondo “ao anonimato dos

⁹⁹ Torgal, «História... Que História?: Algumas reflexões introdutórias à temática da História Local e Regional», p.860.

¹⁰⁰ André Roberto Machado, «Entre o nacional e o regional: Uma reflexão sobre a importância dos recortes espaciais na pesquisa e no ensino da História», *Anos 90* 24, n.º 45 (2017): 293–319, p. 306.

¹⁰¹ Santos, «Do Local ao Global: uma reflexão sobre conceitos e práticas», p. 125.

números e das estatísticas, o individual, o particular, o específico”¹⁰². Vale a pena reforçar que não existe uma resistência entre as diferentes escalas, pelo contrário. Se por um lado, as Histórias Local e Regional servem a História Geral, construindo uma imagem fiel do território que abrange, demonstrando as complexidades do mesmo, a História Geral serve igualmente a outra parte, fornecendo um enquadramento que auxilia a compreender as dinâmicas envolvidas numa escala menor. Existe uma contribuição mútua entre ambas as historiografias, para o aprofundamento final do conhecimento¹⁰³.

3.1.3 - A memória do Estado Novo ao 25 de Abril

Durante o decorrer do terceiro período, tendo tido início a meados do seu antecessor, foi levado a cabo um projeto, orientado pelo Núcleo de História, a nível escolar. Este projeto, inserido nas comemorações do 25 de Abril, tinha como objetivo reunir um conjunto de relatos dos familiares dos alunos, aglomerando um conjunto de memórias locais¹⁰⁴.

A Memória e a História, apesar de muitas vezes confundidas, têm traços distintos que devem ser identificados. A conceção da História, aliada a um pensamento positivista, representa uma verdade objetiva, baseando-se em documentação para quantificar, sendo ainda utilizada uma nomenclatura específica. A memória é uma construção subjetiva, que pode deformar a verdade histórica para legitimar ações, sendo capaz de manipular uma perceção coletiva, com uma premissa pseudo-complementar da História¹⁰⁵. Contudo, é possível conjugar a Memória e a História, a partir do momento em que a primeira citada se sujeite à crítica da História, tornando-a o mais fiel, tornando-se credível¹⁰⁶.

Desta forma, a utilização da memória como complemento à inclusão de História Local, através complementaridade que pode ser criada entre esta última e a Memória presente no seio local, oriunda dos familiares próximos dos alunos participantes. O objetivo principal passava pela utilização das realidades de cada interveniente, cruzando com a realidade histórica abordada na disciplina, com a retórica elaborada pelos participantes. Desta forma, seria possível observar a presença de personalidades locais, como atores de uma ação nacional.

¹⁰² José Amado Mendes, «Para uma Nova História Local: Reflexões e Perpectivas», *Revista Beira Alta* XLIX (1990): 125-34, pp. 128-129.

¹⁰³ Mendes, «História local e memórias: do Estado-Nação à época da globalização», pp. 363-364.

¹⁰⁴ Apesar da realização da atividade a diferentes turmas, contabilizando o 9.º ano e o ensino secundário, para este trabalho, apenas os dados recolhidos pelos alunos do 12.º Y serão considerados. Esta decisão prende-se com o facto de ter sido com esta turma que o trabalho sobre a História Local foi realizado.

¹⁰⁵ Maurice Halbwachs, *La Mémoire Collective*, 2.ª (Paris: Presses universitaires de France, 1968), pp. 68-74.

¹⁰⁶ François Dosse, «Entre histoire et mémoire: une histoire sociale de la mémoire», *Raison présente Mémoire et Histoire*, n.º 128 (1998): 5-24, <https://doi.org/10.3406/raipr.1998.3502>, p.21.

A atividade “recolha de testemunhos” por parte dos alunos, junto dos respetivos familiares foi pensada, a priori, como uma atividade do grupo disciplinar, só no final do 1.º período. De facto, aquando da recolha de propostas, em setembro, para integrar o Plano Anual da Escola, foi apresentada e discutida a importância da comemoração das efemérides, com destaque para os feriados nacionais de 5 de Outubro, 1 de Dezembro e 25 de Abril. Na abordagem ao feriado relativo à Revolução dos Cravos, não estava inicialmente prevista a atividade “recolha de testemunhos”, porém, e depois da concretização das primeiras efemérides, impôs-se, com maior incidência, a pertinência do conhecimento da nossa historiografia, mais em particular a que diz respeito ao feriado do 25 de Abril. Para os nossos alunos, na generalidade, um feriado é “um dia sem aulas”. Esta constatação foi o princípio que orientou a decisão de “ir mais longe”, envolvendo os alunos na compreensão do período relativo ao Estado Novo, no que diz respeito às dificuldades vividas, entre elas a fome, a Guerra Colonial, a emigração ilegal e o medo da polícia política. A estratégia delineada incumbia os próprios alunos de serem os agentes e os construtores dessa mesma compreensão.

Se se atentar ao Programa de História A¹⁰⁷, este refere na sua Introdução que:

(...) As transformações das sociedades contemporâneas, pela rapidez com que se processam e pela cada vez maior imprevisibilidade dos seus desfechos, evidenciaram a importância de uma escolaridade (...) menos divorciada das realidades quotidianas e das interrogações que estas colocam. Neste contexto complexo – em que se exige «mais escola», mas, simultaneamente, se pretende uma escola diferente – urge assegurar aos jovens formações sólidas, orientadas para o desenvolvimento de competências mobilizadoras da totalidade do indivíduo e que, pelo elevado grau de transferência que apresentem, suscitem desempenhos adequáveis a novas situações.¹⁰⁸

Nesta linha, é possível observar no segundo parágrafo das Aprendizagens Essenciais de História A, uma retórica concordante :

O objeto e o método próprios da disciplina de História A tornam-na importante para a consecução do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória: recorrendo à multiperspetiva e a comparações entre realidades espaço-temporais distintas, o aluno adquire a compreensão do mundo em que vive e uma consciência histórica que lhe permite assumir uma posição informada e participativa na construção da sua identidade individual

¹⁰⁷ Apesar de se tratar de um documento revogado pelo despacho 6605-A/2021, de 6 de julho, ainda constitui uma importante linha de orientação na gestão dos conteúdos.

¹⁰⁸ Ministério da Educação - Departamento do Ensino Secundário, «Programa de História A», 2002, p. 3.

*e coletiva, numa perspetiva humanista; um método que valoriza a análise exaustiva de fontes diversificadas e promove o desenvolvimento de uma perspetiva crítica, possibilitando a desconstrução de informação, identificando o erro e a ilusão, promovendo uma intervenção consciente e democrática na vida coletiva.*¹⁰⁹

Nesse sentido, a atividade inicialmente pensada para uma turma do 9.º ano, ganhou uma dimensão transversal a toda a escola (do 3.º Ciclo ao ensino Secundário), atraindo aderentes e entusiastas, indo para além da recolha de testemunhos, também para a cedência de fotos e outros documentos pelos familiares, cedidos com algum receio que se perdessem. Foi importante a confiança assegurada, junto dos alunos, para que tranquilizassem os seus familiares de que tudo lhes seria devolvido, razão pela qual se optou pela cópia de algumas dessas fotos, já que as mesmas integraram a exposição sobre a temática de “Abril”. Em termos metodológicos, a atividade pensada e realizada, veio ao encontro do que é sugerido no Programa de História A, no ponto 2.5 “Sugestões metodológicas gerais”, considerando-se que:

(...) Os princípios enunciados na Introdução (...) requerem a opção por uma linha metodológica que enfatize o desenvolvimento de aprendizagens promotoras da autonomia pessoal e conducentes à construção progressiva de um quadro de referências orientador da intervenção crítica na vida coletiva. (...).

E ainda,

(...) Um tal processo, que visa desenvolver nos alunos a apropriação consciente de formas de pensar estruturadas e de modos de agir criativos, implica a conceção:

- Da aula como um espaço aberto às dinâmicas individuais e de grupo, num equilíbrio entre iniciativas individuais e cooperação;*
- Do professor como um orientador atento, conciliando o cumprimento da programação com respostas pedagogicamente adequadas às necessidades dos alunos, procedendo à diversificação de estratégias e à necessária individualização do ensino. (...).*

Para que,

(...) os alunos atinjam os objetivos propostos e venham a evidenciar as competências consideradas desejáveis, toda uma variedade de recursos e de atividades poderá ser mobilizada pelo professor, no sentido de:

¹⁰⁹ República Portuguesa, «Aprendizagens Essenciais: História A 12.º Ano», p. 2.

- Incentivar e orientar a pesquisa individual em suportes diversos, dentro e fora da sala de aula. (...).¹¹⁰

O objetivo traçado foi plenamente atingido, quando os alunos, depois de ouvirem, escreveram e gravaram o que foi narrado na primeira pessoa, do “seu avô” ou da “sua avó”, sentindo e interiorizando o momento difícil que lhes foi pedido que compreendessem, levando-os a desabafos, como “Nunca pensei que fosse assim...”, ou “Eu não imaginava que era assim tão mau”.

Também a comunidade escolar foi atraída pela curiosidade de ler alguns dos extratos expostos, considerando-os de um interesse maior, sugerindo que fossem fotocopiados, encadernados e disponibilizados na Biblioteca Escolar, tornando-os acessíveis a uma leitura mais individualizada, “Eu gostava de levar e ler em casa. Façam isso, por favor.” (docente de Filosofia), ou “O conteúdo do que está exposto é de uma riqueza tamanha. Merece ser divulgado.” (docente de Português).

Esta atividade, que demonstrou uma amplitude imensa, com uma escala que referenciou um conjunto alargado de alunos e turmas, serviu para realizar igualmente um levantamento de memórias locais pertinentes para a investigação, sendo a seriação dos testemunhos limitada aos entregues pela turma do 12.º Y¹¹¹. Assim sendo, foram escolhidos dois relatos de momentos Históricos relativos ao período do Estado-Novo, sendo que o segundo aborda uma realidade de transição de poderes coloniais, no pós-25 de Abril, durante o Período Revolucionário em Curso (PREC). Esta aproximação dos discentes à História, possibilitado pela História Local, pode ocorrer quando os mesmo observam alguém próximo a fazer parte do acontecimento histórico. Por esta razão a Memória pode ser uma ferramenta útil, criando mais um elemento de motivação para o estudo e a compreensão da História. Assim sendo, segue-se o seguinte relato:

Hoje vou falar do tio da minha mãe, [...], irmão do meu avô. Esse senhor, pertenceu a um grupo chamado Luar, esse grupo foi criado para combater o regime do Estado Novo. O grupo organizou um assalto ao Banco de Portugal na Figueira da Foz em 17 de maio de 1967, e esse senhor ficou encarregue de cortar as comunicações do banco em Palma de Maiorca, para proceder ao assalto. Tiraram do cofre cerca de 20 mil escudos, esse dinheiro não ficou para eles, mas sim para ajudar na revolução do Estado Novo. [...] guardou as

¹¹⁰ Ministério da Educação - Departamento do Ensino Secundário, p. 11.

¹¹¹ Para a proteção da identidade dos alunos participantes e os seus familiares, não serão utilizados nomes para identificar os levantamentos apresentados.

metralhadoras usadas no assalto, no seu sótão. Nessa altura ele estava no café e dizia às pessoas mais chegadas se queriam metralhadoras, mas claro era a gozar. Depois do 25 de Abril de 1974 a polícia daquela altura foi buscar essas metralhadoras usadas no assalto. O irmão do meu avô já tem uns 77 anos e encontra se no brasil (sic).¹¹²

Este primeiro relato está diretamente relacionado com um parâmetro do conteúdo programático de História A. O caso do Assalto do Banco de Portugal¹¹³, na Figueira da Foz é abordado, sendo uma das demonstrações de fragilidade interna, após o início da Guerra Colonial¹¹⁴. Apesar da geografia do evento ser externa à relativa a este estudo, existe ainda assim uma ligação à História Local, ainda que na Figueira da Foz, com a História Nacional¹¹⁵. A memória cria uma ponte entre a teoria do que é aprendido, para a realidade, o que entrega desde logo uma imagem da História que contraria o pensamento primário generalizado.

O segundo relato foi contado pelo avô de uma aluna da mesma turma. Ao contrário do anterior, relatado na terceira pessoa, este foi apresentado pela própria personagem histórica, pela primeira pessoa. Este senhor esteve presente no território angolano, no período de transição em 1975:

Eu não estive propriamente na Guerra Colonial. Fui «fazer» a independência de Angola. Estive lá desde março até novembro de 1975. Eu era motorista de carros blindados Panhards e fazia a segurança, nomeadamente de Jonas Savimbi, o líder da UNITA. Gostava muito dele e um dia prometeu-me que quando Angola fosse livre levava-me para lá, a mim e à minha família. Apesar de o tempo em que eu estive em Angola não ter correspondido à Guerra Colonial, também nessa altura se comia mal. Inicialmente ainda havia comida, mas nos últimos três meses havia escassez de produtos. Quando regresssei a Portugal, ainda andei uns tempos traumatizado porque vi muita gente morrer. Vi abrirem valas comuns e a enterrarem apenas braços e pernas de pessoas, sem as restantes partes do corpo. Era horrível. Curiosamente, um dos meus irmãos foi para Guerra Colonial na

¹¹² Relato entregue no dia 30 de março de 2023, por um aluno do 12.º Y. O texto mantém-se original, tendo sido retiradas as referências diretas ao nome do indivíduo referido.

¹¹³ Para maior aprofundamento sobre o caso, sugere-se a leitura da seguinte obra: Luís Vaz, *Palma Inácio e o Assalto ao Banco de Portugal da Figueira da Foz (1967)* (Lisboa: Ancora Editora, 2016).

¹¹⁴ República Portuguesa, «Aprendizagens Essenciais: História A 12.º Ano», pp. 12 e 13.

¹¹⁵ Apesar da individualidade em causa ter participado num evento fora da localidade onde o estudo da História Local é relevante, a individualidade participante seria residente próximo à geografia abrangente neste trabalho. Contudo, sublinha-se a ideia de que nunca se saiu da temática da História Local.

*década de 60, para a Guiné, e foi dado como morto. Na verdade, quem tinha morrido tinha sido um outro soldado, para alegria de todos nós.*¹¹⁶

Esta personalidade vivenciou um momento que marcou profundamente, tanto a realidade portuguesa, como a realidade angolana. Interessante observar como este avô da aluna do 12ºY conheceu e teve uma experiência próxima com Jonas Savimbi¹¹⁷, uma das personalidades mais influentes e importantes durante a transferência de poder de Portugal, para Angola, e depois, durante a Guerra Civil, opondo-se ao MPLA¹¹⁸, partido do Regime, e ao FNLA¹¹⁹. Ademais, o avô desta aluna, responde à questão “Que importância atribui ao 25 de Abril de 1974?”, da seguinte forma:

*Para mim foi importante porque eu participei nas operações. Quando ocorreu o 25 de Abril eu estava na tropa. No dia anterior estava no Quartel de Estremoz. Eu pertencia à Cavalaria 3, nos carros blindados. Fomos chamados para Vila Franca para reforçar posições do MFA que já tinham partido para a Praça do Comércio. Mais tarde, quando os mesmos partiram para o Quartel do Carmo, onde estava Marcello Caetano, nós avançamos para a Praça do Comércio. Isto também porque tinham chegado os da Cavalaria 7 para combater contra o MFA, e por isso fomos reforçar as forças revolucionárias. O meu carro era o ME3217. Mas só passado alguns dias é que festejámos. Lembro-me de ver pessoas que tinham os genros e filhos presos pela PIDE e quando tudo acabou foi uma grande alegria.*¹²⁰

Esta observação representa bastante o sentimento presente nos diversos combatentes presentes na Guerra Colonial¹²¹, tal como é sentido a partir do movimento que dinamizará a queda do regime, o Movimento das Forças Armadas. O fim da Guerra era uma demanda pedida pelos que faziam representar, de maneira forçada, os interesses do Regime do Estado Novo. O fim da Direção-Geral de Segurança¹²² era ansiado profundamente, o que demonstra o cariz repressivo que a polícia política tinha, sendo um espelho ela mesmo do Regime autoritário, vigente até 1974.

¹¹⁶ Relato entregue no dia 30 de março de 2023, por uma aluna do 12.º Y.

¹¹⁷ Líder Político da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), assassinado em fevereiro de 2002.

¹¹⁸ Movimento Popular de Libertação de Angola.

¹¹⁹ Frente Nacional de Libertação de Angola.

¹²⁰ Relato entregue no dia 30 de março de 2023, por uma aluna do 12.º Y.

¹²¹ Para compreender e ter um exemplo da realidade da Guerra Colonial, aos olhos dos combatentes, num contexto local, sugere-se a leitura da seguinte obra: Rodrigo André Vitorino Vaz, *Memórias de guerra : como fazer história a partir de quem a viveu?* (Viana do Castelo: Junta de Freguesia de Castelo do Neiva, 2021).

¹²² Apresentada como “PIDE” (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) na citação, demonstrando que a sigla anterior ficou bastante presente nas mentes das pessoas, apesar da reforma de Marcelo Caetano.

Esta atividade acabou por proporcionar um momento de reflexão aos alunos participantes. Sendo confrontados com a realidade vivida pelos seus familiares, conseguiram reconhecer alguns elementos estudados no contexto de sala de aula. Desta forma, foi ainda possível seguir alguns dos objetivos propostos pelas Aprendizagens Essenciais, como:

Identificar a multiplicidade de fatores e a relevância da ação de indivíduos ou grupos, relativamente a fenómenos históricos circunscritos no tempo e no espaço;

Mobilizar conhecimentos de realidades históricas estudadas para fundamentar opiniões, relativas a problemas nacionais e do mundo contemporâneo, e para intervir de modo responsável no seu meio envolvente;

Problematizar as relações entre o passado e o presente e a interpretação crítica e fundamentada do mundo atua.¹²³

Assim, a História Local e a memória acabam por se complementar, aproximando a História dos alunos, numa tentativa de auxiliar os mesmos na sua compreensão, conjugando as características consideradas importantes, a partir das Aprendizagens Essenciais, com a proximidade dos eventos locais.

3.2 - Análise dos Resultados

A realização de atividades de História Local revelou-se produtiva e dinamizadora de um interesse generalizado no seio da turma. Houve desde logo uma participação bastante positiva no decorrer das aulas específicas de História Local. Nas saídas, em visita de estudo, a primeira realizada na Alta da cidade de Coimbra obteve uma participação louvável. Uma turma que se mostrou sempre atenta e interessada em participar. A segunda visita de estudo acabou por se tornar um pouco mais “tradicional”, pois tendo um guia, o silêncio reinou, sendo principalmente uma demonstração de civismo por parte dos alunos. A tranquilidade sentida não será sinónimo de desinteresse, pois ao longo da mesma vários foram os alunos que colocaram dúvidas, demonstrando atenção. A última atividade, realizada no contexto das celebrações do 25 de Abril, acabou por não ter uma adesão de maior dimensão, resumindo-se principalmente a três alunos, no caso da turma do 12.º Y.

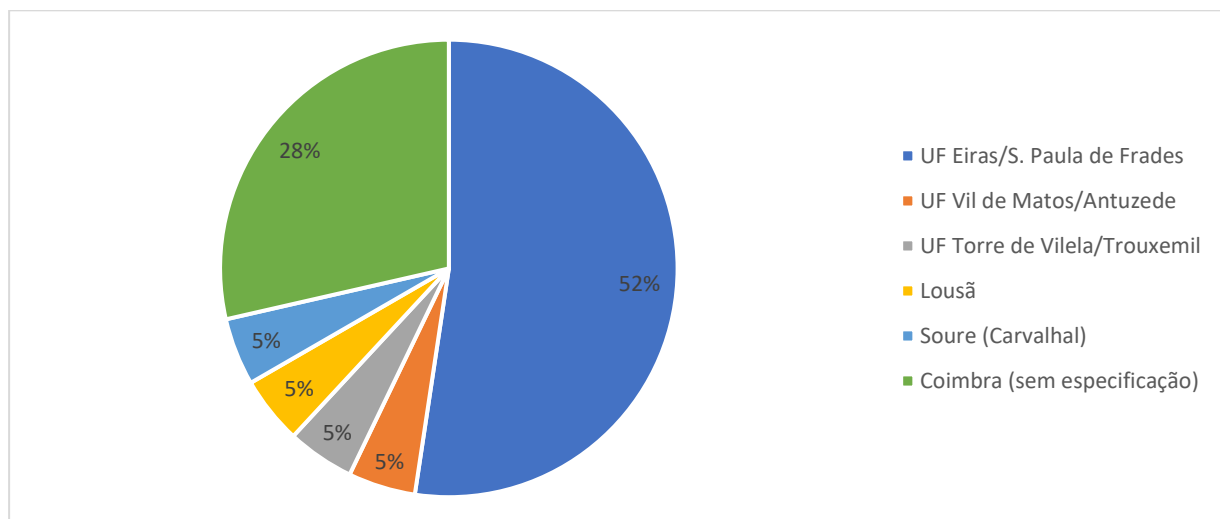
O objetivo central a todas as atividades programadas era a aproximação à disciplina de História, a partir da introdução de História Local, como estratégia pedagógico-didática. Nesse

¹²³ República Portuguesa, «Aprendizagens Essenciais: História A 12.º Ano», pp. 3-5.

sentido, para analisar mais claramente a influência da aplicação do conteúdo relativo a História Local, observemos os dados recolhidos a partir dos inquéritos.

3.2.1 - Inquérito I

O primeiro inquérito¹²⁴, que serviu para recolher dados preliminares da turma, teve uma amostra de 19 alunos. Deste conjunto de alunos, podemos observar a seguinte distribuição ao nível dos seus locais de residência:



Observamos desta maneira que a maioria dos alunos vive perto da escola, sendo que 52% dos alunos inquiridos vivem na União de Freguesias de Eiras e São Paulo de Frades. Depois, 28% dos alunos presentes vivem no concelho de Coimbra, mantendo a proximidade ao estabelecimento escolar¹²⁵. Os restantes alunos vivem fora dos limites concelhios, porém, em ambos os casos, existe uma ligação familiar a Coimbra, para além de ser o local onde os encarregados de educação exercem as suas atividades profissionais.

Quando questionados se consideravam a História Local importante (pergunta 1), e se gostariam de estudá-la no contexto da disciplina de História A (pergunta 2), os presentes responderam todos “Sim”. Esta alegada unanimidade pode ter leituras distintas: se nos resumirmos apenas aos dados, podemos concluir que existe um franco interesse geral pela História Local e que gostariam que a mesma fosse desenvolvida em sala de aula. Por outro lado, podemos justificar esta esmagadora presença do “Sim” como uma decisão assente na boa relação com o docente estagiário.

¹²⁴ Exemplo do inquérito I em Anexo.

¹²⁵ Nesta contabilização foram considerados os alunos que declararam ter residência em Coimbra (sem especificação), União de Freguesias (UF) Torre de Vilela e Trouxemil, e UF Vil de Matos/Antuzede.

É possível admitir que ambos os cenários são possíveis, e que mesmo um misto de ambos seja verdade.

Nesta linha, a pergunta 3, apesar das semelhanças com a questão anterior, foca-se mais na pertinência do estudo de História Local, no contexto da disciplina no 1.2º ano. Esta pergunta, neste caso, era de tipo aberto, permitindo a explicação mais alongada dos alunos. É possível transportar as respostas para “Sim” ou “Não”, entregando 18 respostas positivas e, num primeiro olhar, uma negativa. Todavia, a resposta aparentemente negativa, não se resume a uma visão que procure negar a pertinência da História Local na disciplina, no ano de escolaridade da turma, pois o aluno declarou logo no início que “Não é só a História Local em si, [...]”, deixando claro que considera a temática importante. A partir desta resposta observamos igualmente que o aluno possivelmente não terá uma noção clara do que abrange História Local, ou do que se tratará, pois ele afirma que não seria somente esta, mas “envolvendo geopolítica e de como vão-se organizando as cidades do território”.

Podemos concluir, observado esta questão, de que o aluno valoriza a História Local, mas considera que não seria apenas esta que deveria incluir o programa, sendo necessário aprofundar outras questões. Como foi apresentado, o olhar positivo sobre a aplicação de História Local na disciplina e no ano de escolaridade em questão. Alguns alunos, não só se posicionam favoravelmente no âmbito desta questão, como apontam um problema no estudo da História, que acaba por ter um estudo limitado na sua geografia. Observamos esta leitura nas seguintes respostas:

Na minha opinião, o estudo da História Local no contexto do programa de História-A do 12º ano de escolaridade é bastante pertinente, na medida em que nos permite conhecer mais acerca da nossa localidade e associar os contextos gerais da História, lecionados nas aulas, a realidades mais próximas de nós. Também nos permite ter um maior conhecimento da História sem esta estar associada à capital Lisboa. – Aluno A12Y

O programa de História, no que toca ao conteúdo nacional, foca-se muito em Lisboa e no Porto, esquecendo-se das outras cidades/regiões e locais menos centralizados, mas que podem igualmente ter um papel importante bem como uma História interessante. Por isso, claro que considero pertinente o estudo da História Local no programa de História A do 12º ano – Aluno B12Y

Na minha perspetiva o programa de História A foca-se demasiado nas áreas de Lisboa e do Porto. Desta forma desvaloriza-se outros locais importantes para a História, como é o caso de Coimbra. – Aluno C12Y

Estas respostas, acabam por partilhar a mesma linha de pensamento, algo bastante interessante tendo em conta que este primeiro inquérito foi realizado antes de qualquer menção à História Local. Existe, pelos dados apresentados, um conjunto de alunos que apresentam um nível mais apurado sobre a realidade das temáticas ensinadas em História. Para além disso, reconhecem a centralidade de Lisboa na retórica dos acontecimentos históricos. O aluno A12Y avança mesmo para uma questão abordada *a priori*, quando se refere à pertinência da História Local, não só para aprofundar conhecimentos sobre a “a nossa localidade”, mas ainda “associar a contextos gerais da História, [...], a realidades próximas de nós”. Esta noção apresentada pelo aluno A12Y, demonstra uma clara certa perceção sobre as diferentes camadas existentes na construção da História. Existe então, na visão dos alunos presentes, uma ideia de descentralização da História, quando se fala em História Local.

Outra ideia bastante presente nas respostas dos alunos era relativamente à importância que a História Local teria na formação dos habitantes, enfatizando a pertinência para o cidadão que vive no local de estudo. Para os alunos que se seguem, existe ativamente a ideia de um conhecimento do legado Histórico-Local:

Na minha opinião o estudo da História Local é importante, não só para podermos ver qual a importância da História da nossa cidade na História do nosso país. Para além disso temos ainda o fator de enriquecer o nosso conhecimento geral como nativos da cidade bem como o conhecimento geral do nosso país. – Aluno D12Y

Estudar História Local seria benéfico e iria conceder aos alunos um conhecimento mais abrangente impedindo-os de não saberem o básico, principalmente para quem nem sempre viveu na mesma cidade. No entanto, acho que não se deveria dedicar um estudo intensivo. – Aluno E12Y

É pertinente porque percebemos melhor o local onde vivemos, o que se passou no passado, e por isso importante. – Aluno F12Y

Do meu ponto de vista, é importante estudar e integrar a História Local no programa de História A do 12º ano de escolaridade pois como cidadãos de uma cidade é nosso dever conhecer a sua História e também os seus edifícios Históricos. – Aluno H12Y

Este conjunto de exemplos tem um ponto transversal a todos, sendo este a noção de que a História Local será um complemento para a cidadania. Esta ideia acompanha o raciocínio apresentado por Luís Alberto Alves¹²⁶. O autor aponta a possibilidade de o exercício ligado à História Local “construir um fator essencial à motivação para os conteúdos e ao exercício da cidadania”¹²⁷. A partir das respostas apresentadas pelos alunos, é possível alegar que os mesmo entendem a introdução da História Local como um auxiliar no progresso do aluno, enquanto cidadão. Existe um pensamento ligado a uma ideia, onde o conhecimento do local próximo, a ideia de conhecer melhor o sítio onde vivemos, acresce valor enquanto cidadão. Esta ideia encontra-se presente nas Aprendizagens Essenciais do 12.º ano de História A, sendo possível ler:

Desenvolver a consciência da cidadania e da necessidade de intervenção crítica em diversos contextos e espaços.¹²⁸

Por fim, uma última ideia presente nas respostas dos alunos à pergunta 3, temos uma noção de acréscimo cultural a partir das aprendizagens adquiridas com a História Local. Seja esta ligada ao edificado, ou seja, conhecer o património físico presente na zona de residência será sinónimo de acréscimo cultural:

O estudo da História Local tem uma pertinência bastante grande, pois, sendo uma zona com edifícios históricos, torna-se uma cidade muito mais enriquecida a nível cultural. – Aluno I12Y

Por outro lado, existe uma conceção cultural partilhada de forma mais abstrata, ligada ao conhecimento geral:

¹²⁶ Alves, «A História local como estratégia para o ensino da História».

¹²⁷ Alves, p. 68.

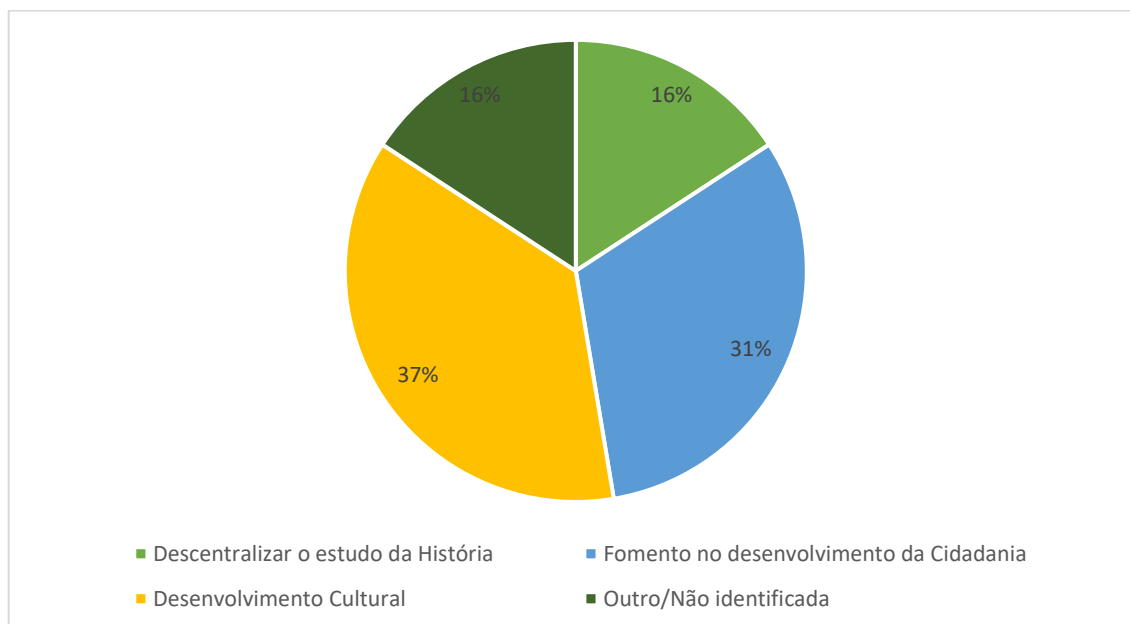
¹²⁸ República Portuguesa, «Aprendizagens Essenciais: História A 12.º Ano», p. 5.

No meu ponto de vista o estudo de História Local é pertinente para a cultura dos jovens.

– Aluno J12Y

Concordo, pois é importante abrangermos a nossa cultura e o conhecimento. – Aluno K12Y

Esta noção abrangente da cultura, ligada ao conhecimento na sua generalidade, apresenta uma ideia mais inclinada para a noção imaterial do conhecimento, não se fixando numa noção de História Local dependente do Património material. Podemos, assim sendo, apresentar a divisão das justificações centrais, sobre a pertinência da História Local da seguinte maneira:



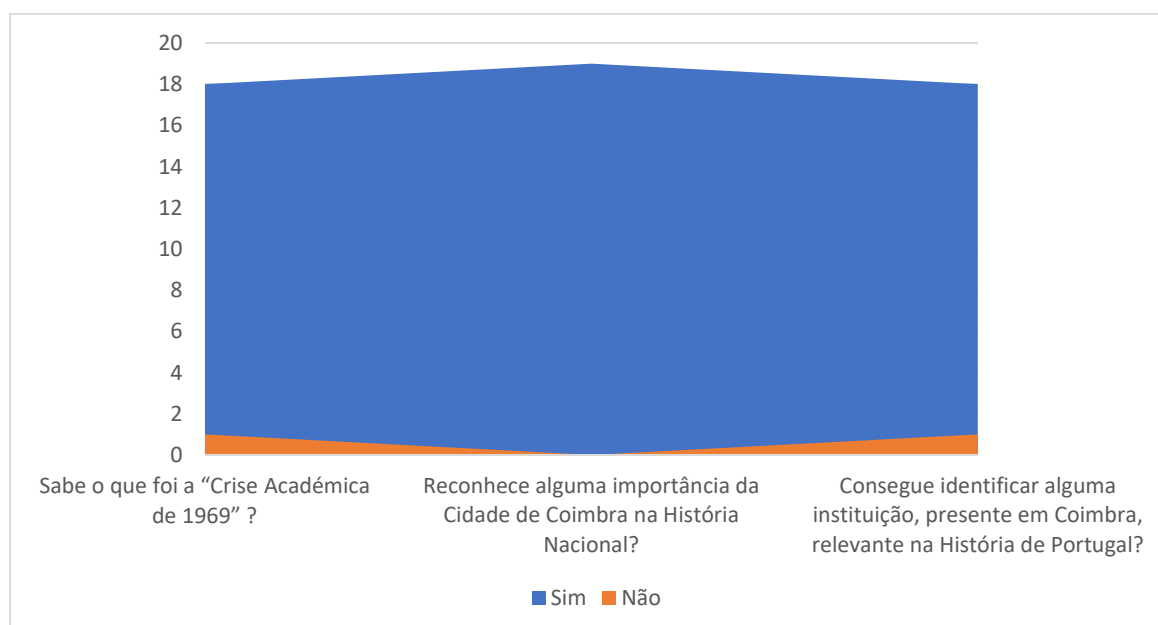
Analisando o gráfico, observamos na turma do 12.º Y uma tendência maior para justificar a importância da História Local a partir do desenvolvimento cultural de cada um. O fomento da cidadania tem um resultado próximo, o que entrega à História um papel de auxiliar na construção do cidadão. A ideia descentralizadora resume-se aos três alunos apresentados (A12Y, B12Y E C12Y). Por fim, houve um conjunto de alunos em que a sua justificação acabou por ser um pouco confusa, ou ainda, apenas avançaram com uma consideração simplista, concordando apenas, sem grandes avanços.

A última pergunta (4) pedia apenas para identificar um conjunto de monumentos pertencentes à coleção patrimonial existente na cidade de Coimbra. Nas seis imagens apresentadas, nenhum aluno conseguiu nomear a totalidade do património apresentado. A certo ponto, quando

se realizava o inquérito, alguns alunos afirmavam conhecer o edificado, contudo, não sabiam o nome dos mesmos. Desta forma, é possível concluir, que existe um conhecimento muito rarefeito do património existente em Coimbra, por parte dos alunos. Por esta razão, a visita de estudo realizada no dia 28 de março de 2023, demonstrou-se essencial para preencher uma lacuna existente na turma em causa. Após a realização da mesma, os alunos demonstraram reconhecer o património que aquando do questionário I não foram capazes de identificar. Nesta atividade, tal como será abordado *a posteriori*, foi entregue aos alunos um roteiro-questionário, com algumas perguntas que obrigavam os alunos a estar atentos e a identificar alguns monumentos e informação que era apresentada. A realização deste primeiro questionário demonstrou-se essencial para compreender o nível a que a turma se encontrava, bem como serviu de argumento base para justificar uma visita de estudo, à alta de Coimbra.

3.2.2 - Inquérito II

O segundo inquérito foi realizado no dia 24 de março de 2023¹²⁹, servindo de etapa intermédia para questionar alguns dados diretamente ligados à aula de História Local desse mesmo dia. Este inquérito serviu também para entender a que nível de satisfação a turma se encontraria, relativamente às ao processo de aplicação de História Local. A três primeiras perguntas eram fechadas, sendo as duas respostas possíveis o “Sim” e o “Não”.



¹²⁹ Exemplo do inquérito II presente em anexo.

Como é possível ver, uma grande maioria unanime respondeu positivamente às três primeiras perguntas. Ao contrário do que ocorrera com o património edificado, o acontecimento histórico da “Crise Académica de 1969”, muito possivelmente devido ao facto deste mesmo acontecimento estar presente na matéria relativa à “Primavera Marcelista”. Esta posicionamento positivo por parte dos alunos demonstra igualmente uma aproximação mais clara à História Local, à medida que a mesma vai sendo incluída.

A segunda questão, possivelmente pela influência da primeira aula de História Local, acabou por ter unanimidade total na resposta positiva. Os alunos reconheceram importância da cidade de Coimbra, na História de Portugal. Este ponto tornar-se-á ainda mais sólido após a realização da visita de estudo pela Alta da cidade, onde os alunos vão consolidar conhecimentos, aproximando a teoria, a exposição realizada em sala de aula, com a saída para os espaços referenciados.

A terceira questão, última aqui presente, seguia-se do pedido de exemplos. A resposta mais observada foi a Universidade de Coimbra, instituição que representa igualmente o maior peso histórico, segundo os alunos. Para além da menção à universidade, quase um terço dos alunos¹³⁰ inquiridos mencionou igualmente a Sé Velha. Para este caso, os alunos recordar-se-iam da instituição mencionada, muito dado ao facto de ter sido mencionada na realização do primeiro inquérito. Outros elementos do património conimbricense foram igualmente mencionados, como o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, por exemplo, estiveram igualmente presentes nesse questionário passado. Verificando as respostas, é possível afirmar que não existe um conhecimento aprofundado das diversas instituições históricas, presentes na cidade, o que os levou a “jogar pelo seguro”. A Universidade de Coimbra acaba por ser a opção mais óbvia para os alunos.

A pergunta 4 deste inquérito tinha uma configuração de resposta aberta. Sendo aberta à opinião honesta dos alunos, estes tinham de dizer se consideravam que a História local estava a ser bem aplicada corretamente no contexto da disciplina. A respostas foram todas positivas. Servem como exemplo as seguintes transcrições:

Sim, tem sido bem aplicada. Pois, sempre que falamos de História Local, a explicação é sempre mais aprimorada e ficamos sempre a saber coisas novas, que eram desconhecidas.

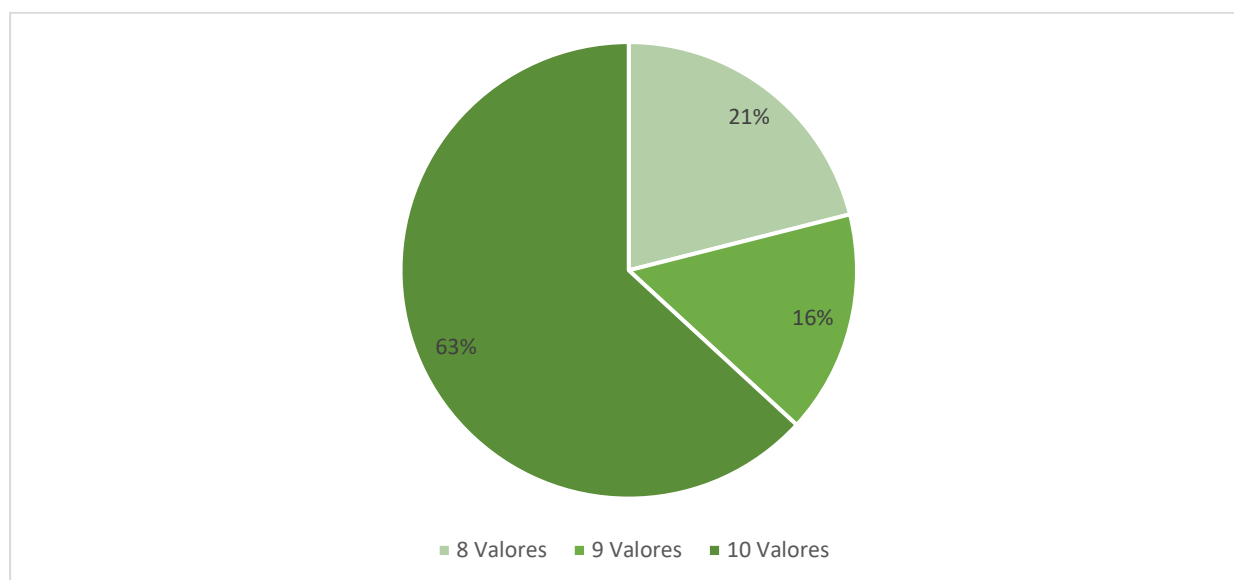
– Aluno L12Y

¹³⁰ Seis alunos dos dezanove inquiridos mencionaram a Sé Velha.

Considero que a abordagem à História Local é importante para o conhecimento regional e local. Neste ano a História Local tem sido bem aplicada e deve continuar a ser pelo menos uma vez por período e com visitas de estudo. – Aluno M12Y

Considero que a História Local tenho sido bem aplicada no contexto da disciplina, pois, acabamos por perceber melhor os acontecimentos ocorridos na nossa cidade, de modo a perceber o porquê da nossa cidade ser como é hoje em dia. – Aluno N12Y

Este posicionamento positivo, descrito pelos alunos, é cimentado com a avaliação quantitativa, pedida na questão 5. Nessa questão, foi pedido aos alunos para avaliar, num valor entre 0 e 10, a importância da aplicação de História Local. A maioria dos alunos respondeu com 10 valores, sendo que a nota mais baixa foi 8, o que contia a ser bastante positivo.



Os resultados positivos obtidos a partir da observação e análise dos inquéritos I e II complementam-se e demonstram uma importante compreensão dos alunos, relativamente à pertinência da utilização da História Local. Ao longo do ano letivo, a introdução das aulas específicas, da introdução de pequenos elementos em momentos de lecionação de matéria programática, ou ainda, com as visitas de estudo, os alunos foram captando a matéria com um olhar diferente do início do ano. Em vários momentos de aula, alunos diferentes foram aplicando conhecimentos adquiridos, sobre História Local. Um número considerável de alunos em diversos momentos de diálogo, no decorrer da aula, aplicavam questões de História Local em alguns dos seus exemplos. Infelizmente, o mesmo não ocorreu nas provas escritas, o que acabou por não permitir retirar exemplos mais consideráveis.

Contudo, os exemplos foram surgindo, sendo possível registar alguns deles. Um desses momentos ocorreu durante o Segundo Período e centrou-se numa comparação do programa de obras levadas a cabo na cidade de Coimbra¹³¹, com as restantes realizadas em Portugal, num quadro relativo aos Planos de Fomento. No diálogo dinamizado, foram ainda acrescentadas semelhanças com o programa de obras públicas do fascismo italiano e do regime Nazi alemão. Isto demonstrou uma agilidade considerável, pois, foi capaz de enquadrar esse programa, lecionado no primeiro período, com as medidas dos Plano de Fomento, abordados no segundo período, criando uma dupla comparação: a nível internacional, com a realidade dos regimes autoritários das décadas de 1920 a 1940; a nível local, com os efeitos das decisões políticas do regime na cidade de Coimbra.

A aplicação desses mesmos conhecimentos nunca foi muito visível no contexto da avaliação sumativa. Ocorreu sim na realização de atividades ou em debates realizados em sala de aula. Na oralidade foi possível observar uma maior utilização dos novos elementos de História Local. Foi possível observar essa aquisição de conhecimentos, quando se realizava um esclarecimento de dúvidas, devido à realização de uma prova sumativa, e se abordava a *Primavera Marcelista*. Neste momento, um conjunto de alunos ligou diretamente com a questão da *Crise Académica em 1969*, bem como abordou um fracasso social da realidade marcelista, pegando o exemplo da realidade conimbricense, observada através das imagens apresentadas *a priori*.

3.2.3 - Inquérito III

O último inquérito, realizado virtualmente, não obteve a participação do mesmo nível das anteriores. Ao passo que nos inquéritos I e II, houve uma participação de 19 alunos por cada, este último teve apenas a participação de 16 alunos. A primeira justificação prende-se no método de aplicação do mesmo. A realização do inquérito digitalmente retirou, possivelmente, a responsabilidade de alguns alunos em responder, apesar dos pedidos realizado na aula para a sua realização. Para além disto, existe um conjunto de alunos que, para além de faltar algumas vezes, trabalham num contexto extra-aulas, sendo um possível sinónimo de falta de tempo para a realização do inquérito.

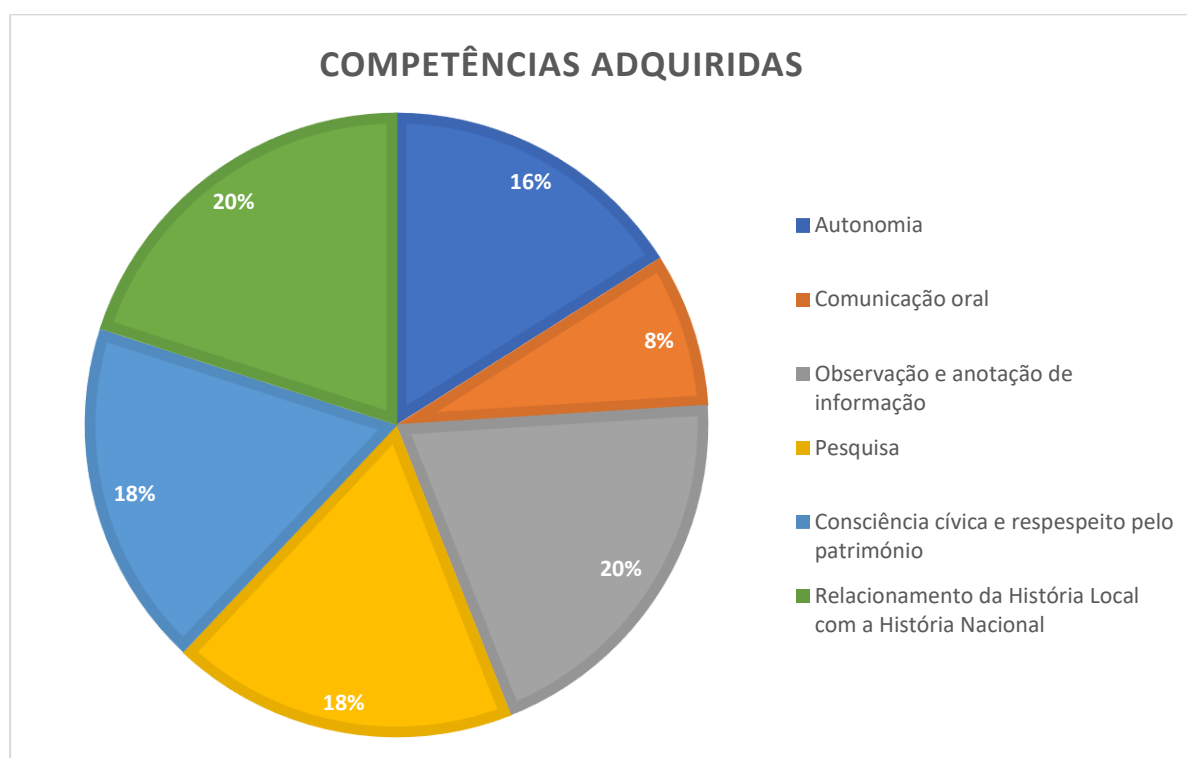
Apesar da participação de 16 alunos, que corresponde a 76% da turma, considerou-se válido o inquérito, devido à importância dos dados adquiridos. Este último inquérito tinha como principal propósito a confirmação de dados observados previamente, nos inquéritos anteriores¹³². De maneira geral, os resultados encontram-se numa linha concordante ao observando ao longo do

¹³¹ Temática abordada na aula intitulada “Coimbra do Estado Novo: Grandes obras públicas que marcaram a cidade”. A descrição da mesma se encontra neste mesmo capítulo, na secção “I – Aulas de História Local”.

¹³² Exemplo do inquérito III presente em anexo.

trabalho realizado. Existe um olhar positivo generalizado, relativamente à aplicação de História Local, dividindo-se apenas na forma de aplicação da mesma, na disciplina de História A. Esta visão positiva é reforçada a partir da análise dos dados referente às capacidades adquiridas pelos alunos, segundo os mesmos, fomentadas pela aplicação de História Local, a partir das atividades realizadas. Existe uma partilha dos resultados, existindo percentagens muito semelhantes entre as capacidades apresentadas no gráfico.

No total das respostas, a “Observação e anotação de informação” e o “Relacionamento da História Local com a História Nacional” detêm vinte por cento das respostas. Esta última merece especial atenção, pois vai ao encontro de um dos objetivos principais deste trabalho. Como foi inclusivamente abordado no capítulo II, A História Local surge como uma necessidade humanizadora da História Geral, aproximando os acontecimentos locais e regionais, dos eventos mencionados na História Geral. Os dados aqui apresentados mostram que os alunos consideram que adquiriram a capacidade de relacionar as diferentes escalas, entregando uma importância clara à História Local, reconhecendo a interdependência desta última, com a História Geral.



Acrescenta-se ainda, que pela primeira vez, se observa uma resposta negativa, tendo um aluno avaliado 2 valores (numa escala de 1 a 5), relativamente à pergunta referente à motivação criada pela História Local, em relação à disciplina. Apesar desta resposta negativa, exclusiva no conjunto total das perguntas (qualitativas e qualitativas), as repostas a esta pergunta são

positivas¹³³. Não existe, todavia, uma justificação evidente para esta resposta, solitariamente negativa. Sendo o questionário anónimo, não foi possível averiguar o resultado, tornando-se frágil qualquer conclusão.

Para além do apresentado, existem algumas respostas abertas muito interessantes, que corroboram a perceção positiva, sobre a perceção de História Local. Na última pergunta, os alunos tiveram de responder ao seguinte:

“Por fim, escreva um comentário, ou opinião, sobre a aprendizagem que realizou através das atividades de História Local, sobre as capacidades que desenvolveu e as dificuldades que sentiu. Explique de que maneira foi influenciado/a pela História Local.”

Esta pergunta contou com algumas respostas interessantes, onde se observa um olhar positivo, relativamente a todo este processo a que a turma foi sujeita. A resposta que se segue, para além da construção frásica e do vocabulário utilizado, demonstra uma perceção das atividades realizadas, no contexto de aplicação de História Local, bastante favorável.

Apesar da dificuldade natural em reter tantas informações de imediato, consegui adquirir alguns novos conhecimentos suficientes mesmo para repassar a terceiros, sendo essa uma das melhores facetas do real aprendido. Saber mais acerca da história da cidade e/ou país no qual vivo é interessante e importante, seja para o presente, seja para o futuro. Estes mesmos conhecimentos levam, também, a uma perceção acentuada do facto de que tantos indivíduos e tantas ocorrências se manifestaram nos mesmos ambientes de nossa passagem rotineira ou eventual, bem como a uma reflexão de como tudo levou a hoje — sendo poucos os sentimentos mais interessantes do que este. – Aluno O12Y

Este último inquérito cimentou os dados adquiridos ao longo do ano. É possível afirmar, a partir deste último exemplo citado, que a influência pedagógica da História Local é positiva. Verifica-se que as junções das diversas atividades, com o currículo da disciplina, acrescentam uma nova camada no desenvolvimento cognitivo dos alunos. Pelos dados apurados conclui-se que existe uma noção generalizada na turma do 12.º Y sobre a importância da História Local. Do conjunto total de alunos inquiridos, 68,8% destes deram nota 5, o máximo possível, na pergunta

¹³³ Inquérito III: “Considera que a História Local foi motivadora para a sua aprendizagem em História A?” – 1 valor (0 alunos); 2 valores (1 aluno); 3 valores (2 alunos); 4 valores (6 alunos); 5 valores (7 alunos).

“Considera importante a História Local?”. Os restantes alunos avaliaram com 3 e 4 valores, resultando em 31,2%, cerca de um terço apenas, entregando ainda assim respostas positivas.

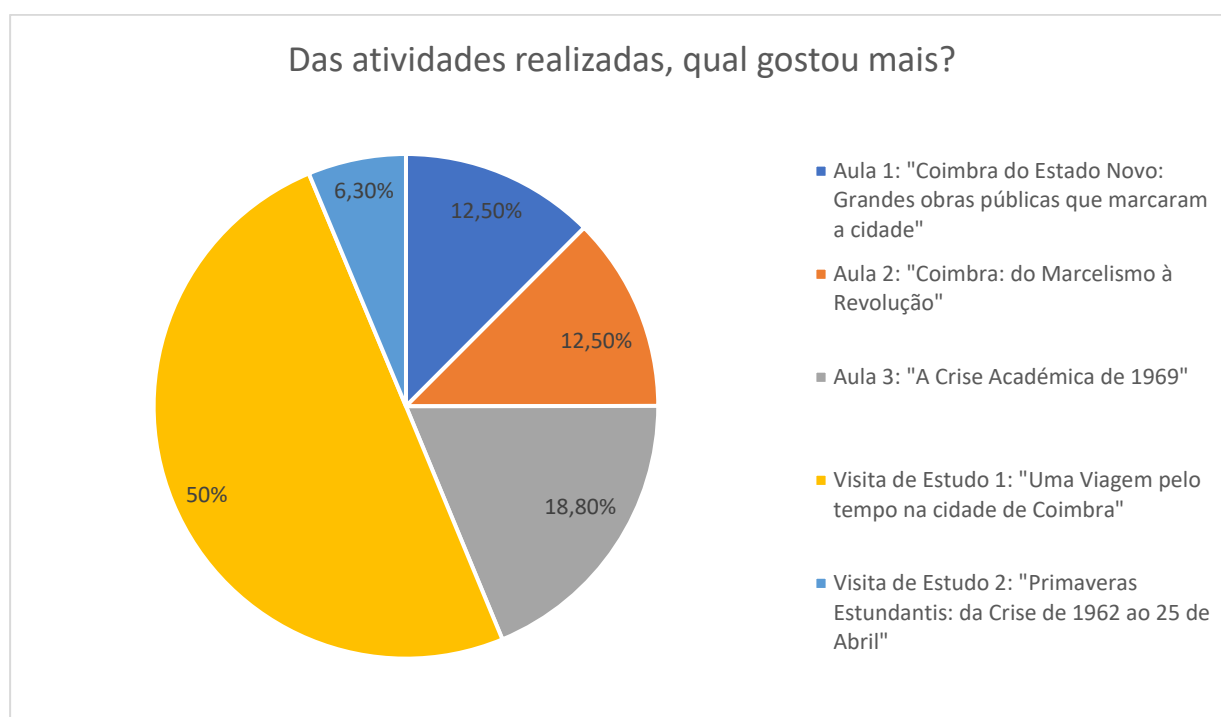


A mesma tendência mantém-se na pergunta seguinte, onde se questionava a relevância da aplicação da História Local, no contexto da sala de aula, onde 62,5% dos alunos inquiridos avaliou com 5 valores, sendo que os restantes alunos mantiveram as suas avaliações positivas.



Acrescentando a estes resultados observados, considerou-se importante saber se a estratégia pedagógica selecionada ajudaria o conjunto discente a compreender melhor a matéria em estudo. Neste campo, apesar da avaliação dos alunos se situar na sua maioria nos 5 valores (50% dos alunos inquiridos), houve um maior número de alunos a entregar 4 valores (37,5% dos alunos inquiridos). Existe uma linha bastante sólida de resultados positivos, fruto da dinamização das aulas de História Local, da realização de atividades envolvendo a comunidade, e ainda, organizando visitas de estudo na cidade. Segundo o questionário, 80% dos alunos considera que a sua perceção sobre a História Local mudou.

Para estes alunos, as atividades elaboradas tiveram um peso diferente, sendo possível averiguar que estratégia acabou por atingir mais alunos. Segundo os dados recolhidos, dos cinco momentos de aplicação pedagógico-didática da História Local, 50% dos alunos inquiridos preferiu a visita de estudo número 1, ou seja, “Uma viagem pelo tempo na cidade de Coimbra”. Estes dados podem significar, que a turma do 12.º Y prefere uma aula mais prática, no exterior. Por enumeras vezes, diversos alunos admitiram “preferir ter aulas na rua” e ainda “que aprendia melhor assim”, que acaba por ser fortalecido com uma avaliação de 5 valores, quando questionados sobre a importância das visitas de estudo para a História Local, entregue por 81,3% dos inquiridos.



3.4 - Reflexão sobre as atividades

As atividades propostas tiveram como objetivo integrar na dinâmica pedagógica e didática dos alunos, na disciplina de História A, a História Local, de forma a introduzir mais elementos sobre o local onde residem, onde convivem, onde a história das comunidades onde se inserem converge. Os dados obtidos através dos inquéritos espelham uma aplicação positiva, bem como os resultados dinamizados pelas atividades. As aulas dedicadas à História Local tiveram um duplo serviço, podendo se afirmar, que acabou por se demonstrar realizado com sucesso. Esta face das aulas apresentou-se, desde logo, uma forma de integrar a matéria e linhas orientadoras das Aprendizagens Essenciais, tendo como objetivo a aproximação da História dos alunos. Tal como Sílvia Araújo avança, é possível verificar esta importância da História Local, pois a mesma enquadra-se no global, compreendendo desde logo que “o seu estudo não se encontra isolado do mundo”¹³⁴.

Assim, as atividades propostas e realizadas permitiram aos alunos do 12.º Y relacionar o global, com o meio que vivem, ou estudam, aprofundando as suas noções sobre a História, e reconhecendo importância à História Local. Existe uma valorização do património físico, mas igualmente da herança do património imaterial. Esta ideia de conhecer melhor o “sítio onde vivemos” está bem expressa, conectando a uma noção de cidadania igualmente presente nos testemunhos dos alunos. Por esta razão, a visita de estudo realizada ao longo da Alta da cidade de Coimbra possibilitou aos alunos relacionar um conjunto de conhecimentos que possuíam, do global, numa geografia próxima aos mesmos. Apesar da matéria relativa ao 12.º ano de História A ser relativa ao século XX, foi possibilitada uma consolidação de conhecimentos, aproximando toda uma narrativa que se assemelha longínqua, para uma geografia conhecida, familiar e próxima destes alunos.

Sérgio Couto, na sua partilha de uma experiência semelhante, afirma que o seu conjunto discente revelou “capacidades nítidas de mobilizar os seus conhecimentos que mobilizaram em sala de aula”¹³⁵, algo bastante próximo à realidade observada no contexto da turma em estudo, o 12.º Y. Outro ponto em comum, com o que Sérgio Couto apresenta, é o facto dos seus alunos afirmarem que a aplicação das experiências pedagógico-didáticas auxiliou a maioria da turma na sua aprendizagem, motivando-os em certa medida, no contexto da disciplina. Ana Neves, no seu trabalho, defende que a melhor maneira de abordar a temática da História Local é através das visitas de estudo, sendo estas uma via segura.

¹³⁴ Araújo, «“Só se ama o que se conhece ...”: Contributos da História local no Ensino da História», p. 149.

¹³⁵ Couto, «A História Local e o Património Histórico-Cultural no Ensino da História», p. 101.

A dinamização do conjunto de atividades levadas a cabo durante o ano letivo demonstrou-se pertinente, permitindo observar diferenças entre as diferentes propostas. De facto, as visitas de estudo, como estratégia didático-pedagógicas, acabaria por recolher mais consenso positivo, pois impõe um conjunto de questões práticas que agradam aos alunos. Um momento de aula no exterior acaba por ser mais motivador pelo contexto que o próprio se enquadra, acrescentando ao facto de permitir aos alunos respirar um ar diferente do existente na sala de aula. Este ponto foi confirmado durante a primeira visita de estudo realizada pela Alta de Coimbra, quando um aluno, já perto do final declarou preferir as saídas organizadas, pois sentia que “aprendia mais do que sentado e parado na sala”.

Todavia, atividades organizadas demonstraram-se relevantes e tiveram uma aceitação positiva por parte dos alunos, tal como pôde ser observado nos inquéritos disponibilizados. A realização de aulas centradas na História Local, apesar de serem num contexto expositivo, recorreram a um diálogo recorrente, pois a curiosidade demonstrada por parte do corpo discente foi claro, principalmente, segundo eles, por não saberem que “Coimbra tinha tantos factos interessantes”. Esta afirmação vai de encontro a um ponto apresentado por André Roberto Machado, que menciona que, numa situação normal, tanto para o aluno como para um professor, a ideia de História Regional não é uma questão urgente¹³⁶. Não sendo algo visto como deveras importante, acaba por ser desconsiderado, não surgindo como opção. Assim, quando confrontados com a aplicação de História Local, ou História Regional, é possível assistir a declarações acompanhadas de alguma surpresa.

A última atividade apresentada acabou por levar a História Local numa direção diferente, pois criou ligações afetivas entre os alunos e as informações recolhidas, muito por serem relativas aos seus avós. A exploração da memória local acabou por unir a História Local com a recolha de memórias. Como foi mencionado *a priori*, as memórias históricas devem ser tratadas com algum cuidado devido plasticidade das mesmas, podendo ser influenciadas por um conjunto de fatores, como por exemplo, o contexto em que o possuidor da memória a adquiriu. Não obstante, a atividade resultou numa recolha frutiva, demonstrando o papel importante dos atores históricos locais.

¹³⁶ Machado, «Entre o nacional e o regional: Uma reflexão sobre a importância dos recortes espaciais na pesquisa e no ensino da História», p. 300.

CONCLUSÃO

O trabalho realizado durante o ano letivo correspondeu a um exercício enriquecedor para a futura prática profissional. A realização do Estágio Pedagógico colmatou a necessidade da aplicação dos conhecimentos teóricos, no campo. O desafio de desenvolver em simultâneo com o corpo discente permitiu ter uma Prática de Ensino Supervisionada mais próxima daquilo que o futuro reserva.

A estratégia passou por acompanhar a turma do 12.º Y, quase em exclusivo, mas tendo a oportunidade de lecionar igualmente as turmas dos 11.º Y e 9.º Y. No total contabilizaram-se 166 aulas, sendo que, apenas dez foram para as últimas duas turmas apresentadas. Apesar da exigência, é possível afirmar que a filosofia de trabalho aplicada foi corretamente decidida, pois permitiu alcançar realidades que de outra maneira seria mais difícil. Desde logo, permitiu uma aproximação da turma do 12.º Y, resultado de uma partilha de 156 aulas das 207 lecionadas, ou seja, 75,36% do tempo. A quantidade de aulas lecionadas trouxe consigo outras responsabilidades inerentes a um docente “principal”, nomeadamente a participação nas diversas reuniões organizadas, bem como a elaboração e correção das provas de avaliação. Pela atribuição da turma, a realização dos momentos designados para a investigação sobre a temática da História Local, teve de ser bastante ponderada. Pois, se por um lado existia mais tempo disponibilizado para realizar as atividades dedicadas, por outro era necessário cumprir as Aprendizagens Essenciais da disciplina. Foi necessária uma agilização para que os alunos nunca saíssem a perder, pois o objetivo foi precisamente o oposto.

O ano letivo foi apresentado por um conjunto de atividades bastante considerável. A instituição que sediou o núcleo de estágio presente demonstrou-se bastante ativa e aberta às propostas dos demais docentes, inclusivamente dos docentes estagiários. Um conjunto de atividades que celebraram as efemérides nacionais sensibilizaram toda a comunidade. Foram mencionadas as celebrações do 5 de Outubro, com uma pequena atividade realizada pelo 9.º Y, do 1 de Dezembro, na qual se questionou à comunidade o que era ser português, ou ainda, o que significaria Portugal. Esta segunda atividade levou à realização de uma pequena exposição, com a seleção de uma parte dos testemunhos e colocados no Bloco A. Nesta linha, realizou-se igualmente uma palestra sobre os Totalitarismos, realizada por um Historiador a convite do Núcleo de Estágio, no âmbito do dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto.

A celebração dos 49 anos do 25 de Abril de 1974 marcou profundamente a comunidade escolar. Foram organizadas várias atividades pelas diversas turmas, nomeadamente de expressão artística, para serem expostos na exposição elaborada no Bloco B para a temática. A esta exposição,

acrescentaram-se fotos, disponibilizadas por familiares de alunos, professores e funcionários, e ainda, um conjunto de testemunhos, reunidos pelos alunos através de familiares. Esta última atividade esteve diretamente relacionada com a atividade realizada no contexto desta investigação, alargando-se a toda a escola para uma finalidade maior. Por fim, terminando o conjunto de atividades dedicadas ao 25 de Abril, elaborou-se de raiz um mural temático relativo à data, juntando-se os alunos das turmas do 9.º ano, tendo o auxílio de elementos do 12.º Y.

Todo o conjunto de atividades realizadas demonstra a abertura que a instituição procurou disponibilizar para tornar confortável o local de estágio. Esta característica tão positiva permitiu perceber que a cooperação pode ser atingida, e ainda, num contexto onde todos apreciam o local em que se encontram. É curiosa a dinâmica de uma escola, que, devido à realidade social onde a mesma se insere, tenta proporcionar o melhor das atividades aos alunos. Sejam as atividades que foram mencionadas, sejam atividades artístico-culturais, servindo de exemplo a participação nas *Escolíadas*, ou ainda, atividades de intercâmbio cultural, em países distintos.

Na turma de trabalho em questão, o 12.º Y, a experiência demonstrou que, apesar da realidade socioeconómica dos alunos, é possível motivá-los a realizar atividades que permitam encontrar conforto num espaço seguro, sendo esse espaço a escola. O simples ato de pintar os bancos da escola, com os colegas, demonstrou características que um professor deseja ver nos seus alunos: atitudes cívicas e de ajuda, tornando-se belos exemplares de cidadãos em construção.

Desta forma, a escolha do tema da História Local visava aproximar os alunos da disciplina, a partir da introdução de uma realidade que lhes é próxima. A apresentação das consequências dos eventos que estudam em grande plano numa História Geral, numa escala mais reduzida. Os dados referentes às atividades realizadas foram na sua grande maioria positivos, acabando por corroborar a posição dos demais autores apresentados neste trabalho.

Os resultados obtidos em cada um dos inquéritos vão ao encontro de abordagens apresentadas ao longo do trabalho. Como inclusivamente já foi apresentado, a visão de Luís Alberto Alves vai ao encontro do observado no decorrer do estágio, tal como verificamos com a questão ligada à cidadania. Para além disso, o mesmo afirma que os jovens portugueses manifestam um interesse relevante pela História das regionalidades (incluindo aqui a História Local) e pela “História das áreas longínquas”. Com as declarações anteriormente apresentadas nos inquéritos, a retórica de Luís Alves é observável no contexto do 12.º Y. Para além deste autor, a posição defendida pelos autores José Nascimento, Erica Karnopp e Bianca de Siqueira no artigo “História Local e (re) construção de identidades”, onde afirmam desde logo a importância da História Local para a construção da cidadania.

A turma, através das diversas atividades, demonstrou que a utilização da História Local pode incentivar os jovens alunos a se aproximarem da disciplina. De que maneira? A partir do momento em que os aproximamos dos acontecimentos estudados, através da geografia próxima, e ainda, com a inclusão da memória local, aproximando a ação estudada com um elemento próximo do aluno. A autora Helena Pinto afirma que “o contacto direto com artefactos e edifícios do passado é uma oportunidade para aprofundar conhecimentos”¹³⁷. Desta maneira, a História Local permite que isso mesmo ocorra, por via das visitas de estudo, por exemplo, algo que foi realizado com os alunos do 12.º Y.

A tentativa de introduzir a História Local na matéria programática, cruzando com as Aprendizagens Essenciais, de modo a aplicar em contextos pertinentes para os alunos. Para estes, observar o legado do Estado Novo na cidade de Coimbra é a extensão da matéria estudada e avaliada no contexto de sala de aula. Esta realidade foi observada igualmente por Sílvia Araújo, ainda que num nível de ensino diferente (7.º ano), onde a autora demonstra como, a partir da História Local, podemos introduzir um conjunto de elementos de escalas diferenciadas, presentes na matéria lecionada:

*Tentamos abordar a temática local como um conjunto de conhecimentos mais realistas, concretos e particulares mas não estanques. Abordamos a História local sempre enquadrada no global, dando a entender que o seu estudo não se encontra isolado do mundo. Isso foi possível, por exemplo, quando trabalhamos o Românico e fizemos um enquadramento que mostrava de que forma este estilo chegou a outras partes da Europa.*¹³⁸

Como é possível observar nos dados, os alunos adquiriram algumas capacidades que auxiliam o seu estudo e a compreensão da matéria estudada. Entre essas capacidades, podemos apontar a autonomia. Os alunos consideraram o estudo da História Local como algo culturalmente importante, bem como uma importância ligada à formação do cidadão, sendo possível observar esta visão a partir das respostas presentes no inquérito II e III. Este segundo ponto é apresentado frequentemente ao longo deste trabalho, podendo-se considerar que a História Local tem um papel importante nesse âmbito. Esta questão era um objetivo fortemente desejado, tendo sido realizado com sucesso.

¹³⁷ Helena Pinto, *Educação Histórica e Patrimonial: Conceções de Alunos e Professores sobre o Passado em Espaços do Presente* (Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», 2016), p. 148.

¹³⁸ Pinto, p. 149.

Assim, podemos responder à questão de investigação proposta *a priori*: Qual a relevância pedagógico-didática da História Local? Será efetivamente pertinente a utilização de dados relativos à realidade local, onde a escola e o seu corpo discente se inserem?

Segundo os dados observados e analisados, ao longo deste trabalho, é possível responder afirmativamente a esta questão. A pertinência da História Local é clara, aproximando o conjunto discente na matéria abordada, e tal como Pedro Barbosa afirma: “Só se protege aquilo que se gosta e só se gosta daquilo que se conhece. Por isso, o primeiro passo é conhecer”¹³⁹. Esta citação encaixa-se na perfeição na ideia presente na aplicação de História Local, entregando a conhecer algo que os alunos se identificam, criando um sentimento de pertença, tal como defende Sílvia Araújo¹⁴⁰. Quando se leciona História Local, é praticamente inevitável o aprofundamento no campo do património, dinamizado a partir da realização de visitas de estudos, pois como foi observado anteriormente, os alunos, neste caso de estudo pelo menos, surgem mais próximos e deliciados pelas aulas no exterior, observando o património próximo, do que as aulas que abordam a História Local como “matéria de manual”¹⁴¹.

Apesar de tudo, existem certas questões que ficam em aberto, nomeadamente o papel que a introdução de elementos de História Local pode, ou não, influenciar nos resultados académicos dos alunos. Apesar da melhoria relativa da média da turma entre o primeiro e segundo períodos¹⁴², não é possível fazer uma ligação inequívoca com a História Local, pois existem outros fatores que têm de ser levados em conta. Possivelmente, poderá existir uma pequena influência na aquisição de conhecimentos, mas é difícil de contabilizar.

Na globalidade, foi possível observar uma influência positiva da introdução da História Local, reforçando as aprendizagens onde a sua aplicação era realizável. Observou-se que a noção de “herança” patrimonial estava bastante presente, e que a mesma estaria ligada a uma ideia de “melhor cidadão”, um conceito diretamente ligado com a cidadania. Aproximando os alunos da História Local é possível criar pontes para um conjunto de conceções pertinentes, observadas neste trabalho. Apesar de opiniões diversas em vários pontos concretos, a pertinência global da aplicação da realidade local, no contexto da turma em estudo, foi claramente positivo. Assim sendo, a História Local demonstrou-se como uma estratégia pedagógico-didática eficiente, acrescentando

¹³⁹ Pedro Barbosa, «Preservação e memória.», em *Património Local e Regional: subsídios para um trabalho transdisciplinar* (Lisboa: Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário, 1998), p. 24.

¹⁴⁰ Araújo, «“Só se ama o que se conhece ...”»: Contributos da História local no Ensino da História».

¹⁴¹ Expressão utilizada por aluno, para designar a matéria curricular.

¹⁴² No 1.º Período a turma do 12.º Y obteve uma média de 12 valores, contabilizando com 77% de taxa de sucesso. No 2.º Período, a turma viu a sua média subir para 12,6 valores, bem como a taxa de sucesso, passando para 90%. No 3.º Período a turma conseguiu atingir 100% da taxa de sucesso.

uma nova visão dos acontecimentos aos alunos, enquadrando o local próximo, na História longínqua dos manuais.

BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, Jorge de. «Coimbra e sua região no tempo de D. Sesnando». *Portvgalia*, Nova Série, 42 (2021): 159–73. <https://doi-org/10.21747/09714290/port42a8>.
- Alarcão, Jorge de, Pedro Carvalho, e Ricardo Silva. «Los foros de Conimbriga y de Aeminium: comparación y síntesis del estado de la cuestión». *Zephyrus* 80 (2017): 131–46. <https://doi.org/10.14201/zephyrus201780131146>.
- Almeida, António. *Visitas de estudo- Conceções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998.
- Alveal, Carmen Margarida, José Envagelista Fagundes, e Raimundo Nonato Araújo da Rocha. *Reflexões sobre História Local e produção de material didático*. Natal: EDUFRN, 2017.
- Alves, Luís Alberto. «A História local como estratégia para o ensino da História». *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques* 3 (2006): 65–72.
- Araújo, Sílvia Isabel. «“Só se ama o que se conhece ...”: Contributos da História local no Ensino da História». Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017. <https://hdl.handle.net/10216/108721>.
- Barbosa, Pedro. «Preservação e memória.» Em *Património Local e Regional: subsídios para um trabalho transdisciplinar*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário, 1998.
- Bloch, Marc. *La Historia rural francesa*. Barcelona: Editorial Crítica, 1978.
- Calmeiro, Margarida. *Urbanismo antes dos planos : Coimbra 1834-1934*. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, 2021.
- Cardina, Miguel. «Memórias incómodas e rasura do tempo: Movimentos estudantis e praxe académica no declínio do Estado Novo». *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 81 (2008): 111–31.
- . «Movimentos estudantis na crise do Estado Novo: mitos e realidades». *e-cadernos CES [Online]*, n.º 1 (2008): 57–76.
- Carvalhos, Isabel. «Da legitimidade da correção do restauro efetuado na Igreja de S. Tiago em Coimbra». Seminário em Mestrado de História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2006. <http://hdl.handle.net/10316/31091>.
- Constantino, Susana. «Coimbra e o valor identitário da retórica do Estado Novo». *Dearq - Universidad de Los Andes*, n.º 21 (2017): 64–75.
- Correia, Leandro. «Partir, Regressar e Investir: Uma abordagem didática sobre a emigração no século XIX português». Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2017. <https://eg.uc.pt/handle/10316/85379>.
- Couto, Fernando Daniel. «Mosteiro Santa Cruz de Coimbra: análise e reconstituição». Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2014. <http://hdl.handle.net/10316/27231>.
- Couto, Sérgio. «A História Local e o Património Histórico-Cultural no Ensino da História». Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2020. <https://eg.uc.pt/handle/10316/93713>.
- Dosse, François. «Entre histoire et mémoire : une histoire sociale de la mémoire». *Raison présente Mémoire et Histoire*, n.º 128 (1998): 5–24. <https://doi.org/10.3406/raipr.1998.3502>.
- Fenta, Paula. «O Património Histórico como estratégia no ensino da História: Experiência Pedagógica no 8º e 11º ano». Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2020. <https://eg.uc.pt/handle/10316/93775>.
- Ferrão, Maria. «Identidade e memória: o bairro económico de Celas, Coimbra». Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2018. https://sigarra.up.pt/faup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=310883.

- Ferreira, Elenice Silva. «La Nouvelle Histoire e o ressurgimento da História Local: contribuições para a pesquisa em História da Educação». *Cadernos de História da Educação* 21 (2022): 1–20.
- Ferreira, Nilson Gomes, e Antonia da Silva Mota. «Educação patrimonial: a história local como recurso metodológico nas aulas de história». *Conjecturas* 22, n.º 10 (2022): 392–404.
- Ferreira, Tiago André Simões. «A História Local e o Património como estratégia no ensino da História. Experiência Pedagógica no 8º ano.» Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2021. <http://hdl.handle.net/10316/97036>.
- Figueiredo, António Cardoso Borges de. *Coimbra antiga e moderna*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1886.
- Halbwachs, Maurice. *La Mémoire Collective*. 2ª. Paris: Presses universitaires de France, 1968.
- Liceia, João. «História e Património local enquanto ferramenta pedagógico-didática no ensino da História: O caso da Figueira da Foz». Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2021. <http://hdl.handle.net/10316/97031>.
- Machado, André Roberto. «Entre o nacional e o regional: Uma reflexão sobre a importância dos recortes espaciais na pesquisa e no ensino da História». *Anos 90* 24, n.º 45 (2017): 293–319.
- Meirinhos, Manuel, e António Osório. «O estudo de caso como estratégia de investigação em educação». *EDUSER: revista de educação* 2 (2010).
- Mendes, José Amado. «História local e memórias: do Estado-Nação à época da globalização». *Revista Portuguesa de História*, n.º 34 (2000): 349–68.
- . «Para uma Nova História Local: Reflexões e Perpectivas». *Revista Beira Alta* XLIX (1990): 125–34.
- Mesquita, Ana Filipa. «Lugares de Memória no ensino da História Contemporânea. Alunos e familiares redescobrimo património(s)». Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2013. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/70735/2/28540.pdf>.
- Ministério da Educação. *Aprendizagens Essenciais de História – 12º ano, Ensino Secundário*. Lisboa, 2018.
- Ministério da Educação - Departamento do Ensino Secundário. «Programa de História A», 2002.
- Moniz, Ana. «“Pedagogia da memória” no século digital: Tecnologias digitais para estudar História Local». Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2020. <https://eg.uc.pt/handle/10316/93751>.
- Morais, Inês. «Contributos da História Local e do Património Cultural para o ensino da História: O caso da Arte Nova em Aveiro». Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2022. <https://eg.uc.pt/handle/10316/104072>.
- Nascimento, José Antonio, Erica Karnopp, e Bianca Tamara Siqueira. «Políticas para o ensino de História Local». *Revista Latino-Americana de História* 11, n.º 27 (2022).
- Neto, Margarida Sobral, e Mário Simões Rodrigues. *Informações paroquiais e história local. A diocese de Coimbra*. Coimbra: CHSC/Palimage, 2012. <http://hdl.handle.net/10316/86336>.
- Neves, Ana. «A História e o Património Cultural Local como estratégia no ensino-aprendizagem da História». Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2022. <https://eg.uc.pt/handle/10316/104081>.
- Oliveira, Hélder. «As potencialidades didáticas das visitas de estudo: a perceção dos alunos sobre a aprendizagem desenvolvida». Santiago de Compostela, 2012.
- País, José Machado. *Consciência Histórica e Identidade – Os Jovens Portugueses num contexto europeu*. Oeiras: Celta Editora, 1999.
- Pinto, Helena. *Educação Histórica e Patrimonial: Conceções de Alunos e Professores sobre o Passado em Espaços do Presente*. Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», 2016.
- República Portuguesa. «Aprendizagens Essenciais: História 7.º Ano», Revisão 2022 de 2018.

- . «Aprendizagens Essenciais: História 9.º Ano», Revisão 2022 de 2018.
- . «Aprendizagens Essenciais: História A 11.º Ano», Revisão 2022 de 2018.
- . «Aprendizagens Essenciais: História A 12.º Ano», Revisão 2022 de 2018.
- Rossa, Walter. «A Sofia: Primeiro episódio da reinstalação moderna da Universidade portuguesa». *Monumentos*, n.º 25 (2006): 16–23.
- Santos, Joaquim José Carvalhão. «Do Local ao Global: uma reflexão sobre conceitos e práticas». *Revista Portuguesa de História*, n.º 39 (2007): 121–52.
- Santos, Valério. «Viagens pela minha terra: As visitas de estudo no contexto da História Local e Regional». Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2019. <https://eg.uc.pt/handle/10316/93358>.
- Schmidt, Maria, e Marlene Cainelli. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.
- Stake, Robert E. *Investigación con estudio de casos*. Madrid: Morata, 1999.
- Toledo, Maria Aparecida Leopoldino Tursi. «História local, historiografia e ensino: sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de história». *Antíteses* 3, n.º 6 (dezembro de 2010): 743–58.
- Torgal, Luís Reis. «História... Que História? : Algumas reflexões introdutórias à temática da História Local e Regional». *Revista de História das Ideias O Sagrado e o Profano*, n.º 9 (1987).
- Vaz, Luís. *Palma Inácio e o Assalto ao Banco de Portugal da Figueira da Foz (1967)*. Lisboa: Âncora Editora, 2016.
- Vaz, Rodrigo André Vitorino. *Memórias de guerra : como fazer história a partir de quem a viveu?* Viana do Castelo: Junta de Freguesia de Castelo do Neiva, 2021.
- Ventura, Leontina. «A Muralha Coimbrã na Documentação Medieval». Em *Actas das I Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*. Coimbra: Grupo de Arqueologia e Arte do Centro, 1980.

ANEXOS

Anexo I

Plano Individual de Formação



Plano Individual de Formação (PIF)

No contexto do estágio pedagógico, obrigatório no segundo ano do percurso formativo do Mestrado de Ensino em História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, os estudantes têm a sua experiência primária na introdução à atividade docente. Neste período, a vivência profissional realiza-se numa vivência simultânea da parte curricular da formação em causa.

Deste modo, o Plano Individual de Formação (PIF) apresenta-se como uma declaração de princípios e intenções, sobre as quais se pretende concretizar no decorrer do estágio ao longo do ano letivo, nas demais vertentes que nele se incluem.

O presente estágio curricular terá lugar numa escola secundária em Coimbra. A instituição em causa tem características *suis generis*, pois insere-se no projeto TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária). Neste contexto, observamos uma realidade de alunos com debilidades sociais dos mais diferentes níveis. A escola dispõe de turmas do ensino regular do 3º ciclo do Ensino Básico (7º, 8º e 9º anos), uma turma CEF (Cursos de Educação e Formação) e ainda, uma turma PIEF (Programa Integrado de Educação e Formação). No Ensino Secundário, existem ofertas pela via dos cursos científico-humanísticos (10º, 11º e 12º anos), mas também, uma oferta de cursos profissionais (Técnico de Desporto, Técnico Comercial e Técnico de Informática-Sistemas). Desta maneira, encontramos um leque enorme de várias realidades socioeconómicas, onde alunos de diversas proveniências convivem entre si. Neste contexto, será deveras importante fomentar o interesse pela História aos alunos presentes, demonstrando a importância que a disciplina tem no contexto geral da sociedade.

Assim sendo, segue-se a apresentação de pontos sobre os quais ficam expostas as intenções que se pretende colocar em prática no decurso do estágio curricular, tendo como objetivo a aplicação de todas as orientações apresentadas, bem como a realização de atividade extra curriculares, às quais outras poderão ser acrescentadas.

Atividades Curriculares e Extracurriculares:

- Exercer a atividade de docente na turma da professora orientadora da escola, preparando e concretizando as atividades letivas;
- Ter um conjunto de aulas observadas que representem, no mínimo, 75% das presenças nas turmas lecionadas pela orientadora da escola;
- Dar cumprimento ao número de aulas previstas no Plano Anual de Formação (PAF), correspondente a 14 aulas de 100 minutos, distribuídas ao longo do ano letivo, tendo como objetivo suplantar o número mínimo apresentado ;
- Participar ativamente em todas as sessões de auto e heteroavaliação de atividades letivas; e nas sessões de avaliação formativa e sumativa, acordadas no âmbito do núcleo de estágio;
- Elaborar e entregar as planificações a curto prazo correspondentes às respetivas aulas lecionadas;
- Elaborar e corrigir testes, questões-aula e instrumentos de avaliação formativa e sumativa para o efeito, procurando ser um docente comprometido observador, visando um acompanhamento próximo dos alunos, dando-lhes um *feedback* contínuo;
- Aplicar elementos de História-Local em diferentes momentos do programa a ser lecionado, nomeadamente na turma do 12º ano de Humanidades;
- Realizar uma palestra, inserida nas comemorações do *Dia da Memória*, denominada *Sensibilização para o perigo dos totalitarismos: Passado e presente*;
- Reabilitação estética de bancos exteriores com a turma do 12º ano de Humanidades;
- Realização de um Mural do 25 de Abril, uma atividade que contará com a cooperação entre as disciplinas de História, Educação Visual e Cidadania;
- Realização de uma recolha de testemunhos junto de familiares, relativos ao período anterior ao 25 de Abril;
- Realizar uma exposição sobre o 25 de Abril, em conjunto com a comunidade escolar;
- Realização de uma visita de estudo pela Alta de Coimbra com o 12º ano de Humanidade, intitulada “Uma viagem pelo Tempo na cidade de Coimbra”;
- Realização da visita de estudo à exposição “Primaveras Estudantis: da Crise de 1962 ao 25 de Abril”;

- Elaboração de cartões sobre “O Que significa ser português” e “O que significa viver em Portugal”, integrado na celebração do 1 de Dezembro, convidando a comunidade educativa a participar;
- Didatizar e aplicar o objeto de estudo do tema proposto para o relatório de estágio;
- Preparação dos alunos para a realização do exame nacional de História A de 2023;
- Participar ativamente na cultura da escola e criar relações profissionais e sociais com colegas professores e funcionários;

Anexo II

Inquérito – História Local e Património – 12º Ano

Dados Pessoais

I. Sexo: Feminino Masculino

II. Idade: _____

III. Localidade de residência: _____

História Local e Património

1. Considera importante a História Local?
Sim Não

2. Gostaria de estudar História Local no contexto de História-A?
Sim Não

3. No seu ponto de vista, qual a pertinência do estudo de História Local, no contexto do programa de História-A do 12º ano de escolaridade ?

1

4. Os seguintes locais encontram-se no concelho de Coimbra. Identifique-os.

a)



b)



c)



d)



e)



f)



Anexo III

Inquérito II – História Local e Património – 12º Ano

1. Sabe o que foi a "Crise Académica de 1969" ?
Sim Não

1.1 Se sim, explique resumidamente.

2. Reconhece alguma importância da Cidade de Coimbra na História Nacional?
Sim Não


3. Consegue identificar alguma instituição, presente em Coimbra, relevante na História de Portugal?
Sim Não

3.1 Se sim, mencione as que conhece.

4. Considera que a História-Local tem sido bem aplicada no contexto da disciplina? Qual a sua visão atual?

5. Numa avaliação quantitativa (0-10), quão pertinente considera a aplicação de História-Local?

Anexo IV



1 2 9 0

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

**Inquérito III – História Local e Património
– 12º Ano -**

Inquérito Final

Considera importante a História Local?

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito

Considera relevante a aplicação de História Local, no contexto da sala de aula?

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito

Considera que a História Local ajudou a compreender melhor a matéria em estudo?

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito

Considera que a História Local foi motivadora para a sua aprendizagem em História-A ?

	1	2	3	4	5	
Nada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Muito

A sua perceção sobre a História Local mudou ?

- Sim
 Não

Se respondeu "Sim", explique sucintamente o que mudou.

A sua resposta

Das atividades realizadas, qual gostou mais?

- Aula 1: "Coimbra do Estado Novo: Grandes obras públicas que marcaram a Cidade"
 Aula 2: "Coimbra: do Marcelismo à Revolução"
 Aula 3: "A Crise Académica de 1969"
 Visita de Estudo 1: "Uma Viagem pelo tempo na cidade de Coimbra"
 Visita de Estudo 2: " Primaveras Estudantis: da crise de 1962 ao 25 de Abril"
 Outra: _____

Considera as visitas de estudo importantes para o estudo da História Local?

- | | | | | | | |
|------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Nada | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Muito |

Imagine que está a passear pela Baixa de Coimbra. Entretanto, um grupo de turistas passa por si e pede para contar um pouco sobre a cidade. O que diria?

A sua resposta

Considera que adquiriu novas competências?

- | | | | | | | |
|---------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|--------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Nenhuma | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Muitas |

Assinale as competências que considera ter adquirido.

- Autonomia
- Capacidade de comunicação oral
- Capacidade de observação e anotação de informação
- Capacidade de pesquisa
- Consciência cívica e respeito pelo património
- Relacionar a História Local com a História Nacional
- Outra: _____

Selecione as razões que considera mais importantes para o estudo da História Local.

- Importância turística
- Importância educativa
- Importância cultural
- Preservação da identidade
- Preservação do património
- Para se tornar um cidadão/cidadã mais informado/a
- Outra: _____

Por fim, escreva um comentário, ou opinião, sobre a aprendizagem que realizou através das atividades de História Local, sobre as capacidades que desenvolveu e as dificuldades que sentiu. Explique de que maneira foi influenciado/a pela História Local.

A sua resposta

Anexo V

Aula I - “Coimbra no Estado Novo: grandes obras públicas que marcaram a cidade”

	Tema: Módulo 7 – CRISES, EMBATES IDEOLÓGICOS E MUTAÇÕES CULTURAIS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	Aula n.º: 85/86 15-12-2022 100 Mins.	Sumário: - Conclusão do tema “Estado Novo”; - Realização de um inquérito sobre “História Local”;
Professor: João de Sousa	Unidade: 2 – O AGUDIZAR DAS TENSÕES POLÍTICAS E SOCIAIS A PARTIR DOS ANOS 30		- Coimbra no Estado Novo: grandes obras públicas que marcaram a cidade.
Turma: 12º C	Subunidade: 2.5. Portugal: O Estado Novo		

Objetivos específicos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Competências
<ul style="list-style-type: none"> - Referir a importância do Ato Colonial; - Identificar os princípios que legitimaram o colonialismo português; - Clarificar a relação económica entre a metrópole e as colónias; - Explicitar como se exaltou o colonialismo; - Identificar o objetivo da criação do SPN; - Caracterizar a “Política do Espírito”; - Destacar como procurou o Estado Novo ganhar visibilidade no exterior; 	<ul style="list-style-type: none"> - Uma economia submetida aos imperativos políticos: a política Colonial; - O projeto cultural do regime; - Coimbra no Estado Novo: grandes obras públicas que marcaram a cidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Promover a leitura e análise de documentos diversos; - Orientar a elaboração de atividades de análise e interpretação de documentos; - Solicitar a apresentação da informação recolhida na leitura e análise de textos e documentos; - Orientar a organização e o registo de dados e informações recolhidas; - Observar as imagens referentes à Cidade de Coimbra durante o período do Estado Novo; - Realizar as atividades de aplicação de conhecimentos e de desenvolvimento de competências; - Realizar um Inquérito para dinamizar um levantamento primário dos conhecimentos pré-adquiridos sobre a Noção de História Local, e sobre o 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização de PPT referente ao tema; - Utilização do Manual da disciplina, dando uso aos textos e material historiográfico presente no mesmo. - Utilização de um Inquérito impresso, para realizar um primeiro levantamento do conhecimento existente sobre História Local; - Utilização de PPT referente à História Local de Coimbra, inserida no grande tema do “Estado 	<ul style="list-style-type: none"> - Analisar fontes de natureza diversa, distinguindo informação, implícita e explícita; - Analisar textos historiográficos, identificando a opinião do autor; - Situar cronológica e espacialmente acontecimentos e processos relevantes, relacionando-os com os contextos em que ocorreram; - Situar e caracterizar aspetos relevantes da História de Portugal;

<ul style="list-style-type: none"> - Recolher as ideias pré-adquiridas dos alunos sobre História Local e a Cidade de Coimbra (Património); - Enquadrar a Cidade de Coimbra no contexto do Estado Novo; - Identificar o conjunto de obras públicas ocorridas na cidade de Coimbra; - Identificar a influência do Estado Novo em Coimbra, através das construções levadas a cabo no período referente. 		património existente na Cidade de Coimbra.	Novo” e as suas políticas de obras públicas.	<ul style="list-style-type: none"> - Relacionar a história de Portugal com a história europeia, distinguindo articulações dinâmicas e analogias/especificidades, quer de natureza temática quer de âmbito cronológico, regional ou local; - Identificar a multiplicidade de fatores e a relevância da ação de indivíduos ou grupos, relativamente a fenómenos históricos circunscritos no tempo e no espaço; - Elaborar e comunicar, com correção linguística e de forma criativa, sínteses de assuntos estudados, estabelecendo os seus traços definidores; utilizando, de forma adequada, terminologia específica;
--	--	--	--	---

				<ul style="list-style-type: none">- Disponibilizar-se para ampliação e aprofundamento da sua formação;- Reconhecer a importância da História Local no contexto lato da História Nacional.

Anexo VI

Aula II – Coimbra: do Marcelismo à Revolução

	Tema: Módulo 8 – Portugal e o mundo da Segunda Guerra mundial ao início da década de 80 – opções internas e contexto internacional	Aula n.º: 160 24-03-2023 50min	Sumário: Dos anos de Marcelo Caetano à Revolução: <ul style="list-style-type: none">• Coimbra no contexto revolucionário.
Professor: João de Sousa	Unidade: 2 - Portugal do autoritarismo à democracia		
Turma: 12º C	Subunidade: 2.2. Da Revolução à estabilização da Democracia.		

Objetivos específicos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Competências
<ul style="list-style-type: none"> - Identificar a realidade social, em Coimbra, durante o período da Primavera Marcelista, até 1974; - Destacar a reação popular, ao 25 de Abril de 1974, na cidade de Coimbra; - Identificar as mudanças observáveis na população coimbrã, após o 25 de Abril de 1974; - Reconhecer a importância da primeira celebração do 1.º de Maio, em 1974; - Reconhecer a importância e o impacto social do 25 de Abril de 1974, na cidade de Coimbra. 	<ul style="list-style-type: none"> - Coimbra durante o período revolucionário. 	<ul style="list-style-type: none"> - Promover a leitura e análise de documentos diversos; - Orientar a elaboração de atividades de análise e interpretação de documentos; - Solicitar a apresentação da informação recolhida na leitura e análise de textos e documentos; - Orientar a organização e o registo de dados e informações recolhidas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização do Manual da disciplina, dando uso aos textos e material historiográfico presente no mesmo; - Atividades de aplicação de conhecimentos e desenvolvimento de competências; - Utilização de PPTs sobre a temática. 	<ul style="list-style-type: none"> - Analisar fontes de natureza diversa, distinguindo informação, implícita e explícita; - Analisar textos historiográficos, identificando a opinião do autor; - Situar cronológica e espacialmente acontecimentos e processos relevantes, relacionando-os com os contextos em que ocorreram; - Situar e caracterizar aspetos relevantes da História de Portugal;

				<ul style="list-style-type: none"> - Relacionar a história de Portugal com a história europeia, distinguindo articulações dinâmicas e analogias/especificidades, quer de natureza temática quer de âmbito cronológico, regional ou local; - Identificar a multiplicidade de fatores e a relevância da ação de indivíduos ou grupos, relativamente a fenómenos históricos circunscritos no tempo e no espaço; - Elaborar e comunicar, com correção linguística e de forma criativa, sínteses de assuntos estudados: estabelecendo os seus traços definidores; utilizando, de forma adequada, terminologia específica;
--	--	--	--	---

				<ul style="list-style-type: none">- Disponibilizar-se para ampliação e aprofundamento da sua formação;- Reconhecer a importância da História Local no contexto lato da História Nacional.

Anexo VII

Aula III - Crise Académica de 1969

	Tema: Módulo 8 – Portugal e o mundo da Segunda Guerra mundial ao início da década de 80 – opções internas e contexto internacional	Aula n.º: 161 24-03-2023 50min	Sumário: Coimbra da Primavera Marcelista: • Crise Académica de 1969;
Professor: João de Sousa	Unidade: 2 - Portugal do autoritarismo à democracia		
Turma: 12º C	Subunidade: 2.2. Da Revolução à estabilização da Democracia.		

Objetivos específicos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Competências
<ul style="list-style-type: none"> - Contextualizar os antecedentes e a realidade nacional, em 1969; - Compreender a importância da Academia na dinâmica da cidade de Coimbra; - Reconhecer a Universidade de Coimbra como dinamizador de ideias político-sociais; - Identificar o pedido da palavra, por parte de Alberto Martins, como gatilho da Crise Académica de 1969; - Explicitar todo o conjunto de eventos que decorre após a ocorrência na inauguração do edifício das Matemáticas; - Reconhecer o impacto social ocorrido na cidade de Coimbra. 	<ul style="list-style-type: none"> - Crise Académica de 1969; 	<ul style="list-style-type: none"> - Promover a leitura e análise de documentos diversos; - Orientar a elaboração de atividades de análise e interpretação de documentos; - Solicitar a apresentação da informação recolhida na leitura e análise de textos e documentos; - Orientar a organização e o registo de dados e informações recolhidas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização do Manual da disciplina, dando uso aos textos e material historiográfico presente no mesmo; - Atividades de aplicação de conhecimentos e desenvolvimento de competências; - Utilização de PPTs sobre a temática. 	<ul style="list-style-type: none"> - Analisar fontes de natureza diversa, distinguindo informação, implícita e explícita; - Analisar textos historiográficos, identificando a opinião do autor; - Situar cronológica e espacialmente acontecimentos e processos relevantes, relacionando-os com os contextos em que ocorreram; - Situar e caracterizar aspetos relevantes da História de Portugal;

				<ul style="list-style-type: none"> - Relacionar a história de Portugal com a história europeia, distinguindo articulações dinâmicas e analogias/especificidades, quer de natureza temática quer de âmbito cronológico, regional ou local; - Identificar a multiplicidade de fatores e a relevância da ação de indivíduos ou grupos, relativamente a fenómenos históricos circunscritos no tempo e no espaço; - Elaborar e comunicar, com correção linguística e de forma criativa, sínteses de assuntos estudados: estabelecendo os seus traços definidores; utilizando, de forma adequada, terminologia específica;
--	--	--	--	---

				<ul style="list-style-type: none">- Disponibilizar-se para ampliação e aprofundamento da sua formação;- Reconhecer a importância da História Local no contexto lato da História Nacional.

Anexo VIII

Visita de Estudo I – “Uma viagem pelo tempo na cidade de Coimbra”

História Local
A Alta de Coimbra

Esta visita de estudo tem como objetivo apresentar a riqueza Histórica da cidade de Coimbra. Ao longo do percurso, veremos a pertinência da História Local, no contexto da História de Portugal.

O plano de visita passa pelo seguinte conjunto de espaços:

- Paço das Escolas;
- Museu Machado de Castro;
- Zona do Colégio de Jesus;
- Alta de Coimbra.

Questionário

Ao longo do percurso os alunos deverão estar atentos para responder às questões que se seguem.

- Quem lançou as bases para a fundação da universidade em Portugal? Em que ano ?

- Que Rei que fixou a Universidade em Coimbra? Em que ano?

- Antes da conquista final de Coimbra aos Muçulmanos, em 1064, o que se situava no edifício do Palácio Real?

- Que acontecimento ocorreu , contra o Regime do Estado Novo, no contexto universitário ?

- Qual a função do criptopórtico ?

- Que Rei foi coroado na atual Sala dos Capelos, em 1385?


- Quem foi o 1º Governador de Coimbra, após a conquista da cidade em 1064?

- Conseguimos identificar elementos da antiga muralha coimbrã? (Dê um exemplo).


- Que Ordem religiosa esteve presente na UC, até à sua expulsão no século XVIII ?

- Que importante estadista dinamizou a construção do Laboratório Chimico, no Século XVIII ?

- Identifiquem elementos dos seguintes períodos:
1. Antiguidade Clássica - _____
2. Idade Média - _____
3. Época Moderna - _____
4. Época Contemporânea - _____



Prof. João de Sousa
28 de março de 2023



Uma viagem pelo tempo na Alta da
Cidade de Coimbra

ROTEIRO

Uma viagem pelo Tempo na cidade de Coimbra



28 de março de 2023
Prof. João de Sousa



Esta visita de estudo tem como objetivo apresentar a riqueza histórica da cidade de Coimbra.

Ao longo do percurso, veremos a pertinência da História Local, no contexto da História de Portugal, observando as diferentes épocas históricas, presentes na cidade.

PONTO DE ENCONTRO

Hórorio: 9h00

Material:

- Roupa confortável
- Calçado adequado
- Material de escrita



Largo da Portagem

PLANO DE VISITA

Paragens:

- Igreja de Santa Cruz
- Porta de Barbacã
- Sé Velha
- Torre de Anjo
- Laboratório Químico
- Criptopórtico
- Paço das Escolas



Mosieiro de Santa Cruz



- Fundado em 1131
- Primeiro Panieão Régio
- Encontram-se sepulhados os reis D. Afonso Henriques e D. Sancho I

Porta de Barbacã



- Inserida no complexo da Almedina
- Era a entrada principal da cidade intra-muros
- Estrutura com arquitetura típica do período manuelino

Sé Velha



- Obra do estilo românico
- Sua construção iniciou-se em 1039
- Encontram-se sepultados na catedral D. Sisnando, Conde de Coimbra, e Vaiaça Lascaris

Torre de Anjo



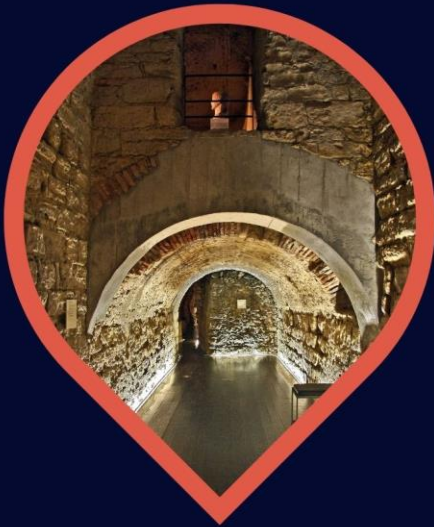
- Antiga torre da muralha medieval coimbrã
- Perdeu a sua função defensiva no séc. XVI
- Foi a residência do poeta António Nobre, durante a sua época de estudante universitário

Laboratório Químico



- Fundado em 1775
- Fruto da Reforma Pombalina, apresenta linha arquitetónicas neoclássicas
- Teve como objetivo proporcionar um ensino mais qualificado

Criptopórtico



- Estrutura que servia para nivelar e suportar o fórum romano
- Foi construído durante o período do Imperador Augusto, reconstruído pelo Imperador Cláudio
- Servia igualmente para armazenar alimentos, por ser um lugar fresco

Paço das Escolas



- Local onde se localizava a Alcaçova de Coimbra
- A Universidade de Coimbra foi fundada em 1290, tendo sido estabelecida efetivamente em 1537
- É possível observar no espaço a Torre da Universidade, a Biblioteca Joanina, a Via Latina...

Aienção aos pormenores...



Deverão prestar aienção ao caminho que irão realizar, pois pormenores irão surgir, e ouiros edificados serão observados



Prontos para uma viagem pelo tempo?



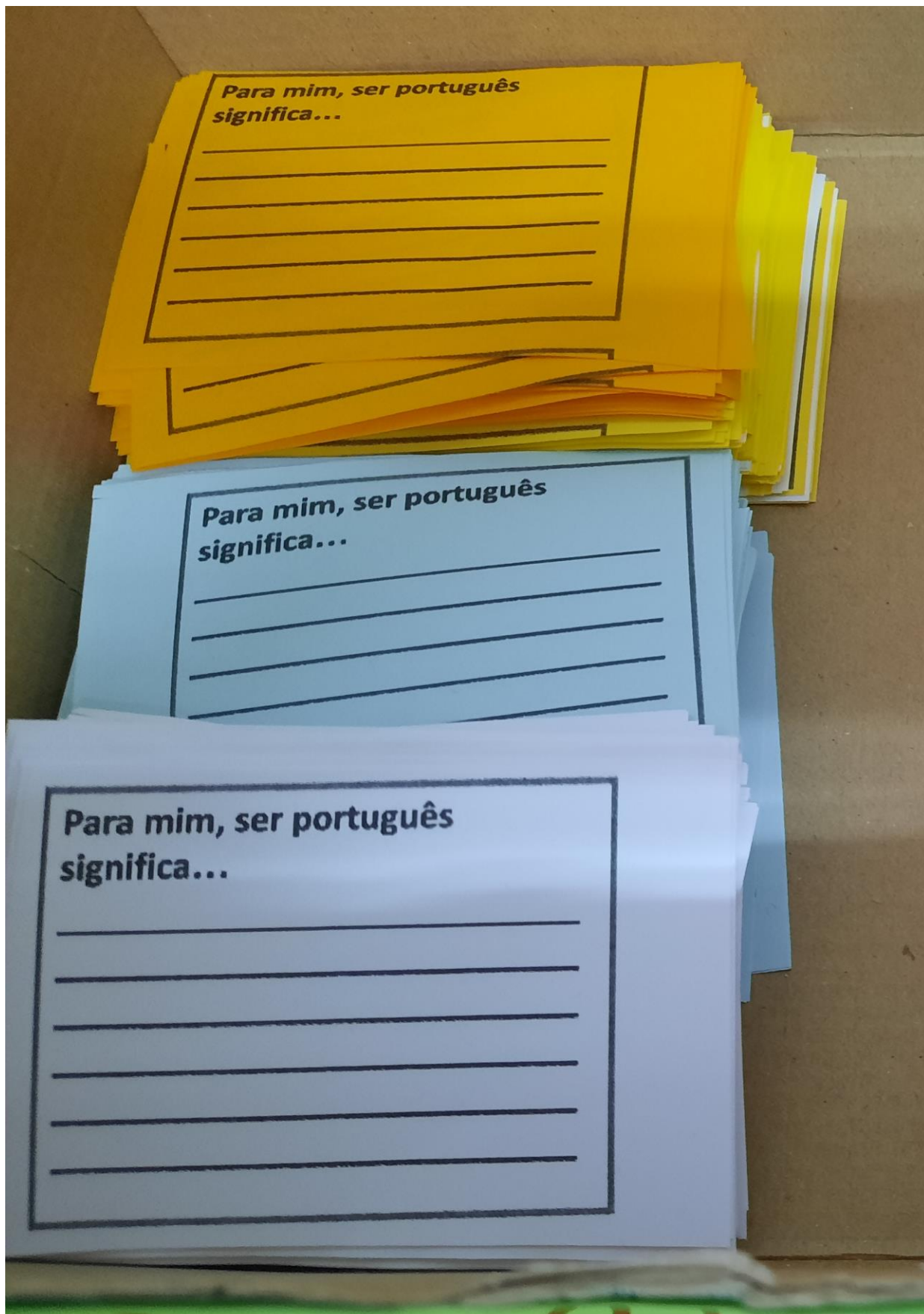
Anexo IX

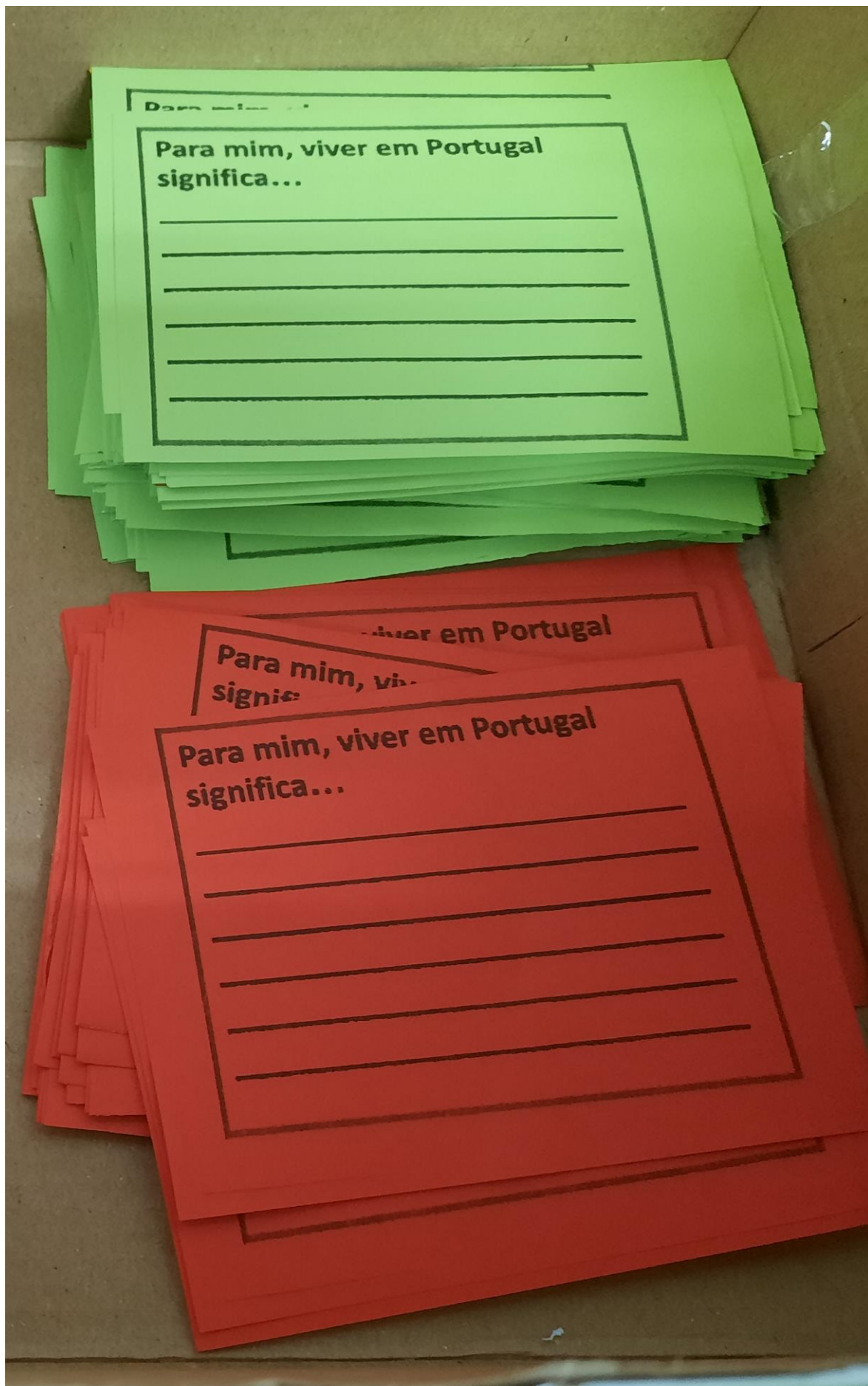
Visita de Estudo II - “Primaveras Estudantis”

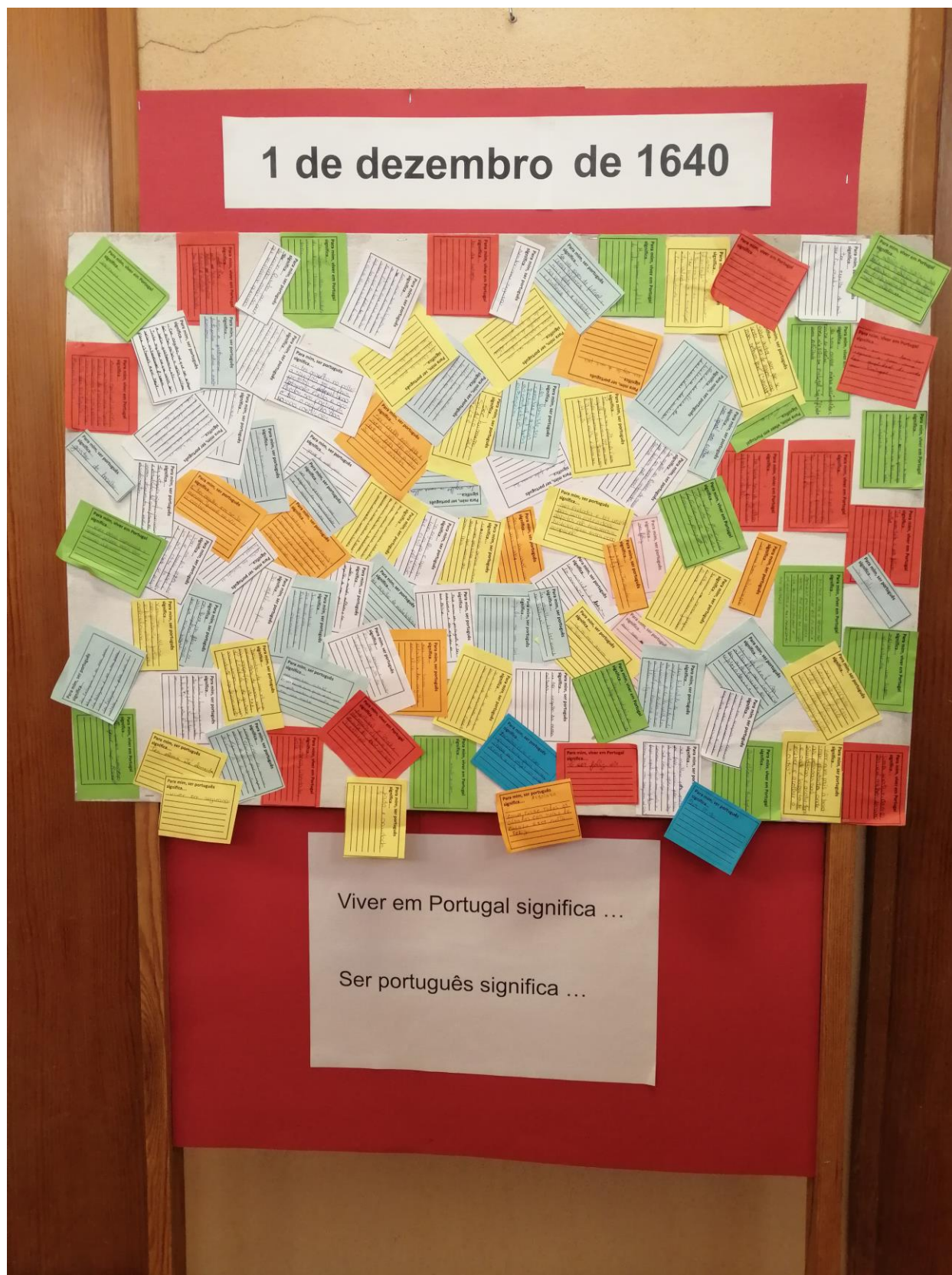


Anexo X

Atividade “1 de Dezembro”







Anexo XI

Atividades referentes ao 25 de Abril



